

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

"Navegantes da Esperança"; análise de um ritual
religioso-urbano em
Porto Alegre.

Autora: Neusa Rolita Cavedon
Orientador: Prof. Sérgio Alves Teixeira

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social como re-
quisito para a obtenção do
título de Mestre em Antropo-
logia Social.*

Porto Alegre

1992

*À Iemanjá ou
Nossa Senhora dos Navegantes*

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação contribuiu para o meu enriquecimento não só sob o ponto de vista acadêmico, mas principalmente no que concerne ao relacionamento interpessoal. Através do trabalho de campo, pude conhecer pessoas que dada a sua abnegação e carinho mantêm vivo o ritual da Festa dos Navegantes, uma das expressões mais significativas da cultura popular porto-alegrense. Aos meus informantes que tanta atenção me dispensaram quero externar a minha amizade e afeto:

- A todos os membros da Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes, em especial, ao Sr. Henrique Licht, ao Sr. José Veríssimo Noronha Filho, ao Sr. Heitor Ferrari (in memoriam), à D. Adelina Cruz, à D. Elenita R. Barcelos, à D. Nair e ao Sr. Ary Azevedo, à D. Lourdes e ao Sr. Ary Polônia;

- Aos padres Monsenhor Arthur Wickert e Pároco Roque Chassot;

- Às irmãs do Colégio Navegantes, Teca e Antônia;

- Ao catequista Airton;

- Ao decorador Walmor Assoni;

- Aos remadores Gilberto, Adão e Eli;

- Aos barraqueiros Negrão e esposa e Sheila;

- Ao capitão Müller da Brigada Militar e aos tenentes Quadros, Brush e Rocha;

- À Terezinha;

- Aos populares, muitas vezes, anônimos, que responderam as minhas indagações.

Afora os meus informantes, quero deixar registrada toda a minha admiração e gratidão aos meus pais, por terem me acompanhado com paciência e carinho em mais esta jornada.

Ao Ivo, pelo apoio espontâneo, expresso no companheirismo presente em todos os momentos cruciais do trabalho, o meu reconhecimento.

Ao meu orientador, pela segunda vez, Prof. Sérgio Alves Teixeira, responsável direto pela minha inserção neste instigante campo do conhecimento que é a Antropologia Social, a minha amizade e respeito.

A todos que, de uma forma ou outra, contribuíram no sentido de que o trabalho viesse a se tornar realidade, os meus mais sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	P.7
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I.....	24
1 HISTÓRICO.....	25
1.1 O bairro em retrospectiva.....	25
1.2 Origem da devoção.....	30
CAPÍTULO II.....	52
2 A COMUNIDADE AFETIVA E A ORGANIZAÇÃO DA FESTA.....	53
2.1 A comunidade afetiva.....	53
2.2 A burocratização da Festa.....	67
CAPÍTULO III.....	72
3 A Transladação da Imagem.....	73
3.1 O início dos festejos; a reunião-coquetel.....	73
3.2 A missa televisiva.....	83
3.3 Os preparativos para a procissão de transladação.....	84
3.3.1 A parte externa.....	84
3.3.2 O andor.....	85
3.3.3 A igreja.....	93
3.3.4 O trajeto.....	94
3.4 A procissão da penitência.....	95
3.5 A adoração da imagem.....	112
3.6 A novena.....	125
CAPÍTULO IV.....	130
4 O DIA 2 DE FEVEREIRO.....	131
4.1 Um feriado móvel?.....	131
4.2 O retorno da Santa ao seu sacrário.....	134

4.3	A praça é dos fiéis em festa.....	144
4.4	Os atores e suas falas.....	161
4.4.1	O povo.....	161
4.4.2	Os remadores.....	166
4.4.3	Os barraqueiros.....	171
4.4.4	Os brigadianos.....	179
4.4.5	O provedor.....	182
4.4.6	Algumas reflexões.....	183
CAPÍTULO V.....		186
5	MITOS E PROMESSAS.....	187
5.1	Os mitos.....	187
5.2	As promessas.....	188
CAPÍTULO VI.....		195
6	ESCREVENDO À SANTA.....	196
6.1	A coleta.....	196
6.2	Cartas e bilhetes endereçados à Iemanjá, em 1990....	199
6.3	Cartas e bilhetes escritos para a Nossa Senhora dos Navegantes, em 1990.....	200
6.4	Cartas e bilhetes sem endereçamento (nem à Iemanjá nem à Nossa Senhora dos Navegantes), em 1990.....	203
6.5	Análise das cartas e bilhetes de 1990.....	203
6.6	Bilhetes e cartas destinados à Iemanjá, em 1991....	205
6.7	Bilhetes e cartas endereçadas à Nossa Senhora dos Navegantes, em 1991.....	208
6.8	Bilhetes e cartas sem endereçamento (nem à Iemanjá nem à Nossa Senhora dos Navegantes), em 1991.....	226
6.9	Análise dos bilhetes e cartas de 1991.....	229
6.10	Considerações gerais.....	234
CONCLUSÃO.....		239
BIBLIOGRAFIA.....		247

RESUMO

A Festa dos Navegantes, em Porto Alegre, foi estudada, a partir da noção de ritual desenvolvida pela Antropologia. Para tanto, foi feita a observação sistemática e participante acompanhada da análise das diversas etapas do ciclo ritual, que tem início na segunda semana de janeiro e término no dia 2 de fevereiro. A transformação da festa de uma manifestação de camadas elevadas e localizada em uma manifestação popular e regionalizada e, ainda, a utilização de símbolos da cultura dominante por grupos dominados como forma desses últimos se aproximarem das camadas superiores foram alguns dos elementos evidenciados ao longo da etnografia.

ABSTRACT

The Navegantes Celebration, in Porto Alegre, was studied, from the ritual notion developed by Anthropology. Therefore, was made a sistematic and participant observation was made, accompanied by the analisis of the various stages of the ritual cycle, that begins in the second week of january and ends february 2. The transformation of the party from a manifestation of high social classes and located in a popular and regionalized manifestation and, yet, the utilization of the dominant culture simbols by dominated groups as a form of these groups to approach the higher classes, were some of the elements made evident during the ethnography.

INTRODUÇÃO

Navegar por sobre as ondas revoltas dos rituais contando com a proteção de Nossa Senhora dos Navegantes representa o objetivo principal deste trabalho.

Embora a Antropologia nos últimos tempos tenha enfatizado o estudo dos rituais ditos seculares, pensa-se que por ter sido pouco explorada a Festa dos Navegantes em Porto Alegre, representa um filão que merece ser analisado com maior acuidade. A retomada de um tema clássico dentro da Antropologia resgata as origens da ciência, porém em outro patamar, uma vez que a evolução do conhecimento determinado especialmente pelas pesquisas acerca dos rituais não-religiosos em muito vem agregando ao nível da teorização, sem contar que a Festa dos Navegantes tanto pode ser enquadrada naquilo que se entende como catolicismo popular, onde o universo do sagrado divide espaço com as manifestações ditas profanas, como em determinados momentos amolda-se aos ditames do catolicismo mais ortodoxo. Todavia, priorizar-se-á para efeitos deste estudo, a observação e análise do evento enquanto uma situação ritualizada.

O tema "procissões" tem sido focado por diversos antropólogos, sendo que a posição paradigmática ocupada por Da Matta faz com que todos os demais pesquisadores remetam-se ao seu trabalho no sentido de validá-lo ou de demonstrar os desvios passíveis de serem encontrados por ocasião das pesquisas empíricas realizadas nas mais diferentes regiões do país.

Para Da Matta (1983) as procissões seriam ritos de neutralização isto porque:

"As festas religiosas, assim, por colocarem lado a lado e num mesmo momento o povo e as autoridades, os santos e os pecadores, os homens sadios e os doentes, atualizam em seu discurso uma sistemática neutralização de posições, grupos e categorias sociais, exercendo uma espécie de Pax Catholica" (p.55).

Alves (1980) realizou um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém, tendo concluído com base nas observações empíricas realizadas que a festa apresenta-se como um

"... poderoso aglutinador em torno de uma generalizada idéia de identidade regional na medida em que se constitui numa 'festa dos paraenses', que mobiliza símbolos reconhecidos como próprios da sociedade local" (p.102).

E mais, que a

"Festa de Nazaré é também uma reunião de pessoas que experimentam, na performance ritual, uma concepção genérica de solidariedade ... Ela permite ... que as pessoas, ainda que reconhecendo o poder sacralizado, vivam momentos de intensa alegria, de contato direto, de superação de barreiras e suspensão momentânea das diferenças" (p.102).

Figueirôa (1987), seguindo a linha de Alves no que concerne ao estudo dos rituais religiosos urbanos, analisa a Festa de N. Sr^a do Carmo de Recife, onde o autor mostra as várias "festas" que se escondem sob a festa. O trabalho

ressalta a diversidade de interesses e de intenções em festejar a Senhora do Carmo, "embora todos ... segmentos venham a convergir na finalidade geral: Celebrar a Padroeira!" (p.381).

Fernandes (1982) estuda a romaria dos Cavaleiros do Bom Jesus de Pirapora, onde vários aspectos do contexto social são desvendados, inclusive a camaradagem e o reforço da identidade masculina que se forjam entre aqueles que participam do evento enquanto cavaleiros.

Brandão (1989), por sua vez, contesta a oposição entre casa e rua estabelecida por Da Matta, preferindo entendê-las não em oposição, mas sim como complementares. No dizer do autor: "... a festa é justamente o jogo generoso e não raro tenso da passagem, de todos ou de alguns atores, de um espaço ao outro" (p.19).

No que tange, especificamente, às procissões, atesta Brandão (1989):

"... na procissão uma multidão respeitosa de devotos viaja por perto com seres que simbolicamente materializam o sagrado. Ali se anda, se canta e se reza" (p.38).

Tanto Alves, como Figueirôa e Brandão fazem questão de enfatizar a sucessão de momentos cerimoniais que se apresentam englobados sob a denominação genérica de "Festa do(a) Santo(a)...".

A escolha, por mim, deste tema se deve ao fato de

que através dos rituais é possível desvendar-se valores que são importantes para uma determinada sociedade. No caso específico pretende-se fazer a análise de uma dimensão da sociedade porto-alegrense pela via daquele que, ao que tudo indica, pelo seu poder de mobilização geográfica, temporal e populacional representa ser senão o mais significativo, pelo menos um dos rituais de maior importância em se tratando de cerimônias religiosas levadas a efeito na capital gaúcha, cuja comemoração se dá há 116 anos.

Tal relevância torna-se ainda mais compreensível ao ter-se presente os postulados de Turner (1974). Para o autor:

"Nas ciências sociais ... está-se difundindo o reconhecimento de que as crenças e práticas religiosas são algo mais que 'grotescas' reflexões ou expressões de relacionamentos econômicos, políticos e sociais. Antes, estão chegando a ser consideradas como decisivos indícios para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas sobre aquelas relações, e sobre os ambientes naturais e sociais em que operam" (p.19).

Ao longo da pesquisa foram exploradas as noções de mito e de ritual.

No que concerne ao mito, compartilha-se da definição de Eliade (s.d.) que diz ser o mesmo "uma história sagrada, quer dizer um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo 'ab initio'" (p.107).

Quanto ao ritual é possível desvendá-lo sob

diferentes prismas. Todavia, antes de mais nada é preciso caracterizar o que vem a ser um momento ritualizado; para tanto buscou-se apoio nos ensinamentos de Turner (1980). O referido autor entende por ritual "uma conduta formal prescrita em ocasiões não dominadas pela rotina tecnológica e relacionada com a crença em seres ou forças místicas" (p.21).

A Festa dos Navegantes pode ser analisada sob a ótica de um rito de passagem da impureza para a pureza, da secularidade para a sacralidade. Essa categorização é dada às celebrações em que a mudança de um estado para outro é posta em relevo; são ritos que acompanham toda a mudança de lugar, estado, de posição social, de idade, enfim, de uma condição para outra. Van Gennep (1978) identifica três momentos ou fases bem distintos dos ritos de passagem: separação, margem e agregação.

Na sua dimensão de rito de passagem, a Festa dos Navegantes apresenta aqueles três momentos bem definidos. Pode-se pensar em um rito de passagem que envolve a Santa e em uma outra dimensão que abrangam os fiéis. Senão veja-se.

A passagem da Santa se daria nos moldes daquela que acontece com os homens por ocasião do seu aniversário, quando, por princípio, se marca com uma festa e com presentes o decurso de mais um ano da sua existência. No caso da N. Sr^a dos Navegantes comemora-se a passagem de mais um ano, buscando maior proximidade com a Santa, ocasião em

que ela é reverenciada mediante o pagamento de promessas, presenteada com velas, cultuada através das procissões e dos demais eventos que compõem o ciclo ritual. A separação se dá quando a Santa deixa a sua igreja; nesta fase ela é afastada daqueles fiéis ou paroquianos que durante todo o ano usufruem de uma aproximação maior com a imagem. A margem ocorre quando das procissões, pois aí a imagem não se encontra nem lá, nem aqui, mas sim em um território neutro. A agregação evidencia-se por ocasião do retorno da Santa à sua igreja, aos seus paroquianos.

A passagem dos fiéis se configura mediante a passagem de um período profano, do cotidiano para um tempo sagrado com a volta do período profano na esperança de que o mesmo seja mais ameno em face da imersão anterior dos fiéis no tempo sagrado. A separação se dá entre devotos e não devotos. A margem se dá por ocasião das procissões quando os fiéis não se encontram em um ponto fixo, mas deslocam-se entre dois templos. Nessa fase, tem-se uma certa aglutinação de pobres e ricos, negros e brancos, políticos e povo, fortes e fracos todos em torno do mesmo símbolo sagrado. Os sofrimentos físicos presentes nos ritos de iniciação das sociedades primitivas podem ser vistos também nas procissões, onde as pessoas descalças ou de joelhos se auto-flagelam. A agregação evidencia-se quando os indivíduos são novamente incorporados ao universo profano.

Após esse rito de passagem, as pessoas sentem-se

como que purificadas, houve a morte simbólica dos indivíduos impuros, pecadores e o renascimento dos mesmos em um novo momento. A contaminação pelo profano se dará durante os próximos 365 dias do ano, quando o ritual será repetido e ocorrerá um reencontro com o sagrado. No dizer de Eliane (s.d.):

"Uma festa desenrola-se sempre no tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa, do de antes ou de depois" (p.98).

A partir do trabalho de Arnold Van Gennep (1908), o estudo do ritual passou a contemplar todos os seus momentos e não só o seu clímax, como até então. Tal posicionamento permite a análise do ritual enquanto uma combinação de momentos sequenciais, de tal sorte que a análise de uma das fases independente das demais induziria a uma visão parcial e muitas vezes incorreta acerca de um dada situação ritualizada. Somente o estudo daquilo que antecede e sucede o momento maior do rito (além desse) é que possibilita uma compreensão plena do fenômeno.

O desvendamento do universo cultural de uma sociedade pode ser feito através da observação e da análise dos seus rituais. Wilson (apud Turner, 1974) argumenta acerca desse postulado com bastante propriedade. Para ela:

"Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo ... os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e

obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas" (p.19).

No dizer de Da Matta (In Genep, 1978), " nós fazemos ritos quando amamos e fuzilamos" (p.11). E acrescenta, ainda, serem os ritos:

"... essas ações que tornam a rotina diária senão suportável ou justa, pelo menos revestem-na com um certo toque de mistério, dignidade e elegância" (p.11).

Moore e Myerhoff (1977) alertam para a necessidade de que se tenha presente os diferentes significados transmitidos por uma manifestação ritual e que, igualmente, se atente para a leitura daquilo que não está explicitado. Nas palavras das autoras:

"... uma cerimônia coletiva é uma ocasião dramática, um tipo complexo de conduta simbólica que usualmente tem uma proposta estabelecida, mas uma que alude mais do que diz, e tem muitos significados ao mesmo tempo".

Por sua vez Da Matta (1983) vê as procissões como um rito de neutralização; isto se deve à impossibilidade de categorizá-las em um só plano. Os préstitos enquadram-se tanto no universo sagrado como no profano, são formais e informais, geram uma "communitas" e acentuam a estrutura.

A inquestionabilidade de um ritual é o que lhe garante a eficácia. Por intermédio dos rituais os indivíduos

são periodicamente adaptados e readaptados às normas e valores que norteiam o contexto social no qual eles estão inseridos. O ritual permite, ainda, que as normas que guiam e controlam os indivíduos assumam um caráter de desejáveis.

Ao tentar estabelecer as diferenças e as semelhanças entre um ritual religioso e um secular, Moore e Myerhoff (1977) enfatizam:

"O ritual religioso lida com o outro mundo para afetar este. A cerimônia secular lida com este mundo e somente com este mundo. (...) Certamente um objetivo comum do ritual religioso e do secular é o de influenciar o seu mundo. Ambos têm conseqüências reais, efeitos psicológicos, sociais ou comunicativos nas pessoas vivas".

Douglas (1976) destaca a importância da existência de manifestações exteriores para que possa haver religião. Para a referida autora uma religião completamente interior seria inviável isto porque:

"Como animal social, o homem é um animal ritual. Se o ritual é suprimido de uma forma, ele aparece inesperadamente em outras, tão mais forte quanto mais intensa for a interação social. Sem cartas de condolência, telegramas de congratulações ou mesmo cartões-postais ocasionais, a amizade de um amigo que está longe não é uma realidade social. Ela não tem nenhuma existência sem os ritos da amizade" (p.80).

E ainda acrescenta:

"Os rituais sociais criam uma realidade que não seria nada sem eles. Não é exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as

palavras são para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e então encontrar palavras para ela. Mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos" (p.80).

Pode-se dizer que as emoções e sentimentos que o homem possui, interiormente, encontram no ritual um "locus" para a sua manifestação. É no ritual que o homem exterioriza e corporifica os seus medos, ódios, amores, crenças; é onde as normas, valores sociais, relações de poder que regem toda a teia social se materializam e refletem a realidade de um grupo, comunidade ou sociedade, adquirindo assim legitimidade.

Por outro lado, as festas, enquanto manifestações ritualizadas, "são uma forma primordial, marcante, da civilização humana" (Bakhtin, 1987, p.7).

A festa se constitui num ritual de extravasamento do "ser cultural" da sociedade onde acontece.

Bakhtin (1987) faz questão de destacar aquilo que caracterizaria o cerne de uma festividade. No entender do autor:

"As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. Os 'exercícios' de regulamentação e aperfeiçoamento do trabalho coletivo, o 'jogo no trabalho', o descanso ou a trégua no trabalho nunca chegaram a ser verdadeiras festas" (p.7-8).

E continua:

"Para que o sejam, é preciso um elemento a mais, vindo de uma outra esfera da vida corrente, a do espírito e das idéias. A sua sanção deve emanar não do mundo dos meios e condições indispensáveis, mas daquele dos fins superiores da existência humana, isto é, do mundo dos ideais. Sem isso, não pode existir nenhum clima de festa" (p.8).

Próximo da linha de teorização de Bakhtin (1987), Cox (1974) alerta para o fato do homem industrial estar perdendo a sua capacidade de fantasiar e de festejar, pois as celebrações deixaram de ser espontâneas para serem, em muitas situações, impostas. No dizer de Cox (1974):

"...sem desfrutar ocasiões autenticamente festivas e sem cultivar a sua fantasia, o espírito e a psique do homem se encolhem. Fica sendo um sub-homem, um mosquito sem origem nem destino" (p.19).

A festa percebida como uma situação que põe o homem a descoberto está presente no discurso de diversos teóricos, mas é Brandão (1989), que com propriedade afirma:

"Possivelmente mais humana do que o próprio trabalho, a festa não quer mais do que essa contida gramática de exageros com que os homens possam tocar as dimensões mais ocultas de sua própria difícil realidade. Generoso espelho do ser mais denso do homem, eis que a festa o revela, de tão fantasiado, posto a nu como nunca" (p.17).

É sobre esse universo fascinante da festa que versa este trabalho, mas vale salientar que o que ocorre anualmente em Porto Alegre, na Festa dos Navegantes,

reproduz-se em outros Estados do Brasil, trata-se, de uma manifestação particular de um fenômeno geral presente na sociedade brasileira.

Metodologicamente a pesquisa enquadra-se no que se costuma denominar de estudo etnográfico.

As técnicas utilizadas para obtenção dos dados abrangeram o manuseio de material documental (com várias horas de trabalho no Arquivo Histórico de Porto Alegre), entrevistas informais e observação sistemática e participante.

A técnica da observação participante foi utilizada no intuito de preencher as lacunas deixadas pelas demais técnicas, pois como bem afirmou Malinowsky (1978), essas omitem o essencial, o sangue e a carne, porque muito da riqueza de significados que permeia a vida social não será captada.

A chamada observação participante é uma técnica cujo fundamento reside num certo processo de "aculturação" do pesquisador. Desta forma o observador talvez possa assimilar as categorias inconscientes que ordenam o universo cultural investigado, não eliminando, contudo, o trabalho sistemático da coleta de dados, nem a interpretação e integração da evidência empírica, de modo a recriar a totalidade vivida pelos membros da sociedade examinada e apreendida pela intuição do pesquisador.

A minha inserção no trabalho de campo se deu

através de um informante-chave (um pesquisador dos dados históricos da Festa) que atuou como facilitador no sentido de integrar-me na rede de relações estabelecida entre os devotos.

É impossível o não envolvimento do pesquisador com o seu objeto quando este trata-se de uma manifestação ritualizada, a emoção é uma companheira que surge de maneira intempestiva sendo impossível contê-la. Aprender a conviver com este sentimento, ao longo do trabalho de campo, foi uma experiência gratificante.

Assim, quando uma garotinha, chamada Carina, de origem humilde, me solicitou que lhe comprasse uma velinha a fim de que ela pudesse acendê-la para a Nossa Senhora (durante a adoração da imagem, em 1991, na igreja do Rosário) e ao ver concretizado o seu objetivo, enroscou-se na minha cintura pedindo ao seu pai para ficar comigo, tive de fazer um esforço enorme para continuar a coleta de dados naquele dia, tão impressionada eu ficara com o drama social experienciado, onde eu era uma das protagonistas, escolhida aleatoriamente entre a multidão.

Na convivência com meus informantes inúmeras vezes afloraram sentimentos de carinho. Muito antes de se configurarem como um entrave na busca do conhecimento científico, essas reações tipicamente humanas serviram para que eu pudesse me aproximar mais daqueles com quem estava tendo a oportunidade de privar em uma situação diferenciada,

onde a rotina fora posta de lado por um certo tempo. De sorte que, a descrição densa e minuciosa é resultado dessa vivência. Tenho consciência de que em muitos momentos o texto se aproxima do meu diário de campo e isto foi feito propositadamente para que a riqueza de detalhes presentes no ciclo ritual não se perdesse.

É preciso alertar, ainda, para o fato de que ao longo do texto usei de maneira indiscriminada as expressões "imagem da Santa" e "Santa", pois penso que para o conjunto de devotos a imagem é percebida como sendo a própria Santa.

Cumprе destacar, também, que os nomes de algumas pessoas foram mencionados em face das mesmas possuírem uma trajetória muito presente na festa.

No que tange à ordenação, afora a introdução e a conclusão, o trabalho está organizado da seguinte forma:

No capítulo I, a visão histórica é revelada com o intuito de mostrar os primórdios da festa tal como ela acontecia.

O capítulo II contempla a identificação do grupo responsável pelo controle e organização do evento.

No capítulo III, são analisados, o início do ritual, a procissão de Transladação, a adoração da imagem na igreja do Rosário e o novenário na igreja dos Navegantes.

O capítulo IV contempla a procissão de retorno no dia 2 de fevereiro, a Praça dos Navegantes e a percepção dos atores sobre o ritual.

No capítulo V, os mitos e as promessas são narrados.

No capítulo VI, os bilhetes, colocados no andor durante a festa, contendo os pedidos dos fiéis são analisados.

Espero contar com a companhia do leitor nesta viagem pela próximas páginas, de sorte que navegando pelos caminhos do simbólico torne-se possível desvendá-los.

CAPÍTULO I

"Há tradições que parecem fazer parte da vida da cidade e que talvez nunca venham a ser esquecidas. Em Porto Alegre ficou a Festa dos Navegantes." (Diário de Notícias, 05.02.1929).

1 HISTÓRICO

1.1 O bairro em retrospectiva

O Bairro Navegantes, local onde anualmente acontecem os festejos em homenagem a Santa que deu o nome ao bairro, situa-se ao norte da cidade de Porto Alegre, às margens do rio Guaíba, distante quatro quilômetros, aproximadamente, do centro da capital gaúcha. A área integra o chamado 4º Distrito juntamente com os bairros São João, Passo D'Areia e Passo da Mangueira. De acordo com a Lei Municipal nº 2022, de 1959, os limites do Bairro Navegantes estão assim definidos:

"Rua Voluntários da Pátria, da esquina da Av. Brasil até seu prolongamento por uma linha em direção oeste-leste, seguindo até a margem atual do rio, até encontrar a Rua Dona Teodora; rua Dona Teodora até a Praça do Bombeador, desta seguindo pela Av. Ceará até a Av. Brasil, até encontrar novamente a rua Voluntários da Pátria."

Segundo Franco (1988), o primeiro arruamento daquele que viria a ser o Bairro Navegantes data de 1870, embora já existisse desde o princípio do século (1806) o Caminho Novo, hoje, Rua Voluntários da Pátria.

Quando Dom Diogo de Souza governou a Capitania, de 1809 a 1814, mandou construir uma casa de campo no atual Bairro Navegantes e fez prolongar, em 1811, a estrada que iniciava no Largo do Paraíso, atualmente, Praça XV, tomando

o rumo da Costa do Rio, passando pelo Porto da Brigadeira, indo até a Várzea do Gravataí. A estrada recebeu o nome de Caminho Novo e seu calçamento só se concretizou quando a Câmara lhe conferiu a denominação oficial de Rua Voluntários da Pátria, em 06.06.1870.

Em Antigualhas, escrito por Coruja (1983), lê-se:

" - A Costa do Rio não passava de uma azinhaga de má passagem, quando em 1812 D. Diogo aí mandou abrir o Caminho Novo pelos presos da cadeia escoltados pelos ordenanças; tendo os presos combinado um levante na véspera da chegada dos milicianos da campanha, revoltaram-se contra os guardas, e o seu comandante que era Furtado Fanfa da rua da Olaria quase morreu vítima de sua fúria (deles), internando-se uns pelo mato e fugindo outros para as ilhas fronteiras" (p.28)¹.

Sanhudo (1979), por sua vez, descreve a área da seguinte forma:

"Até princípios de 1869, pouco mais ou menos, o arrabalde dos navegantes era um lugar completamente abandonado e desconhecido. Embora sem maiores acidentes geográficos do que alguns banhados, sangas e riachos de águas paradas, por vezes protegidos por rala vegetação ciliar mais escura, nada mais podia-se notar nesses campos ao lado norte da cidadezinha. Esta, no entanto, teimava em se agarrar cá no oeste, à beira do rio, na extremidade da encantadora colina da sesmaria do morro de Santana. Os caminhos eram raros. Alguns atalhos improvisados e apenas lá embaixo, junto à margem do Guaíba, uma estrada poética e bucólica, outrora conhecida como Costa do Rio

¹ Mais adiante no livro, Coruja refere-se ao ano de 1811 como sendo aquele em que D. Diogo mandou prolongar a estrada que iniciava no largo do Paraíso: Ver Antigualhas, Porto Alegre, 1983, p.103.

e, já nessa época, consagrada com o saboroso nome de Caminho Novo. Era o histórico lougradouro público que conduzia o porto-alegrense, há mais de meio século, ao famoso Solar de Dom Diogo.

E casas, então, nem se fala! Raras e muito distanciadas umas das outras, quase que se perdiam na imensidão dos campos solitários. Toda a região não passava, na verdade, dum enorme prado verde, muito bonito na sua florescência rutilante da primavera, mas ainda desabitada" (p.285).

Na mesma data em que a Rua Voluntários da Pátria recebeu este nome oficialmente, ou seja, em 06.06.1870, a Câmara Municipal fazia constar em sua ata:

"Sendo presente um requerimento da Presidência da Província, assinado por Dona Margarida Teixeira de Paiva e outros proprietários do Caminho Novo, no qual ofereceu terrenos de sua propriedade para a abertura de uma rua que, da estrada de Gravataí venha sair no Caminho Novo e uma outra rua lateral que, passando ainda por terrenos dos suplicantes, vá encontrar a estrada de Dona Teodora, a Câmara resolve informar a V. Exa. que concorda com a abertura das mesmas ruas, contanto que tenham largura de lei e seja presente no ato de abertura o Engenheiro municipal e respectivo fiscal" (apud Franco, 1988).

Com esta autorização da Câmara surgiam oficialmente as ruas Sertório e Frederico Mentz (denominada na época de São José).

Em 1874 foi construída a estrada de ferro que ligava Porto Alegre a Novo Hamburgo (cidade distante 43 Km de Porto Alegre) e, em 1886, é inaugurada a primeira estação Navegantes, sua construção em madeira situava-se à margem do

rio Guaíba, já a segunda estação de alvenaria, construída em frente à Praça Navegantes, foi inaugurada em 1929.

A igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, aí localizada, demorou para ser concluída, embora as obras tivessem iniciado em 1875, só terminaram em 1896 (no próximo item explorar-se-á mais esta questão).

O bairro desde o início revelou uma forte vocação industrial, com a instalação da Neugebauer, da Fiateci, da Wallig, da Rio Guahyba e da Renner. Empresas essas, ainda hoje presentes no mercado e com uma importância fundamental para área geográfica onde atuam.

No que concerne às atividades esportivas, em 1891, foi implantado na área, o Prado Navegantes que, após uma paralização de atividades, acabou sendo inaugurado em 1894, para funcionar por vários anos.

Segundo Sanhudo (1961):

"Em 1907, o hipódromo passou para os Moinhos de Vento. Navegantes começou a perder o ar despreocupado de bairro esportivo e vestiu a expressão sisuda de região definitivamente industrial. E, assim, não mais, aos domingos, viu as corridas e as correrias do povo para assisti-las" (p.288).

Em maio de 1941, uma enchente assolou o bairro, com as águas alcançando os tetos das casas e causando graves prejuízos, foi a famosa enchente de 41 que gerou a expressão popular, "Abobado da enchente!" ainda hoje utilizada em relação às pessoas apalermadas.

De acordo com o levantamento histórico realizado por Franco (1988), as ruas mais antigas do bairro são: a Rua Voluntários da Pátria, a Rua Dona Margarida, Frederico Mentz, Sertório, Afonso Marques e Dr. João Inácio.

O Bairro São Geraldo surgiria em 1895, como um desmembramento do Bairro Navegantes, mediante o loteamento realizado pela Empresa Territorial Porto Alegrense abrangendo os limites estabelecidos pelas ruas Benjamin Constant e Voluntários da Pátria, Dr. João Inácio e Av. São Pedro.

A área compreendida pelos bairros Navegantes, São João, Passo D'Areia e Passo da Mangueira, portanto, o velho 4º Distrito, apresenta atualmente uma configuração diferente daquela de um passado não muito remoto, de zona residencial transformou-se em um polo comercial e industrial. Os ex-moradores, líderes políticos e religiosos, abandonaram a região que outrora mantinha uma intensa vida esportiva e social fomentada pelos clubes localizados às margens do rio Guaíba. As competições de remo e natação eram incentivadas e as famílias integravam as torcidas. Dos times de futebol que lá existiam - o Avenida Futebol Clube, o Fiategi, o Rio Guahyba, o Pombal e o Mauá - é que saíam os craques. Igual ao centro da cidade, no 4º Distrito não há mais uma população fixa, o que é perfeitamente visível nos finais de semana e feriados, quando o local costuma se transformar em uma "zona morta".

Um morador, que nasceu e vive até hoje na zona norte, diz que a inibição do crescimento residencial da área e até mesmo o retrocesso havido tem como causa o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, em vigor desde 30.07.1979, criado e executado pela Prefeitura e que não permitiu mais a construção de prédios com mais de quatro andares. No entender do morador isto fez com que 50% das pessoas, residentes no bairro, optassem por outros locais para se fixarem. Na sua opinião a administração municipal deveria revisar o Plano Diretor e transformar novamente a área num local também residencial. Nas suas palavras:

"Em termos de arrecadação o 4º distrito foi e continua sendo a mola propulsora de Porto Alegre. Apesar de ter instaladas indústrias de porte, não dispõe de lugar para morada de funcionários" (Zero_Hora, 14.11.90, p.8, ZH Zona Norte).

1.2 Origem da devoção

Porto Alegre foi fundada em 26 de março de 1772, data em que, criada a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, emancipou-se de Viamão (cidade que hoje integra a grande Porto Alegre), tornando-se uma unidade demográfica com personalidade própria, configurando-se então o surgimento de um aglomerado humano distinto (Cf. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul). Em 11 de dezembro de 1810 é elevada à categoria de Vila, adquire o

status de Cidade em 14 de novembro de 1822 e em 07 de maio de 1848 é criada a Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul com sede em Porto Alegre. Passados treze anos, em 06 de fevereiro de 1861, foi nomeado o segundo Bispo da Diocese, Dom Sebastião Dias Laranjeira que recrutou sacerdotes de outros Estados, especialmente da Bahia, para virem ao Rio Grande do Sul.

De acordo com o levantamento histórico realizado por Licht (1989), dois artigos publicados um em 05 de julho de 1863 e outro em 29 de outubro de 1865, numa revista semanal, *A Estrella do Sul* (editada localmente), assinados pelo padre baiano Francisco Bernardino de Souza teriam difundido entre os habitantes de Porto Alegre a crença e a vontade de reverenciar a Nossa Senhora dos Navegantes. O primeiro artigo narra a lenda da Senhora do Bom Despacho e o segundo relata a Procissão dos Navegantes tal como ocorria na Bahia.

Em 1870, Julio Marques Cesar, Bernardino Dias Pereira, Joaquim Antonio Campos e João José Farias, todos portugueses radicados na capital gaúcha, solicitaram ao escultor João de Affonseca Lapa, da Vila Nova de Gaia, à margem do Rio Douro, em frente à cidade do Porto, uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. Ocasão em que, também foram encomendados aos estaleiros de Setúbal em Portugal, três iates: o Rio Grande por João Joaquim Campos; o Promptidão por Francisco de Lemos Pinto; e o Porto Alegre por João José de Farias.

No ano seguinte, em janeiro, os três iates aportaram no

Estado, o Porto Alegre trazia a imagem da Santa que custou Rs 500\$000 (meio conto de réis), enquanto o Promptidão transportava as duas coroas da imagem e várias alfaias.

Na medida em que a chegada da imagem guardava proximidade com o dia 2 de Fevereiro, que pela Igreja Católica é considerado o "Dia da Purificação de Nossa Senhora", esse dia foi escolhido como sendo aquele no qual anualmente exaltar-se-ia a Nossa Senhora dos Navegantes.

O grupo de portugueses que encomendou a imagem da Santa, solicitou que a mesma, ao chegar em Porto Alegre, permanecesse em exposição pública numa das igrejas centrais. A escolha recaiu sobre a igreja de Nossa Senhora da Conceição, dada a sua contigüidade com a Sociedade Portuguesa de Beneficência da qual alguns membros do grupo eram diretores.

Para a permanência da imagem, após a procissão fluvial, foi escolhida a igreja do Menino Deus, isto se deveu ao fato de inexistir, em Porto Alegre, na época, nenhuma capela, igreja ou devoção àquela invocação de Nossa Senhora e também porque neste local morava um número bastante grande de portugueses e seus descendentes, sendo que a maioria dos membros do grupo que havia encomendado a imagem em Portugal também aí residia.

Em 1871, é fundada a Devoção da Santa Virgem Protectora dos Navegantes pelos senhores Joaquim Antonio Campos, Joaquim Assumpção, Leopoldo Gomes Saraiva, Francisco Lemos

Pinto, João José de Farias, Joaquim de Souza Vitello e outros, predominando lusitanos e luso-brasileiros.

O jornal *A Reforma* de 27 de janeiro de 1871, anunciava a FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES, que seria realizada na capela do Menino Deus, no dia 2 de Fevereiro, além da missa cantada, haveria uma queima de fogos de artifícios às 10 horas da noite.

O programa divulgado no jornal *A Reforma* do dia 28 de janeiro de 1871 dizia:

"NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

A devoção encarregada da festa de N.S. dos Navegantes faz publico para conhecimento de todos o seguinte:

PROGRAMMA

Procissão

No domingo, 29 do corrente, logo que S. Ex. Revma. haja lançado benção á imagem depositada na igreja de N.S. da Conceição, reunidas as confrarias e irmandades que se dignarem comparecer, sahirá em procissão a imagem de N. S. dos Navegantes: seguindo pelo becco do Barboza e Caminho Novo até a rampa do Mercado, onde será recebida á bordo da embarcação que a deve conduzir ao porto do arraial do Menino Deus, rebocada pela elegante lanxa á vapor - JURITY - que obsequiosamente foi cedida por seus proprietarios, para tão piedoso fim. A devoção roga aos Illms. Srs. capitães e mestres dos navios, proprietarios e mais pessoas que possuam pequenas embarcações taes como lanxas, escaleres, canôas & o obsequio de apresental-as tripuladas até ás 2 horas da tarde na rampa do novo mercado, afim de entrarem em linha, no logar que á cada uma competir; visto que todas as embarcações que se apresentarem formarão duas alas, e serão rebocadas por barcas á vapor.

A devoção pede igualmente á todos os navios, que se acharem ancorados no porto, o especial favor de embandeirarem em arco ou como lhes fôr possivel.

Ao frontear o prestito marítimo com a praça da Harmonia, um parque do brioso 1º regimento de artilheria á cavallo dará uma salva de 21 tiros.

O desembarque no porto do arraial do Menino Deus será feito nos dois trapiches dos vapores das companhias Jacuhy e Monarcha, guardando a procissão a devida ordem até a capella, onde o Revd. Cura Frey Caetano de Troyna accupará a tribuna sagrada, afim de dignamente ser alli recebida a Imagem de N.S. dos Navegantes. A banda de musica da sociedade - União-Brasileira - sob a presidencia do Illm. Sr. João Pereira Maciel, acompanhará tambem a procissão, tocando escolhidas peças em todo o trajecto por mar, e obsequiosamente se reveará com outras bandas de musica, já obtidas pela devoção para identico fim. A devoção julga de seu dever mencionar n'este programma que os Srs. moradores do Caminho Novo que tanto contribuíram para o brilhantismo d'esta festa, pretendem levantar arcos triumphaes n'aquella rua e saudarem com girandolas e flores a procissão da imagem. As pessoas que tiveram de apresentar anjos para esta solemnidade, deverão comparecer na igreja de N.S. da Conceição até a hora já designada, nos annuncios publicados nas folhas diarias.

EESIA

No dia 2 de Fevereiro vindouro terá logar na capella do Menino Deus a festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Occupando o solio o Exm. Sr. D. Sebastião Dias Larangeira, digno bispo d'esta diocese. A's 11 horas da manhã haverá missa cantada com sermao ao Evangelho, do qual incumbiu-se o Revd. Sr. padre Bernardino Francisco Martins Gafanhoto.

Tocará n'esta festividade a orchestra dos distinctos professores, dirigido pelo maestro Sr. Mendanha.

A's 6 horas da tarde cantar-se-ha o Te-Deum Finalisarà a festividade com um lindo fogo de artificio ás 10 horas da noite. Todos os fieis que desejaram contribuir com suas esmolas pecuniarias ou de cêra em velas poderão com antecedencia envial-as ao thesoureiro Sr. Manoel da Rocha, rua do Caminho Novo n.8; aquelles, porém, que quizerem dar flores para adorno dos altares no

dia de festa, são rogados a mandal-as entregar
de vespera na capella do Menino Deus ao Revd.
Cura Frey Caetano de Troyna.

Porto 26 de Janeiro de 1871"

(Licht, 1989, p.28-30)

A reprodução na íntegra do programa da primeira festa em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes visa a, em primeiro lugar, mostrar como esse acontecimento pode ser enquadrado naquilo que Da Matta (1983, p. 37) chama de um evento "extraordinário construído pela e para a sociedade" e, portanto, perfeitamente previsível.

A programação permite ainda, dado o grau de minúcia em termos organizacionais, concluir-se ser essa manifestação um ritual por ajustar-se perfeitamente naquilo que da Matta (1983) postula como evidências presentes nas situações ritualizadas, ou seja, "momentos marcados pelo comportamento solene, caracterizado pelo controle explícito da palavra, dos gestos e vestimentas, como ocorre nos funerais e alguns ofícios cívicos e religiosos" (p.37-8).

Em segundo lugar, cabe destacar que o arraial do Menino Deus para onde foi conduzida a Santa era considerado de elite, para usar a expressão de Ary Sanhudo (1979), o "chique arraial do Menino Deus".

A pedra fundamental da capela do Menino Deus data de 1850 e a inauguração do templo, na noite de Natal de 1853. No dizer de Sanhudo:

"... Nos dias de festas, mormente nas festas da Igrejinha, em dezembro, os burrinhos corriam chicoteados, festivos e embandeirados, carregando as multidões para o largo do templo que congregava a fina flor da sociedade porto-alegrense" (p.215).

E mais:

"Menino Deus sempre fora para a cidade o bairro das elites e das festas" (p. 218).

é curioso, ainda, notar que o rio Guaíba, que banha a cidade de Porto Alegre, é referido no programa da primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes como se fora um mar: "A banda de musica... acompanhara... todo o trajecto por mar".

Por outro lado, em 1872, o jornal "A Reforma" datado de 01 de fevereiro, veiculara a notícia de que seria encenada, no Teatro São Pedro, a peça "Marinha ou o Regresso do Comandante Jorge", no dia 2 de fevereiro em regozijo à festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Aqui cabe uma análise, é a do contraponto entre o sagrado e o profano, pois uma peça teatral que faz parte do universo secular é realizada com intuito de homenagear o sagrado. É a esfera terrena voltada para o universo dos deuses, santos e entes sobrenaturais, quando esses dois segmentos parecem se misturar.

No segundo ano, a imagem da Santa foi transportada para a igreja do Rosário, seguindo a idéia inicial de que a

mesma deveria ficar exposta para adoração em uma igreja central para, posteriormente, regressar no dia 2 de fevereiro ao templo do Menino Deus. Todavia, a festa nesta ocasião foi adiada para o dia 11 de fevereiro, quando senhoras da sociedade participaram do coro durante a celebração da missa.

Por terem sido concluídos, em 1872, os altares laterais da igreja de Nossa Senhora das Dores, a Santa foi transportada para esse templo, em 1873, de modo a dar conhecimento aos devotos acerca da bela decoração executada na referida igreja. Tendo sido esta a única vez que a imagem permaneceu naquela igreja.

Raros foram os anos em que a Santa não foi transportada para a igreja de Nossa Senhora de Rosário. De acordo com o relato de Franco (1988) acerca desta igreja :

*A primeira igreja fora erigida entre 1817 e 1827 pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, uma confraria de negros livres e escravos. Essa Irmandade, instituída em 1786 junto à Matriz de Nossa Senhora da Madre de Deus, tendo sido afastada da Matriz pelo respectivo Vigário José Inácio dos Santos Pereira, tratou de construir o seu próprio templo, para isso adquirindo um terreno na então Rua da Bandeira, em 02/10/1816, logo acrescido de outro que lhe foi doado por Antônio Pereira de Couto. Edificada nas horas vagas dos trabalhadores negros sob a direção do tesoureiro da Irmandade, Francisco José Furtado, vulgo "Chico Combutá", a igreja recebeu a imagem de sua padroeira, vinda da Matriz, em 25 de dezembro de 1827. Tornou-se sede de freguesia em 24/10/1832. Sob a alegação de que a Igreja se tornara pequena para o culto e ameaçava desabar, a

Mitra Arquidiocesana a demoliu, substituindo-a por uma construção pesada, sem originalidade e sem afinidade estilística com a arquitetura local" (p.353-5).

Os avanços tecnológicos vão sendo incorporados à festa, modificando hábitos e introduzindo novos comportamentos. Ao fazer-se a análise do espaço ritual ao longo do tempo pode-se desnudar a sociedade porto-alegrense em cada época, pois afinal, como bem postulou Geertz (1978) com relação aos balineses, o ritual corresponde a uma história que a sociedade conta de si para si mesma.

Tendo inaugurado a sua primeira linha de bondes de tração animal em 04 de janeiro de 1873, a Companhia Carris de Ferro Porto Alegrense, colocou os seus seis carros, no dia 02 de fevereiro, a serviço da população, transportando passageiros até o arraial do Menino Deus.

O registro de uma manifestação cultural típica dessa época encontra-se no jornal A_ REEDORMA datado de 31 de janeiro de 1873:

"Festa de Nossa Senhora dos Navegantes
Baile de Mascaras
A Rapaziada
No domingo próximo 2 de Fevereiro estará o pavilhão do arrabalde do Menino Deus á disposição da rapaziada que se queira divertir. As entradas serão gratis: porem o mascarado se apresentará ao empresário, que lhe dará ingresso se o julgar decente; ou antecipadamente se entenderão com o abaixo assignado no mesmo pavilhão ou Campo do Bonfim, junto á residencia do Illmo. Sr. Domingos José Marques de Oliveira. O baile terá princípio às 5 1/2 horas da tarde. O

empresario previne mais a rapaziada que tendo de dar no mesmo pavilhão grandes bailes carnavalescos, se vão preparando para os seguintes domingos, de forma acabar com o funesto entrudo pouco próprio de uma cidade como Porto Alegre.
José Domingos da Cruz" (Licht, 1989, p.41).

Em 1874, começa a haver um movimento visando a retirada da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes da Capela do Menino Deus e a sua alocação em uma capela própria situada nas margens do rio Guaíba.

Em 21 de fevereiro de 1875, Dona Margarida Teixeira de Paiva doou um terreno de 700 palmos por 540 palmos onde, segundo escritura pública deveria ser edificada uma Capela ou Igreja, sendo destinado o restante do terreno a uma praça, sendo que nenhuma outra construção além da Igreja poderia ser ali levantada. Caso a Igreja não fosse construída para a colocação da Santa e a praça tivesse uma utilização diferente daquela proposta pela outorgante, a doação reverteria em favor da doadora ou de seus herdeiros. O terreno fora avaliado em três contos de reis.

Dado o poder de mobilização exercido por este ritual, já em seus primórdios, uma nota da Companhia Carris, publicada no jornal Mercantil de 30.01.1875, alertava acerca dos transportes no período das festividades:

"Companhia de Carris de Ferro Porto Alegrense
A gerencia previne ao respeitavel público que os carros da Companhia, nos dias 31 do corrente e 2 de Fevereiro, por ocasião da festa de N.S. dos Navegantes, trabalharão pela

tabella dos dias uteis com as seguintes alterações approvadas pelo Exmo. Sr. Dr. chefe de policia.

No dia 31 do corrente

Depois das 2 horas e 40 minutos da tarde, os carros da linha do Campo funcionarão entre o Portão e o Menino Deus até a hora em que sahir a procissão da capella, depois dessa hora e em quanto durar o trajecto da mesma, os carros que regressarem do Menino Deus tomarão passageiros unicamente até ao ponto em que ella transitar; continuando a trabalhar consecutivamente, depois de desempedida a linha até às horas marcadas na tabella.

No dia 2 de fevereiro

Nas linhas da MARGEM, do CAMPO e AZENHA, não haverá alteração do horario. Na do CAMINHO NOVO as primeiras viagens do Mercado para esse lugar serão às 4 e 20, 4 e 40, 4 e 50 e 5 horas da manhã: durante o trajecto da procissão, os carros que partirem do Mercado para o mesmo lugar, tomarão passageiros unicamente até o ponto em que ella transitar, continuando depois de desembaraçada a linha, a trabalhar consecutivamente até às horas de regresso da procissão por mar para a Capella do Menino Deus, para cujo ponto partirão depois disso todos os carros extraordinarios que funcționarem n'esta linha, afim de trabalharem na do Campo até 2 horas pelo menos depois do fogo.

Pôrto Alegre, 29 de janeiro de 1875.

A Direcção" (Licht, 1989, p.50).

A Transladação da imagem para a igreja de Nossa Senhora do Rosário ocorreu no dia 31 de janeiro de 1875, de lá a Santa foi conduzida até o local onde seria erigida uma igreja em seu nome, seguindo depois, em procissão fluvial, para a Capela do Menino Deus.

Apesar dos protestos levantados por aqueles que habitavam o arraial do Menino Deus, a imagem acabou mesmo sendo transferida, em 1877, para o templo erguido em sua

homenagem. Todavia, a conclusão da obra só se concretizou em 1896, tendo custado cerca de vinte contos de réis. O senhor Manoel da Silva Gageiro doou uma pequena área, vizinha aos fundos da capela, em 1877.

Por sua vez, os habitantes do arraial do Menino Deus criaram a Devoção de Nossa Senhora da Boa Viagem. As festas ali realizadas rivalizavam com a de Nossa Senhora dos Navegantes.

Ao longo dos anos, no dia 2 de fevereiro, eram disputadas regatas em frente à Capela de Nossa Senhora dos Navegantes, tendo inclusive no programa das regatas em louvor de N. S. dos Navegantes, de 1889, uma referência a entrega dos prêmios que merece ser transcrita: "Uma comissão de distintas jovens da nossa sociedade entregará aos vencedores o premio que tiverem conquistado, dando-se com isso maior brilhantismo à diversão " (Licht, 1989, p. 72). Efetuava-se ainda a queima de fogos de artifício e o lançamento de balões, sendo que as bandas de música costumavam engalanar as festas. As salvas de artilharia e fuzilaria foram proibidas em 1880.

A Devoção de N. Sa. dos Navegantes costumava solicitar através dos jornais aos moradores das ruas, por onde a imagem da Santa iria passar, que limpassem e decorassem as mesmas.

Às três horas da tarde de 1883, houve cavalhadas na praça da capela dos Navegantes e, em 1884, Jardineiras,

de acordo com o Jornal do Commercio, datado de 01.02.1884:

*N. S. dos Navegantes

A devoção de N. S. dos Navegantes, grata ao respeitavel publico pelo acolhimento que lhe tem dispensado, resolveu addicionar aos festejos já publicados no respectivo programma, a bonita diversão do bando de

JARDINEIRAS

composto de 40 pessoas de ambos os sexos, que caprichosamente vestidas e ensaiadas por um habilissimo professor de dança, se exhibirão em um tablado para esse fim levantado no arraial dos Navegantes, nas tardes dos dias 2 e 3 de Fevereiro próximo.

Sendo este divertimento raro e tão apreciado, espera a devoção do respeitavel publico e bem assim da classe que é ella protectora, as suas assistências para maior brilhantismo da festa que consagramos a mesma Senhora".

Queixas contra aqueles que deveriam manter a ordem, apparecem com alguma frequência no passado, é o caso da nota divulgada no jornal O Conservador, datado de 03.02.1885:

"Fructos do tempo.- A força policial incumbida de manter a ordem nos Navegantes, embriagou-se hontem desde o alferes commandante, até a ultima praça, e, neste estado, todos elles provocavam desordens, em vez de velar pela segurança publica.

Esta informação deu-nos um amigo, pedindo-nos para reclamar providências afim de não se reproduzir mais um acto tão immoral. Perdemos o nosso tempo.

Nesta situação, a policia provoca desordens e seu chefe protege e dá escapula aos assassinos.

São fructos do tempo.

Felizmente vão acabar breve. ✓

Em 1909, por sugestão do juiz festeiro daquelle

ano, foi efetuado um seguro contra fogo da igreja e alfaias e, em 1910, no dia 21 de dezembro à uma hora da madrugada, um incêndio, ao que tudo indica criminoso, destruiu toda a igreja, inclusive a imagem da Santa, inviabilizando a festa de 1911. Salvou-se apenas o cálice e o bastão do juiz, ambos doados em 1889.

Uma nova imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi solicitada ao escultor que fizera a primeira, sob recomendação de reproduzi-la, tanto quanto possível, idêntica à anterior.

A nova igreja foi inaugurada em 1912. Todavia, como a imagem não ficou pronta, não houve procissão também neste ano. Por se encontrar velho e doente o escultor João de Affonseca Lapa só conseguiu concluir o trabalho em 1913, tendo a Festa ocorrido no dia 30 de março do referido ano.

Em 1914, começa a participação dos remadores dos clubes náuticos da capital na formação da guarda de honra ao andor da padroeira dos marítimos. Em 1915, a "Liga Nautica Rio-Grandense" oficializa essa participação, uniformizando os jovens remadores com calça branca, camiseta azul marinho, chapéu e sapatos brancos.

Os remadores que desde 1871, costumavam acompanhar a procissão fluvial foram proibidos de fazê-lo, pelos clubes de remo, em 1947, em virtude de um acidente grave ocorrido naquele ano. Contudo, até 1970, um remador solitário desafiava as normas navais, recebendo severas punições. O

"Praça Velho", campeão gaúcho de remo, só abriu mão da sua participação após ter vivenciado uma situação de perigo em 1970. Desde então, nenhum barco a remo tomou mais parte no cortejo náutico.

Nos seus primórdios, a Festa dos Navegantes servia para demonstrações de atividades esportivas ou culturais inéditas na capital. É o caso do water - polo ou handball jogado pela primeira vez em 2 de fevereiro de 1914.

Os passeios venezianos eram considerados como a nota "chic" da festa, destacando-se os clubes Barroso e Almirante Tamandaré.

Em 1946, o andor ganhou a forma de barco e a denominação de ESPERANÇA. Tendo sido idealizado pelo Dr. F. Muller, possuía quatro colunas de madeira em espiral, o que em muito dificultava a sua condução, razão pela qual acabaram sendo retiradas. Em 1971, o andor foi reconstruído guardando as características do anterior (sem as colunas).

Uma reportagem, assinada por Joseph Zukauskas, sob o título "Madona dos Marujos", publicada na Revista do Globo nº 606, de 20 de fevereiro a 05 de março de 1954, retrata uma mudança de comportamento de classe entre aqueles que participavam do evento ritual, nesta época:

"... E os netos e bisnetos dos ilheús fundadores, religiosos por natureza e tradição, fazem feriado neste dia, e por água e terra seguem a imagem até sua igreja. As pessoas de bem perderam o hábito avoengo, fazem de suas sacadas altas, frisas de teatro, e de binôculo ao olho acompanham o cortejo tão

bem como se dêle fizessem parte. E o que pensam. Os outros, os que por único bem tem a fé, esquecem a jurisdição da santa e vão-lhe pedir soluções para suas atribulações terrenas, acendem velas pelos favores obtidos e também pelos recém pedidos. Depois vão comer melancia" (p.6-7).

Segundo Licht (1989), em março de 1962, a Devocão foi pressionada no sentido de demolir a tradicional igreja dos Navegantes, sob a argumentação de que a área seria necessária para a construção das elevadas de acesso à ponte do Guaíba. Embora a igreja, após inúmeras tratativas, tenha sido resguardada, o coreto, construído em 1930, acabou sendo alvo de demolição.

Na medida em que a celebração foi granjeando importância, começa-se a observar um fluxo cada vez maior de personalidades políticas no evento, especialmente, a partir do governo de Getúlio Vargas, com este tendo, inclusive, participado da festa de 1930, como noticiou um jornal da época "O Presidente do Estado assiste aos festejos" (*Correio do Povo*, 03.02.1930).

Brizola se fez presente ao ritual tanto na época em que era Prefeito de Porto Alegre (1956), como quando Governador do Estado (em 1961 e 1962). Com o golpe militar de 1964, verifica-se o comparecimento do Comandante do III Exército à Festa, em 1966.

Na matéria de Archymedes Fortini publicada no jornal *Correio do Povo*, datada de 07.06.1973, tem-se uma

narrativa acerca da participação de políticos na Festa:

"Em 1930, éramos juiz em exercício, por haver falecido o eleito Armando Pitta Pinheiro. O presidente Getúlio Vargas, além de participar do desfile náutico, ainda ao entardecer, com sua casa militar, visitou a igreja, percorrendo as barracas e recebendo com agrado medalhinhas e lembranças. E, tendo depois ascendido à presidência da República, no Rio de Janeiro, recebia religiosamente as estampas e medalhas que eram agradecidas em atenciosos ofícios.

Os interventores como o gen. Flores da Cunha, gen. Cordeiro de Farias, desembargador Samuel Figueiredo; dr. Cilon Rosa e governadores como o gen. Ernesto Dornelles; drs. Walter Jobim, Leonel Brizzola, Ildo Meneghetti (duas vezes eleito) e tantos outros - antes e depois de eleito o coronel Walter Peracchi Barcelos, deram elevadas demonstrações de sua solidariedade moral e material à Santa tão ligada à vida cristã dos porto-alegrenses. Temos ainda o deputado Carlos Santos, participante há muitos anos das festividades e o governador Triches, neste ano. O que se registrou com os chefes do Executivo estadual, o mesmo se pode dizer do Executivo municipal através dos anos, e sendo que o atual Prefeito Thompson Flores está também participando desse tradicional culto, pelo que já realizou a favor da Devolução à Nossa Senhora dos Navegantes".

Pode-se pensar ser esse espaço ritual um locus importante enquanto manifestação de pessoas ligadas ao poder.

O afastamento da elite dos festejos navegantinos já percebida, em 1946, parece acentuar-se com o passar dos anos e, em 1972, Franco escreve:

"Navegantes
Embora seja a Festa dos Navegantes uma das mais antigas e tradicionais da Capital,

garanto que mais da metade dos porto-alegrenses jamais pôs o pé no formigueiro de suas novenas, nem foi comer melancias sob as tendas improvisadas, nem arriscou seu cruzeirinho numa das numerosas barracas de sorteio e jogos. Menor ainda o número dos que embarcaram na lancha embandeirada para acompanhar a "Santinha", do cais do porto à matriz do bairro industrial. Desde muito que essas formas de culto só atraem devotos ingênuos. É que a sotificação dos gastos passou a repelir discussões de rua, marcadas por aglomeração, atropelos e promiscuidade. De modo que a velha Festa só atrai gente humilde, que ainda sente as emoções da veneração coletiva e que não receia o cálido atrito das multidões (Correio do Bojo, 02.02.1972).

Tal argumento acerca do distanciamento dos dominantes é reiterado dez anos mais tarde:

"No começo, a festa não era popular como caracteriza-se nos dias contemporâneos, como narra Heltor Ferrari, que ocupa as funções de coordenador da procissão - em lugar de seu pai, Francisco Domingos Ferrari - antigamente a imagem era conduzida por um grupo seleta da sociedade religiosa porto-alegrense. Exigia-se, inclusive uma escolta de soldados que fazia o isolamento do grupinho devoto, para evitar a mistura do povo" (Zero Hora, 02.02.1982, p. 23).

Em 1970, a Praça dos Navegantes foi asfaltada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Desde 1941, que a Praça vem sendo arrendada. A Igreja explora: dois salões de festa (salões paroquiais), servindo alimentos e bebidas e uma barraca de lembranças de Nossa Senhora dos Navegantes. Existe, ainda, um "livro-ouro" que percorre as redondezas do bairro, com a finalidade de angariar fundos junto a

empresários e moradores daquela área.

A procissão fluvial configurava um dos momentos de maior clímax do ritual. Historicamente tem-se que em 1887, a Festa foi cancelada devido ao falecimento do juiz-festeiro daquele ano, levando, por via de consequência, a não realização do préstito fluvial, o mesmo ocorrendo, em 1911 e em 1912, quando a imagem da Santa queimara no incêndio havido na igreja em 1910. Nos últimos três anos, 1989, 1990 e 1991, a procissão fluvial foi cancelada, por determinação da Capitania dos Portos sob a alegação de que as embarcações não apresentavam condições de segurança no transporte de seus passageiros concernentes à coletes salva-vidas, bóias e barcos de sobrevivência. Em face da tragédia que ocorrera, no Rio de Janeiro, durante a festa de passagem do 19 dia do ano de 1989, quando o barco "Bateau Mouche" naufragou vitimando 51 pessoas, a Capitania dos Portos cumpriu à risca a legislação.

Este fato modificou uma parte importante do ritual, fazendo com que os fiéis veiculassem pela imprensa a intenção de organizar um protesto formal, no dia 2 de fevereiro de 1989, contra a decisão da Capitania dos Portos, manifestação esta que acabou não ocorrendo.

O descontentamento das pessoas quanto às imposições da Capitania dos Portos era devido, especialmente, ao fato do Guaíba ser um rio de águas calmas, em nada se parecendo com o mar do Rio de Janeiro onde

ocorreu o acidente na noite do réveillon.

A imprensa, em 1991, voltou a veicular artigos sobre a quebra da tradição. Veja-se o que diz parte de um deles:

"O padre Roque Chassot, pároco da igreja Nossa Senhora dos Navegantes, afirma que já foram feitas várias tentativas para solucionar o impasse. Entre as sugestões, um só barco grande faria o transporte da imagem da santa 'pelo menos lembrando o espírito da festa'. Outra alternativa seria a Marinha fornecer alguns barcos, que antigamente eram usados para a escolta.

O pedido do padre, no entanto, não tem ressonância entre as autoridades que não aceitam nenhuma argumentação sobre o caso. O provedor da devoção de Nossa Senhora dos Navegantes, José Veríssimo Noronha Filho, conta que já tentou vários contatos com a Capitania, mas não foi recebido pelo seu comandante.

Também foi feito um convite para que ele participasse da reunião das autoridades, ocorrida no último dia 11 de janeiro, mas não houve resposta. Restou então a alternativa de fazer a festa por via terrestre" (Zero_Hora, 28.01.1991, p. 27)

Tomando-se como legítimos os dados publicados pela imprensa local, nos anos 80, tem-se que em média 250 embarcações costumavam participar da procissão náutica, tendo à frente, desde 1987, uma lancha do Corpo de Bombeiros que espargia jatos de água colorida, formando um grande leque.

As pessoas que se apinhavam, sobre a ponte móvel do rio Guaíba, costumavam jogar, por ocasião da passagem do cortejo fluvial, flores, velas e papel picado, algumas em

homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, outras, em face do sincretismo existente reverenciavam a Iemanjá.

Por ser um espaço fragmentado, que contempla um público heterogêneo, a Festa dos Navegantes apresenta momentos em que a tentativa de romper com a estrutura se faz presente. Em 1988, o barco Santa Cruz, pintado nas cores azul e branca, ficou reservado para as autoridades, dentre elas, o Governador do Estado e o Prefeito, para a imprensa, para a Banda da Brigada Militar e fiéis privilegiados que mediante a apresentação de convites especiais garantiam o seu acesso ao barco. O povo numa atitude de "desordem ritual" tentou quebrar com essa hierarquização, empurrando os soldados da Brigada Militar (polícia militar do Estado,) que faziam um cordão de isolamento, gerando uma situação de tumulto, com algumas pessoas sendo pisoteadas pelas outras. Cessada a desordem, o cortejo fluvial com aproximadamente 20.000 pessoas navegou pelas águas do rio Guaíba durante uma hora, chegando às 10 h e 10 min ao cais Marcílio Dias, no Estádio Náutico, onde a imagem da Santa foi saudada com fogos de artifício, acenar de folhas de papel branco e salvas de palma.

Desde 1971 até 1989, as senhoras da Devolução costumavam recepcionar as autoridades e convidados, após a missa campal, com um coquetel, que nos quatro primeiros anos realizou-se na Casa Paroquial e depois no salão de reuniões da Devolução.

Finalmente, como último registro histórico é importante que se diga ter sido o iate-motor Jenny Naval a embarcação que por mais tempo transportou a imagem da Santa no préstito fluvial, de 1931 a 1962, sendo seguida pelo barco Santa Cruz, de 1968 a 1988.

Em 1988, foi instituído pela Igreja dos Navegantes um concurso para escolher qual o barco que iria transportar a Santa no ano seguinte. Das 28 embarcações inscritas, o barco Chavasco foi eleito por uma comissão julgadora coordenada por um juiz festeiro e integrada por um representante dos seguintes órgãos ou entidades: Delegacia da Capitania dos Portos; Sindicato das Empresas de Transporte Fluvial e Lacustre; Associação Riograndense de Imprensa - ARI; Sociedade dos Amigos da Marinha - SOAMAR/RS; Companhia Riograndense de Turismo - CRTUR; Empresa Porto-Alegrense de Turismo - EPATUR e Federação de Remo do Rio Grande do Sul. Os critérios de julgamento abrangeram a apresentação geral do barco, pintura, decoração, criatividade e participação. Só que de 1989 até hoje não houve mais o cortejo fluvial, impedindo a atuação do Chavasco.

CAPÍTULO II

"O desenvolvimento da moderna forma de organização coincide em todos os setores com o desenvolvimento e contínua expansão da administração burocrática. Isso é válido para a Igreja, Estado, exércitos, partidos políticos, empresas econômicas, organizações promocionais de tãda espécie, associações particulares, clubes e muitas outras"

Max Weber

2 A COMUNIDADE AFETIVA E A ORGANIZAÇÃO DA FESTA

2.1 A comunidade afetiva

Os membros da Devoção envolvidos na coordenação da Festa encontram-se na faixa etária dos 60-70 anos e sob o ponto de vista sócio-econômico enquadram-se como sendo de classe média-média, classe média-alta. Alguns poucos, nasceram, se criaram e ainda vivem no bairro Navegantes, outros, a grande maioria, convergem de bairros nobres da cidade como, por exemplo, Independência, Auxiliadora, visando a participarem na organização do evento.

Para o pároco que, após ter trabalhado 36 anos no interior da Bahia, está sediado na igreja dos Navegantes, há quatro anos, a paróquia dos Navegantes se formou de maneira atípica: as pessoas de fora queriam festejar Navegantes e se uniram para tal atividade. A formação de uma paróquia em um dado bairro com as pessoas atuando de forma dinâmica que é a regra, não se constituiu em uma realidade no caso da igreja dos Navegantes. Historicamente a decisão surge dos devotos que sentiram a necessidade de mandarem confeccionar uma imagem da Santa, mais tarde, a doação de terrenos para a construção da igreja, implementaram, ou melhor, fizeram germinar a Devoção, mas sem raízes, a priori, com o bairro em si.

O padre acredita que os paroquianos dali tem de

aceitar essa situação. Todavia, segundo um informante, a presença somente de pessoas de fora do bairro ocupando posições de destaque na Devocão, causam um certo embaraço naqueles que habitam e vivem o cotidiano do bairro, tanto que, em um dado momento, eles se aproximaram mais do Colégio Navegantes (colégio de freiras, localizado próximo ao templo), afastando-se da igreja.

Brandão (1985), em seu estudo sobre a festa do Divino Espírito Santo na cidade de Mossâmedes, postula:

"Na festa de igreja há uma combinação de fiéis de todas as classes sociais (ao contrário do que acontece nas romarias, onde predominam os das classes baixas) sob o controle da classe dominante" (p.196).

Em se tratando da Festa dos Navegantes, percebe-se uma predominância de pessoas das classe baixas que são controladas por pessoas da elite, responsáveis pelo planejamento e pelo cumprimento das normas e regras pré-estabelecidas. Tanto isso é verdade que, até bem pouco, as pessoas humildes não eram escolhidas como festeiros. Causou espanto entre os membros da Devocão o fato de um motorista de táxi do bairro e uma outra pessoa de poucas posses terem sido escolhidos como festeiros. Segundo um informante, a inclusão de pelo menos dois casais do bairro, anualmente, como festeiros representa uma vitória. O poder decisório acerca da escolha dos festeiros acha-se centralizado nas mãos do Provedor e do Coordenador das Procissões.

Cotejando-se os dados levantados por Brandão em seu estudo já referenciado com os dados desse trabalho, observa-se que, na Festa do Divino, o poder encontra-se centralizado na figura do Imperador do Divino que, por sua vez, é quem desembolsa os recursos para os gastos da Festa e procede as arrecadações entre as pessoas da roça e do comércio (p.186). Já, na Festa dos Navegantes, o poder está centralizado nas mãos do Provedor, antigamente, esse poder era atribuído ao Capelão, padre Arthur, que cuidava de todos os detalhes da festa, desde a iluminação até a pintura das barraquinhas. Aos festeiros compete passar o livro-ouro entre os industriais e comerciantes do bairro de modo a obterem recursos para a Devoção.

No que concerne às decisões, aquelas consideradas como "grandes decisões" necessitam do parecer das autoridades eclesiais, para serem tomadas. Por outro lado, nenhuma modificação na igreja em termos de edificação pode ser feita pelo poder eclesial sem o consentimento da Devoção. A paróquia é inquilina da Devoção, sendo desta todo o patrimônio. A Devoção é uma entidade jurídica considerada de utilidade pública estadual de acordo com o decreto nº 18.127 de 24.10.66, e de utilidade pública federal segundo o decreto nº 70.881 de 27.07.72, com certificado de entidade de fins filantrópicos do MEC, processo nº 267.209/71.

Essa subordinação tão forte à Devoção imposta ao

clero, em princípio, causou impacto, no atual padre, nas suas palavras: "um padre mais atacado não daria certo ali (na paróquia dos Navegantes)".

O relatório de estágio para fins de licenciatura em Teologia apresentado por Daudt e Zorzo, em 1975, destaca a existência de etapas na vida da paróquia. Para as autoras:

"Em primeiro lugar destaca-se sem dúvida, o cargo vitalício de Monsenhor Felipe Diel e Cônego Arthur Wickert. Pode-se dizer que esses dois vigários marcam duas etapas na história da Paróquia, intercaladas pelos quatro anos de Dom Vicente Scherer.

O período - 1909-1946 - caracteriza-se pela vida desapegada e paupérrima de Monsenhor Felipe Diel, domínio absoluto da Irmandade dos Navegantes no governo dos bens e riquezas da Paróquia, e total independência da mesma perante qualquer autoridade civil e eclesiástica, pela inexistência dos estatutos. Segue-lhe a ação do então Monsenhor Vicente Scherer, que em breve espaço de tempo, realiza uma reforma radical, legalizando a vida e a existência da Irmandade, organizando seus estatutos e registrando-os devidamente. O segundo período que inicia em julho de 1946, continuando até hoje (1975), é marcado pela centralização do governo, decisões e realizações na pessoa do Vigário. O que no período anterior fugia à supervisão do Vigário, escapa agora ao controle da Irmandade (p.26-7)."

Completando esse mapeamento, ter-se-ia uma nova etapa a partir da idade avançada e da doença do Cônego Arthur Wickert, que seria a da retomada da Devoção em nível decisório. É o que se depreende através do depoimento do atual pároco que não possui o mesmo carisma e a autoridade do Cônego Arthur.

A Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes é mantenedora do Abrigo Beneficente Mons. Felipe Diel (albergue noturno), de ambulatórios médicos, de gabinetes dentário e de otorrinolaringologia, de farmácia gratuita, de enfermagem, dispensário e cursos de promoção humana.

De acordo com a Certidão dos Estatutos fornecida pelo Cartório de Registro Especial, em 10.05.1957, no que concerne à administração da Devoção tem-se:

"Art.11 - A Devoção será administrada e dirigida pelo seguinte órgão: Mesa Administrativa composta de Provedor, Vice-provedor, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro, três Mesários, e respectivos suplentes, zelador interno e externo.

Art.12 - Fazem parte, ainda, da Mesa Administrativa: o Irmão Juiz Festeiro, como membro nato, bem como um representante da Autoridade Eclesiástica na pessoa do Revmº Pároco, salvo disposição em contrário da Cúria Metropolitana."

O contraponto entre o tradicional e o moderno também se faz presente no contexto administrativo da Festa.

Ao estabelecer um diálogo informal com um dos organizadores, membro da Coordenação de Recepção, pude observar, de parte dele, um misto de resgate das tradições e de busca da modernidade.

Dentre as mudanças propostas por esse colaborador inclui-se a alteração dos estatutos da Devoção no tocante a participação da mulher, o que vem bem ao encontro das aspirações femininas dos dias hodiernos. No seu entender,

uma das grandes falhas apresentada pelo atual estatuto, datado de 1957, é a de não prever a atuação feminina em cargos como o de Provedor. Hoje, essa posição é vetada às mulheres, cabendo-lhes unicamente trabalhar, mas sem poder. Um dos responsáveis pela não concretização dessa mudança é o Capelão que solicitou a permanência dessas normas pelo menos até a sua morte.

Ainda assumindo uma posição de modernidade, o informante sugere alterações na liturgia, com sermões menos prolixos, nas novenas e na missa campal. Defende, igualmente, a aceitação por parte da Devoção do sincretismo com a Umbanda.

Em termos de volta ao passado, a sua luta se assenta na reconstrução do antigo coreto que existia na Praça dos Navegantes, edificado em 1930, e que foi demolido, na percepção do informante, sem necessidade. A idéia seria de que a obra fosse utilizada para a apresentação de escolas de samba, grupos de teatro, bandas, etc. Na parte de baixo do coreto poderia funcionar a tenda da igreja como no passado.

Quanto às escolas de samba, o Provedor, certamente não adere a idéia, pois em depoimento prestado à pesquisadora mostrou-se contrário a participação de escolas de samba na Praça dos Navegantes. Para o Provedor, a pureza da Festa acha-se configurada exatamente pela ausência de carnaval. Referindo-se às tentativas de se fazer carnaval na

Festa, ele diz que elas foram e são proibidas pela Devocão e que se preciso faz uso das autoridades competentes para coibir tal manifestação. Ou seja, existe da parte do Provedor uma tentativa de manter, o máximo possível, o ritual confinado nos limites do sagrado e da ordem. Esta postura vem ao encontro da discussão observada por Alves (1980) acerca do Círio, quando a Festa de Nazaré foi escolhida como tema enredo pela Escola de Samba Unidos de São Carlos do Rio de Janeiro. Para o autor:

"Um dos aspectos que se levantava na época, pela autoridade religiosa, era a da incompatibilidade entre a procissão religiosa e a festa de carnaval, 'essencialmente pagã'. Na polêmica estavam em jogo dois discursos: um marcado pela tentativa de manter o controle da festa sob a autoridade religiosa e o outro, identificando-a como uma festa popular, e, nesse sentido, tão semelhante em suas manifestações simbólicas ao carnaval" (p.15).

No caso da Festa dos Navegantes percebe-se uma preocupação no sentido de que o controle permaneça nas mãos da classe dominante que organiza a festa para a classe dominada.

A volta da procissão fluvial é outra tradição defendida pelo organizador, membro da Coordenação de Recepção, que entende a procissão por via terrestre como a quebra de uma tradição, agravada pelo fato do trajeto ser muito extenso. Sob este aspecto, o Provedor, o Coordenador de Procissões e o Pároco concordam que o ritual perdeu em

beleza e que houve a interrupção de uma tradição de mais de um século, mas alegam que a procissão ganhou muito em participação, uma vez que as pessoas não se vêem limitadas pelo preço das passagens ou pelo medo, podendo chegar mais perto da imagem, acompanhando-a por todo o trajeto com cânticos e orações. Um colaborador, membro da Coordenação de Recepção, rebate esse último argumento alegando que o maior número de pessoas na Festa se deve ao crescimento populacional, não correspondendo a um aumento real pela maior adesão.

Outra sugestão do meu informante é a da criação de um museu, segundo disse, já coletou vários materiais que estão estragando por falta de iniciativa nesse sentido.

Uma idéia que fica a meio termo entre o tradicional e o moderno é a de se dedicar todos os dias 2 de cada mês do ano à Nossa Senhora, dias em que se oficiariam, a priori, duas missas por dia, posteriormente, três, ou seja, aumentar-se-ia gradativamente dependendo da afluência de pessoas. No dia 2 de Novembro, o dia de Nossa Senhora homenagearia os mortos, pois é Finados; no dia 2 de Janeiro, a missa seria em intenção da paz, já que o dia 10 de Janeiro é o dia da Paz Universal. Além das missas na igreja, nesses dias 2, outros eventos aconteceriam na Praça, de forma a impedir a ociosidade da mesma ao longo do ano como vem ocorrendo.

O meu informante no que tange aos aspectos

administrativos manifesta a necessidade de que as reuniões de avaliação aconteçam dois dias após a Festa, possibilitando, assim, que cada coordenador analise seus erros e acertos, ou seja, que verifique aquilo que é passível de ser melhorado e determine a manutenção das atividades tidas como corretas. Atualmente, como a primeira reunião só acontece oito meses após a Festa, em agosto, as pessoas não se lembram de mais nada e acabam repetindo as falhas ocorridas anteriormente.

Finalmente, o informante cobra o aproveitamento dos espaços na mídia - que no verão permanece carente de notícias por causa das férias - para uma maior divulgação da festa. Conversando com membros da Devoção, recebi queixas de alguns no sentido de que a pouca divulgação se deve a própria Devoção que não procura a imprensa, outros atribuem o descaso a imprensa, porque desde que a Devoção parou de oferecer um coquetel no dia 2, os repórteres deixaram de cobrir a festa. Existem os devotos que atribuem a ambos, imprensa e Devoção, a culpa pela pouca divulgação.

Vale destacar que em certos casos, o apego a algumas tradições se dá de maneira muito intensa. Para exemplificar tem-se o ocorrido com uma festeira, em 1990. Ela queria contratar uma das melhores decoradoras da cidade para enfeitar o andor, usando a alegação de que o povo já estaria cansado da ornamentação que é feita há anos pela mesma pessoa. Tal intenção gerou uma reação contrária por

parte dos demais integrantes da Devoção e acabou não sendo implementada.

Cumprir destacar que nas casas dos membros da Devoção, que tive a oportunidade de conhecer, a mescla de objetos modernos com antigüidades também se faz presente, donde é possível concluir-se ser essa dualidade tradicional/moderno inerente ao cotidiano dessas pessoas.

A luta pelo poder entre jovens e velhos é outro aspecto presente no palco da festa, que pude observar.

O discurso entabulado pelos mais jovens, que trabalham na festa, preconiza a falta de espaço para atuarem em face do centralismo imposto pelos mais velhos, como comentou uma jovem no dia 02.02.91:

"Nós estamos ficando iguais aos velhos da Devoção temos o nosso lugar e não queremos passá-lo para ninguém."

Mais do que uma crítica aos mais velhos, esse depoimento representa uma auto-crítica dos jovens na medida em que reproduzem um comportamento por eles contestado.

Por sua vez, os mais velhos alegam que os jovens, por serem as festividades no verão, preferem deslocar-se para o litoral a permanecerem na cidade trabalhando na organização da festa. Certos devotos me confidenciaram o seu temor no sentido de que a tradição desapareça, pois os membros da Devoção que detém o poder de organizar o evento já se encontram em idade avançada e ao falecerem, não haverá

ninguém com o saber necessário para tornar viável a continuidade do ritual.

Pelo que pude presenciar os dois discursos em parte são verdadeiros.

No que tange especificamente aos jovens, os das classes menos favorecidas, mesmo aqueles de outras paróquias, parecem engajar-se no trabalho independente de ser verão ou não. Os filhos dos devotos que são da elite, esses sim, preferem a orla marítima ao calor abrasivo do verão porto-alegrense.

Quanto aos idosos, é certo que eles não se acham muito dispostos a ceder o poder de que dispõem. A todo momento ouve-se um membro da Devoção dizer que está na hora de deixar a tarefa para os mais jovens, porém, observa-se que tal manifestação de vontade só se dá enquanto discurso. Pois, em termos práticos, a atitude é oposta. Isso de certa forma pode ser explicado a partir da posição ocupada pelo velho no contexto abrangente da sociedade brasileira. As pessoas idosas, no Brasil, tendem a ser desprezadas. Mesmo os velhos das classes mais abastadas são percebidos pelos jovens brasileiros como "coroas", "velhos", "caretas". Sendo assim, a possibilidade de atuação em um ritual com a magnitude da Festa dos Navegantes, propicia a esses idosos um poder e uma capacidade de mostrarem-se atuantes que de outra forma dificilmente seria viável, até mesmo pelo aporte dado pela imprensa em termos de divulgação do trabalho

feito, divulgação essa que mesmo sendo significativa ainda é tida como pequena pelos organizadores. Pode-se dizer que a identidade dessas pessoas, enquanto idosas é construída sob a égide do trabalho, do dinamismo e do seu poder de mobilização da comunidade na ritualização.

Essas pessoas envolvidas na coordenação da Festa têm toda uma lembrança acerca do evento que é compartilhada porque foi e está sendo vivenciada pelos mesmos. Como diz Halbwachs (1990):

"Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum" (p.334).

As pessoas idosas que trabalham na organização da Festa também estão atreladas às tradições. Só à guisa de exemplificação tem-se o caso de Heitor Ferrari¹, representante comercial, com 69 anos de idade, ele coordena as procissões desde 1938, depois de herdar do pai a tarefa que cumpria desde 1922. Heitor nasceu e se criou nos Navegantes, foi batizado na igreja e atuou como coroinha por bom tempo. Sempre devoto de Nossa Senhora dos Navegantes, ele atribui à Santa a cura milagrosa que obteve após uma séria crise de cálculo renal, em 1962, quando ficou

¹ Após participar da procissão de 1991, faleceu neste mesmo ano.

hospitalizado durante 17 dias, enquanto a comunidade se reunia para rezar por sua saúde. A junta médica que tratava do caso considerava urgente uma cirurgia que nunca mais precisou ser realizada e para a sua recuperação não encontraram uma explicação científica.

A responsável pela ornamentação do andor, D. Adelina Cruz, tem 74 anos e há 28 é encarregada dessa tarefa, além de cuidar da tenda de brindes e de doações que a igreja recebe.

O responsável pela Liturgia, Ary Polônia, tem 61 anos e há mais de 30 anos trabalha na Festa, sendo inclusive o contador da igreja.

A organização da Praça cabe a Renato Vasques de 66 anos, que há 46 anos exerce essa atividade na Festa dos Navegantes.

José Veríssimo Noronha Filho, tem 78 anos, após ter sido juiz festeiro, em 1975, no centenário da Festa, continuou a trabalhar até hoje, porém, na condição de Provedor, ou seja, uma espécie de presidente da comissão de festejos.

O Capelão, Monsenhor Arthur Wickert, figura carismática, está na paróquia desde 1946, hoje, com 77 anos, encontra-se doente, razão pela qual apenas acompanha os preparativos. Todavia, a sua preocupação continua tão grande que ele chega a ligar para a casa de D. Adelina de duas a três vezes ao dia para saber se está tudo transcorrendo

normalmente. Em 1991, Padre Arthur ficou tão emocionado dias antes da Festa que acabou acometido por uma isquemia cerebral.

A coordenação de recepção é feita pelo médico Henrique Licht, de 69 anos, que inclusive está empenhado em escrever a história da festa.

Essa necessidade de registro histórico sobre a Festa encontra em Halbwachs a seguinte explicação:

"... a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança" (p.80).

E conclui:

"... então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem" (p.80-1).

Com referência à Festa dos Navegantes, a sua principal tradição que era a procissão fluvial foi quebrada. Afora isso, a comunidade afetiva já perdeu alguns de seus membros, estaria, portanto, na hora de se fixar essas lembranças através da história. Todavia, ainda é possível

reconstruir elementos de um passado recente a partir dessa vivência do grupo que atua ativamente na organização da mesma, o único viés é que essas pessoas, ao contrário da grande massa que se desloca para participar das celebrações no dia 2 de Fevereiro, fazem parte da classe dominante e, portanto, a sua leitura acerca do ritual está condicionada a sua visão de mundo, mas que de qualquer maneira não deixa de representar um segmento da sociedade complexa na qual se vive. Afinal, a memória de um grupo, estruturada com suas hierarquias e classificações, define o que é comum a esse grupo fazendo com que sejam evidenciadas as diferenças em relação aos demais grupos e, ainda, reforçando os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais. Segundo Jeudy (1990), "assim como todo indivíduo viveria mal sem memória, também uma coletividade precisa de uma representação constante de seu passado" (p.6).

2.2 A burocratização da Festa

Ao se tratar de um rito de uma sociedade complexa, a estruturação do mesmo se dá em cima da divisão do trabalho, mais ou menos nos moldes de uma empresa capitalista. A cada membro é imputada uma tarefa cabendo-lhe a responsabilidade com relação à execução do que fora previamente planejado.

O organograma da Festa dos Navegantes, estruturado em diferentes comissões com detalhamento das tarefas

específicas, foi elaborado, em 1973, por sugestão do casal de juizes festeiros daquele ano e vem, desde 1974, sendo atualizado pelo Coordenador das Procissões, Heitor Ferrari.

Os encarregados pelas tarefas tanto podem ser pessoas físicas, como empresas ou mesmo instituições governamentais.

A Festa dos Navegantes apresenta a seguinte estrutura organizacional:

1. Coordenação Geral

Grupo de trabalho integrado pelo Provedor, Vice-provedor e Capelão da Devoção, Pároco e Juizes-festeiros (Secretário e Tesoureiro)

-Tarefas do Grupo:

Elaboração do programa da Festa

Convites - Cartazes - Posters - Divulgação

Escolha do celebrante da missa campal e respectivo

convite

- Tarefas específicas:

Provedor - Coordenação Geral junto com o Vice-provedor

Planejamento

Capelão - Lema da Festa

Tema das novenas e escolha dos oradores

Cânticos - Música - Orações

Novenas

Missas (televisão, campal e de encerramento da festa)

Convites aos religiosos colaboradores

Pároco - Assessoramento ao Capelão (o Capelão por se encontrar em idade avançada e enfermo delegou as suas atribuições ao pároco)

Juizes-festeiros - Livro de Ouro (contribuições)

Convites aos oradores das novenas

Ornamentação do andor

Planejamento - novas idéias - Concurso de barcos (quando havia procissão fluvial)

Secretário - Tarefas do setor

Tesoureiro - Livro de Ouro (recebimentos, recibos)

Doações diversas

Coleta, contagem e embalagem das colaborações das salvas e cofres

Depósito em bancos das colaborações e contribuições

Segurança do local de trabalho

2. Coordenação das Procissões

Trânsito e Segurança (9º e 11º BPM - Batalhão de Polícia Militar e Polícia Civil da 4ª Delegacia)

Procissão náutica - Delegacia da Capitania dos Portos (inspeção das embarcações e fiscalização da procissão) (quando havia)

Barco de transporte do andor, autoridades, convidados, remadores e bandas de música (quando havia procissão fluvial)

Barco auxiliar - Convidados (quando havia procissão fluvial)

Sindicato das Empresas de Navegação Fluvial e Lacustre de Porto Alegre (quando havia procissão fluvial)

Brigada Militar: Banda de música e clarins

Estacionamento de ônibus, táxis e reservados (SMT - Secretaria Municipal dos Transportes)

Transportes (SMT e TRENSURB - responsável pelo metrô de superfície)

Departamento Nacional de Estradas de Rodagem - DNER - Trânsito na Avenida Castelo Branco, trevos de acesso. Travessia e levantamento do vão móvel. Liberação do vão móvel para os jovens do CLJ (jovens católicos) e imprensa (ornamentação e papéis picados)

Departamento de Portos, Rios e Canais - DEPRC - Liberação do Portão Central. Fiscalização do Cais do Porto. (quando havia procissão fluvial)

3. Coordenação da Praça

Barracas, tendas, quiosques e carrinhos - Letreiros

Parque de diversões - distribuição de aparelhos e segurança

Colocação de faixas e cartazes

Bebidas e comidas (SUNAB - Superintendência Nacional de Abastecimento e SMS - Secretaria Municipal de Saúde)

Iluminação da praça e da igreja

Água, luz e força (praça, tendas, barracas, igreja e salões)

Sanitários públicos

Sonorização

Corpo de Bombeiros - unidade de emergência

Pronto atendimento (HPS - Hospital de Pronto Socorro e 3º Exército)

Limpeza em geral (DMLU - Departamento Municipal de

Limpeza Urbana)

Segurança (Brigada Militar e Polícia Civil)
Trânsito e estacionamento (novenas)
Abastecimento das barracas e tendas.

4. Coordenação de Recepções

Autoridades, convidados e imprensa
Segurança das autoridades.

5. Coordenação de Clubes Náuticos

Contatos com as direções de clubes
Remadores: transporte, guarda de honra e segurança

do andor

Movimentação do andor
Transporte da cruz procissional.

6. Coordenação de Liturgia e Lembranças

Cânticos, músicas e mensagens
Corais e músicos
Sonorização das procissões, missas e novenas
Tenda: medalhas, santos e lembranças diversas
Tablado junto à escadaria principal da igreja
(EPATUR - Empresa Porto Alegrense de Turismo)
Missa campal: altar, coral, autoridades e

convidados.

7. Coordenação dos Jovens

Distribuição de volantes
Colocação de faixas e cartazes
Igreja - bancos, ventiladores, circulação do

público

Coleta de flores, velas e promessas
Distribuição de flores
Vão móvel da Travessia - decoração e papéis

picados

Coleta nas novenas
Violões e Coral

8. Coordenação dos Salões

Mesas, cadeiras, toalhas, talheres, pratos em
geral, copos, palitos, guardanapos, temperos ...
Bebidas, frios, galetos, churrasco, pastéis,
saladas, sanduíches, doces ...
Gêneros, frutas, gás, carvão ... (compra,
transporte e armazenamento)
Refrigeradores, vasilhames, gelo ...

talheres, Caixas, garçons, balconistas, lavadores de pratos, copos ...
 Assadores, fritadores, preparadores diversos
 Controladores do chopp
 Limpeza em geral - Sanitários
 Sonorização
 Segurança
 Transportes e refeições auxiliares

Coquetéis 9. Comissão de Ornamentação - Tendas - Rifas e
 Andor - altar-mor e igreja
 Tenda das rifas - prêmios para os sorteios
 Coquetéis - autoridades

10. Igreja de Nossa Senhora do Rosário
 Pároco e Associações
 Recebimento do andor e bênção
 Missa no dia da Festa
 Orações diárias e mensagens
 Flores, velas e contribuições diversas
 Iluminação
 Sonorização
 Limpeza
 Segurança

11. Parque Náutico
 Limpeza das instalações, dos gramados...
 Sanitários
 Segurança
 Sonorização (quando havia procissão fluvial)

Fonte: Licht, 1989, p.346-8.

CAPÍTULO III

"Prezado(a) Senhor(a):

O povo católico de Porto Alegre, sob a presidência do Excelentíssimo Sr. Governador, do Reverendíssimo Sr. Arcebispo Dom Cláudio Colling e do Excelentíssimo Sr. Prefeito, tributará solenes homenagens de amor e veneração filial a Nossa Senhora dos Navegantes, sua Excelsa Padroeira.

Os Juizes Festeiros, a Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes e o Pároco têm a honra de convidar V.Sa. e família para tomarem parte nessas solenidades, conforme programa. Penhorados, agradecem."

(Convite para a Festa 1990)

3 A TRANSLADAÇÃO DA IMAGEM

3.1 O início dos festejos; a reunião-coquetel

Na realidade, o ciclo da festa dos Navegantes inicia-se lá pela segunda semana de janeiro que é quando ocorre um coquetel de confraternização destinado às pessoas da Devoção que trabalham na organização da Festa, à Imprensa, autoridades civis, militares e eclesiásticas, bem como aos representantes de órgãos públicos - em nível municipal, estadual ou federal - que auxiliam dando apoio em termos de infra-estrutura. Em 1990, o coquetel aconteceu no dia 09.01 e em 1991, no dia 11.01.

Cabe destacar que, antes da confraternização, há uma reunião. No dizer do Coordenador da Segurança, em 1991, as reuniões, realizadas com o fito de discutir e elaborar os preparativos para a Festa, começaram em setembro, tendo havido duas reuniões nesse primeiro mês, duas em outubro, duas em novembro, três em dezembro e a última que seria a reunião-coquetel em janeiro.

Tanto em 1990 como em 1991, os procedimentos rituais durante esta reunião-coquetel foram os mesmos com pequenas variações.

A reunião propriamente dita começa por volta de 20h e 30min. As pessoas, via de regra, chegam um pouco mais cedo, estacionam seus carros na Praça dos Navegantes, e

ficam ali mesmo em pequenos grupos conversando. Uma vez anunciado o início da reunião, todos são convidados a se deslocarem até o salão de reuniões da Devoção. Porém, antes de ter acesso ao local, a pessoa deve assinar um livro de presenças, identificando-se inclusive mediante a designação do órgão público ou da organização que está representando, recebendo em contrapartida uma cópia do programa contendo o cronograma da Festa.

Uma mesa retangular situa-se no centro da sala. Ao redor da mesma, ocupando a cabeceira, tem-se o Capelão e o Provedor, próximo a eles, o padre da Paróquia Navegantes, os demais lugares são ocupados pelos festeiros do ano e alguns membros da Devoção. Os outros convidados localizam-se em cadeiras colocadas nas laterais de frente para a mesa de reuniões. Em 1990, o Provedor fez questão de aludir ao fato de que simbolicamente era como se todos estivessem integrando a mesa de reuniões, isso só não acontecia porque o espaço era limitado em relação ao número de pessoas presentes. Tal declaração visa ressaltar a importância de cada pessoa ali presente, bem como a responsabilidade inerente a cada um no que tange à sua participação no evento.

Essas reuniões são abertas pelo Provedor que ao tocar uma sineta anuncia o início daquilo que ele denomina ser um "evento popular-religioso, ou seja, a Festa dos Navegantes." Com isso o Provedor parece reconhecer a Festa

dos Navegantes como uma expressão do catolicismo popular, onde o universo do sagrado divide espaço com as manifestações ditas profanas.

Primeiramente, todos os presentes são convidados a rezarem a receberem a bênção. A reza é em forma de canção. Em 1991, a eminência de um conflito mundial em face da guerra no Golfo Pérsico, foi um motivo a mais para que o Provedor reiterasse a necessidade de se invocar a proteção de Maria.

Segundo o Provedor os preparativos para a festa de 1991 caracterizaram-se pelas surpresas e dificuldades que, no entanto, foram vencidas e a prova disso era a reunião estar acontecendo naquele momento.

Às 20h e 50min, a reunião é interrompida pela chegada do Prefeito de Porto Alegre e de sua esposa. Ambos são convidados para integrarem a mesa. O Prefeito prontamente acolhe ao convite; quanto a sua esposa, ela diz estar bem ocupando uma das cadeiras que ladeiam a mesa principal. Mas, os membros da Devoção, imediatamente, colocam mais uma cadeira junto à mesa, fazendo com que a primeira-dama do município fique numa posição de destaque. Neste instante é solicitada uma salva de palmas para o Prefeito. A presença do Chefe do Executivo Municipal gerou um clima de deferência em torno de sua pessoa.

O estar sentado junto a mesa de reuniões simboliza o poder, o centro dos acontecimentos. Daí o porquê da fala

do Provedor dizendo que na realidade todos se sentissem como que ocupando esse lugar de destaque. Assim, tem-se a hierarquia enfatizada pelo lugar.

Em termos de tempo, o chegar tarde e sair mais cedo em solenidades e celebrações, quando parte de uma pessoa detentora de prestígio e de poder, pode ter como objetivo reforçar essa posição, na medida em que a elas é permitido interromper um evento chamando a atenção de todos para a sua pessoa. Aquilo que para as criaturas comuns receberia a reprovação dos presentes e seria decodificado como falta de educação, em se tratando de "pessoas importantes" tende a ser percebido como natural em face das inúmeras atividades de cunho profissional e social que, presume-se, fazem parte do cotidiano desses indivíduos e, ao contrário, só o fato delas prestigiarem o evento representa uma honra para aqueles que o realizam, pois significa uma escolha entre inúmeras alternativas de compromissos a comparecer.

Retomando-se a reunião-coquetel, o Coordenador de Procissões tenta justificar o número reduzido de presentes, em 1991, como consequência do dia escolhido ter sido uma sexta-feira de verão, em Porto Alegre (época em que os porto-alegrenses costumam aproveitar o final de semana, rumando, neste dia à noite, para a orla marítima). No dizer desse Coordenador, a reunião é chamada de reunião-coquetel porque é nesta ocasião que as pessoas tem a oportunidade de

conhecer o Prefeito, os Festeiros e os Coordenadores das diferentes áreas. Ele explicou ainda, que o coquetel de 1991 estava restrito em função da "limitação da vida que temos". Para ele, assim como o Prefeito enfrenta dificuldades na Prefeitura, a Devoção também tem problemas financeiros. Ponderou que a programação é organizada pela Devoção, mas quanto à execução, essa só se concretiza mediante a colaboração das autoridades.

Antes de colocar a palavra à disposição do representante da SMT (Secretaria Municipal de Transportes), o responsável pelas procissões fez questão de ressaltar a grande afluência de pessoas ocorrida nos últimos dois anos nas procissões terrestres.

Por sua vez, o representante da SMT declara que o trabalho desse órgão seguirá nos moldes daquilo que foi realizado no ano anterior, inclusive com a passagem do préstito pela rua Dr. Flores, estipulada, em 1990, como roteiro provisório em face das obras do calçadão da rua Vigário José Inácio e que, tendo sido bem aceita pelos membros da Devoção, acabou incorporada ao roteiro em 1991.

O representante da SMT entregou aos demais órgãos interessados - Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem; Metroplan; 9^o e 11^o Batalhões da Brigada Militar; Estação Rodoviária; Paróquia N. Sra. dos Navegantes - pastas contendo orientações da Secretaria Municipal dos Transportes (sobraram três pastas correspondentes a três órgãos que não

se fizeram representar).

O Coordenador de Procissões retoma a palavra, desta feita, para discorrer sobre os crachás. Ele mostra os crachás que serão distribuídos (pelo Provedor e pelo referido Coordenador) e especifica a hierarquia e os privilégios que cada um desses crachás confere ao seu portador. Os crachás incluindo a palavra IDENTIFICADOR são usados pelos Coordenadores de grupos de trabalho da Devoção e concedem um pouco mais de autoridade para aqueles que os ostentam. Já os crachás da Devoção dos Navegantes (jovens, p.e.) são individuais. Os cartões "trânsito livre" serão entregues aos membros da Devoção e permitirão aos seus portadores livre acesso as ruas próximas da igreja. No que tange ao estacionamento dos veículos, a parte dos fundos da igreja será reservada para as autoridades, cabendo aos membros da Devoção devidamente credenciados, estacionarem na rua transversal, de modo a garantir-se o fluxo dessas pessoas visando ao abastecimento dos salões da Paróquia de bebidas e alimentos (a análise concernente aos crachás será feita mais adiante).

Um alerta é dado ao pessoal da segurança no sentido de policiarem melhor a área destinada ao estacionamento de carros de trânsito livre, o que não ocorreu em 1990, segundo os membros da Devoção, apesar da mesma solicitação ter sido feita.

Um exemplar da programação é entregue ao Prefeito.

Uma vez indagado aos presentes, se mais alguma pessoa necessita de uma cópia do programa, a palavra é entregue ao Provedor que a coloca a disposição de quem quiser fazer uso da mesma. Alguém sugere que o Prefeito se pronuncie, ele diz não ser necessário, pois a Prefeitura está representada por vários órgãos (Departamento Municipal de Limpeza Urbana; Empresa Porto Alegre de Turismo; Secretaria Municipal da Indústria e Comércio, etc.), aos quais compete oferecer condições para que o povo possa expressar sua fé e cultura popular com tranquilidade.

O Provedor confirma ter recebido toda a colaboração de parte da Prefeitura.

Cumprir destacar que a preocupação do Prefeito com a cultura popular não é por acaso, mas sim repousa no contexto ideológico do partido que ele integra, qual seja, o PT - Partido dos Trabalhadores.

Finalmente, o padre da Paróquia diz algumas palavras e a reunião é dada por encerrada, com uma reza novamente em forma de canção.

Vai ter início o coquetel, as pessoas são convidadas a se dirigirem até o salão de festas da Paróquia.

No dizer do Provedor, na reunião-coquetel de 1990, este momento tem por finalidade fazer com que as pessoas se conheçam melhor do ponto de vista humano e principalmente espiritual.

À mesa do coquetel, em 1991, estava decorada com

simplicidade, uma singela violeta, cedida pela secretaria do Capelão, ornamentava o centro da mesa, diferentemente de 1990, quando um belo arranjo de flores dava um colorido especial ao "buffet". A variedade de salgadinhos também era bem menor do que no ano anterior, refletindo os problemas financeiros registrados no contexto macro-econômico, inclusive o confisco dos cruzados novos, depositados em Cadernetas de Poupança, efetuado logo no início da gestão do novo Presidente da República, Fernando Collor de Melo, em março de 1990, e que atingiu não só a Devoção enquanto instituição, mas seus membros individualmente, alguns deles aplicadores nesse tipo de investimento.

Entendo oportuno registrar detalhes do coquetel em termos de alimentação servida, uma vez que a carência de recursos financeiros que, por via de consequência, restringiu a festividade, foi aludida pelo Coordenador de Procissões e reiterada pela senhora da Devoção, responsável pela organização do evento, D. Adelina.

Segundo D. Adelina, foram feitos quinhentos pastéis. Ela mesma preparou o guisado de carne que serviu para rechear a massa comprada pronta. Quanto à fritura, ficou a cargo de uma pessoa contratada para executar essa tarefa, a partir das 17h, na cozinha do Abrigo Beneficente Mons. Felipe Diel mantido pela Devoção.

D. Adelina também elaborou os sanduíches, uma especialidade sua, cuja receita foi repassada para algumas

senhoras presentes no coquetel que se deliciaram com os mesmos. Tratava-se de três fatias de pão entremeadas por uma fatia de queijo e uma camada de creme (mistura de maizena e maionese caseira). Em se tratando de docinhos, D. Adelina dedicou-se a feitura de merengues e figos glaceados.

O custo total do coquetel deste ano ficou em aproximadamente Cr\$ 15.000,00¹. Segundo a responsável pela comemoração, quando dispõe de recursos financeiros, ela patrocina o evento para a Devoção, caso contrário, apresenta a conta.

Em anos anteriores, com a situação econômica favorável, grande parte dos docinhos e salgadinhos eram encomendados junto à pessoas especializadas.

As bebidas (cervejas e refrigerantes), servidos no coquetel, são fornecidos gratuitamente pela Companhia Cervejaria Brahma, em troca da exclusividade na venda das mesmas, durante o período dos festejos, o que vem sendo feito há 35 anos. A Brahma oferece ainda outras vantagens à Devoção em troca dessa exclusividade, como por exemplo, em 1990, a doação de uma câmara fria.

Percebe-se uma preocupação muito grande de parte dos organizadores com "o bem servir" os presentes na festividade, reforçando a idéia de que a festa pressupõe excessos alimentares, tanto no que diz respeito ao comer

¹ O maior salário-mínimo do país, em 1991, no mês de janeiro era de Cr\$ 12.325,60 e em fevereiro de Cr\$ 15.895,46.

como ao beber.

Vestindo roupas esportivas, os convidados não se mostram nada constrangidos e em pouco tempo a mesa de docinhos e salgadinhos é circundada por um grande grupo de convivas.

O Prefeito e a esposa, conversam com o Provedor e um casal de festeiros, enquanto degustam pastéis e bebem cerveja.

O Capelão da Paróquia, com 77 anos, apoiado em sua bengala também experimenta as iguarias servidas.

Enquanto converso com o padre, pároco há quatro anos na igreja Navegantes, crianças pobres localizadas do lado de fora, pelas janelas dos salões, pediam pastel e refrigerante. Tomo a iniciativa de alcançar um refrigerante para os garotos, mas sou impedida pelo padre. Segundo o pároco mais tarde as senhoras da Devoção encarregar-se-iam de distribuir bebidas e alimentos aos meninos.

É como se o padre dissesse este é o tempo dos que trabalham na festa e tempo das autoridades. Nele os moleques da rua não podem e nem devem interferir, mas sim aguardar o momento que lhes cabe no final do evento.

Tanto isso é verdade, que um pouco mais tarde um policial militar entrou no salão da Paróquia e se serviu de um merengue. O padre ao vê-lo, disse-lhe para "pegar mais coisas; pastel, figo". Porém, o brigadiano (policial militar do Estado) agradeceu alegando estar de serviço e que

portanto deveria retornar logo ao seu posto.

Após uma hora e meia ou duas de duração do coquetel, os quitutes que sobraram em cima da mesa são colocados em pequenas bandejas de papelão para que alguns dos convivas (festeiros, membros da Devocão) possam levá-los para suas casas. No dizer de D. Adelina, que é quem organiza as bandejas, em 1990, isso também ocorreu.

Reforça-se novamente a questão de quem são os "donos" desta etapa do ciclo ritual e a quem compete receber dádivas em troca do trabalho executado e do trabalho a executar. Exaltam-se igualmente aquelas pessoas que pelo poder que possuem concedem favores ou ainda que pela sua simples presença conferem prestígio à celebração.

Em termos históricos é preciso ressaltar que este coquetel vem sendo realizado desde 1975, ficando a organização sob a responsabilidade das senhoras da Devocão, coordenadas por D. Adelina.

3.2 A missa televisiva

Enquanto a reunião-coquetel representa a abertura dos festejos para um grupo restrito e sem divulgação pelos meios de comunicação de massa, a missa dominical transmitida no segundo domingo de janeiro, às 8h, em 1990 e 1991, pela televisão Bandeirantes, canal 10, marca a abertura oficial da Festa dos Navegantes para toda a população.

Uma imagem pequena da Santa é introduzida no

estúdio por um festeiro, embora já houvesse uma imagem de maior porte próxima ao altar.

Os cânticos entoados - inclusive a oração do "Pai Nosso" - na missa são executados pelos jovens da Devoção com o acompanhamento de violões.

O Provedor permanece, durante toda a missa, ao lado do pároco dos Navegantes, junto ao altar ornamentado, em 1991, com flores e cachos de uva.

As câmaras de televisão focam um a um os membros da Devoção e paroquianos presentes na celebração.

Ao final da missa, são divulgados: o lema da festa, bem como o itinerário a ser cumprido por ocasião da procissão de Transladação da Imagem, a data do início do novenário na igreja dos Navegantes, além do horário da procissão de Retorno no dia 02 de fevereiro.

3.3 Os preparativos para a procissão de transladação

3.3.1 A parte externa

Antes mesmo do dia da reunião-coquetel, a Praça dos Navegantes e as áreas circunvizinhas começam a ser limpas, capinadas, pelo pessoal do Departamento Municipal de Limpeza Urbana. Principia também a instalação das estruturas metálicas em formato de cruz e de estrela que sustentam as lâmpadas a serem colocadas no topo da torre da igreja. Os comerciantes iniciam igualmente a montagem de suas barracas.

Enfim, percebe-se uma movimentação maior em torno da área que será palco dos festejos.

3.3.2 O andor

D. Adelina é também responsável pela coordenação da limpeza e ornamentação do andor. O dia 15 de janeiro de 1991, às 9h, foi escolhido para a execução dessas tarefas.

Uma freira do Colégio Navegantes, uma outra senhora e eu limpamos o barco-andor que se encontrava no salão de festas da igreja coberto por um tecido azul com inscrições relativas a N. Sra. dos Navegantes e ao Banco Itaú. Segundo uma informante, esse andor foi construído por um senhor que se achava alojado no albergue noturno mantido pela Devoção.

Os cavaletes necessários para apoiar o andor são transpostos da sacristia para o altar. A imagem da Santa deve ser retirada do altar-mor. Dois homens são chamados para realizarem o trabalho, porém, não conseguem concretizá-lo. Toda essa movimentação acontece sem a presença de D. Adelina.

Cada atividade parece ser minuciosamente programada e efetuada sempre pela mesma pessoa. Tal conclusão pôde ser tirada a partir de depoimentos como o que me foi relatado acerca da retirada da Santa do altar: "Havia uma pessoa que fez isso durante anos, porém, ela não se encontra mais aqui."

O decorador, assim que chega, providencia a descida da Santa do altar-mor, com a colaboração de um ajudante que o acompanhou até a igreja.

Nesse ínterim, um funcionário do Departamento Municipal de Limpeza Urbana, que procedia a limpeza da Praça dos Navegantes, entra na igreja e coloca-se frente a frente com a imagem da Santa para rezar. É um momento único para esse operário, quando o símbolo sagrado acha-se ao alcance das suas mãos, algo esperado por muitos que acompanham as procissões e que participam da adoração. O tocar e o aproximar-se da imagem possui toda uma mística difícil de ser externada com palavras, mas que pode ser detectada nas expressões faciais e nos gestos, carregados de emoção, por si só eloquentes, revelando uma maior eficácia simbólica.

No altar-mor, lugar de onde a imagem da Santa foi retirada, é posto um painel com a efígie de Nossa Senhora dos Navegantes.

Seis homens entram com o barco-andor pela porta principal da igreja e colocam-no no interior da mesma (do lado esquerdo de quem entra no templo).

D. Adelina chega trazendo 60 metros de tule e as fitas necessárias para complementar a decoração que recém se inicia.

No total são em número de quatro as pessoas mobilizadas em torno da ornamentação do andor, incluindo a pesquisadora.

O decorador possui 47 anos e ornamenta o barco desde 1966, época em que seu pai faleceu e que D. Adelina foi escolhida festeira. Enquanto o pessoal da Devoção continuar solicitando-o para a execução dessa tarefa, ele pretende seguir realizando-a. Mas, na sua percepção são muitas as pessoas que "mandam" na Igreja, daí por que, uma vez cumprida a sua parte, ele vai embora e não se envolve com o resto.

Primeiro ele fixa a imagem no andor, depois recorta o isopor que recobre o barco em diferentes lugares, de tal sorte que pacotes de argila neles possam ser encaixados. Quinze dúzias de violetas de tecido em tons de rosa, azul claro, lilás, roxo e mais algumas flores de tecido, de tipos e cores sortidas, serão presas na argila (a cada ano uma espécie diferente de flor é utilizada, podendo ser rosa, cravo, etc.)

As seis caixas de flores artificiais, enviadas de São Paulo, são fruto de uma promessa de um rapaz, que ao mudar-se de Porto Alegre para lá, comprometeu-se, caso se desse bem na nova cidade, a enviar as flores que ornamentariam o barco no ano seguinte. Tendo cumprido a promessa, ele acabou açambarcando a tarefa também nos anos subsequentes. Em 1991, o custo dessas flores chegou ao montante de Cr\$ 90.000,00, sendo que Cr\$ 50.000,00, ou seja, 55,56% foi reembolsado ao rapaz pelo pessoal da Devoção.

A imagem é lavada, pelo decorador, com sabonete e

uma toalha branca. Procede como se estivesse fazendo a higiene de uma pessoa muito querida.

O trabalho com as flores é iniciado. Primeiramente é feito um arranjo das flores sortidas que são colocadas nas costas da imagem. Após, os galinhos de violeta são amarrados em gravetos de madeira e fincados na argila. A idéia de prender as flores com arame nas varinhas de madeira, representa uma estratégia no sentido de evitar a retirada das mesmas do barco, por parte dos populares, durante o traslado, a adoração e a procissão de retorno. A intenção é de, finda a festa, utilizar-se esse material para elaborar um arranjo que ficaria no altar ao longo do ano. Todavia, esse objetivo não tem se concretizado, pois as próprias beatas da igreja Rosário, onde a Santa fica para a adoração, costumam distribuir aos seus afetos algumas dessas flores, sem contar os remadores e demais populares que delas se apoderam na expectativa de possuir um objeto sagrado, capaz de protegê-los de todos os males.

A organização do andor é permeada por atitudes místicas. O próprio decorador parece enfatizar certos aspectos sagrados, além de misturar preceitos das religiões afro-brasileiras com manifestações do catolicismo. Tal afirmativa encontra respaldo em seu depoimento, ao revelar que, no passado, costumava ornamentar o andor com as cores do ano (cores dos orixás que governam o ano, segundo as religiões afro-brasileiras), porém, o atual padre da

paróquia, solicitou-lhe que não fizesse isso, pois poderia parecer "coisa de Umbanda".

A bem da verdade não "parecia" uma manifestação da Umbanda, como via o pároco, mas era concretamente por tudo que apreendi uma demonstração umbandista, até porque, os limites entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo parecem ser muito frágeis para aqueles que participam deste ciclo ritual.

Outro episódio marcante para o decorador, remonta há oito anos atrás, quando durante a arrumação do andor, uma pombinha entrou na igreja e pousou no ombro da imagem de Nossa Senhora. Ao por comida nos pés da Santa, o decorador fez com que o bichinho descesse para alimentar-se. Daí por diante, a pombinha se fez presente na igreja dos Navegantes até o dia da procissão de Transladação.

Esse fato gerou emoção no decorador. Para ele o que ocorreu teve uma conotação mística, representou uma manifestação do sagrado. Em termos racionais o acontecimento pode ser facilmente explicado por aquele que não pactua do momento ritualizado. Habitualmente, ao receberem alimento em sacadas, parapeitos de janelas, etc., as pombas tendem a retornar ao mesmo local em busca de comida. A leitura diferenciada e que comoveu o decorador deve-se ao local e a época em que o animalzinho apareceu. É preciso lembrar a associação estabelecida entre a pomba e o Espírito Santo. A pomba igualmente está relacionada ao simbolismo da paz.

A mesma situação, qual seja, da presença de uma pombinha aos pés da imagem, na festa do dia 02 de fevereiro de 1965, foi registrada pela *Revista do Globo*, da seguinte maneira:

"Este ano a data não fugiu à regra, e no dia 2 de fevereiro milhares de fiéis acompanharam a grande procissão fluvial, em embarcações ou nas margens do Rio Guaíba. E um fato curioso despertou atenção especial em todos os fiéis. Uma pombinha branca posou nos pés da imagem de N. S. dos Navegantes, não se afastando em quase toda a extensão do desfile de religiosidade" (13.02.1965, p.71).

Portanto, dezoito anos antes de ter acontecido com o decorador tal fato, as pessoas já se sensibilizavam, sendo motivo de registro pela imprensa a presença desse animalzinho aos pés da Santa. É o ritual marcando um tempo e um espaço diferente onde os elementos do cotidiano assumem uma nova posição, transfigurados por uma roupagem diferenciada.

Retomando-se a decoração do andor, uma vez fixados todos os feixes de flores, é preciso dispor os vários metros de tule, no barco, criando uma imagem semelhante a nuvens, como se a Santa estivesse flutuando sobre elas. Dois rolos de fita azul são amarrados em uma ponta na frente do barco.

Concluída a decoração do andor, uma série de procedimentos mágico-religiosos são realizados. A começar pelo corte de um pedaço de fita azul (pendurada na ponta do barco), por parte do decorador que, ao dividí-lo em dois,

oferece a metade para mim. Nenhum comentário é feito, indicando que partilhar hierofanias representa algo internalizado por aqueles que lá se encontram, não há necessidade de se explicar nenhuma atitude mística, mas há que se vivenciar todos os momentos do ritual.

Outro exemplo é o de D. Adelina que tão logo viu concretizar-se a arrumação do andor, de posse de um lenço perfumado, que lhe foi entregue por alguém para que ela servisse de intermediária entre essa pessoa e a Santa, colocou-o no barco, fazendo pedidos.

O decorador retira três velas da sacristia guardando-as em sua bolsa, após tê-las passado no andor.

Por solicitação do devoto doador das flores, o decorador encostou dois ramos de violetas no barco para serem entregues, posteriormente, ao rapaz.

Ainda na sua igreja, mas fora do seu locus específico e dentro do tempo consignado como o de abertura do ciclo ritual, a imagem da Santa, agora em seu barco-andor reforça aquilo que Da Matta colocou acerca do simbolizar: "...o ritualizar, como o simbolizar, é fundamentalmente deslocar um objeto de lugar..." (Da Matta, 1983, p.76). Isso explica porque apesar da Santa estar na igreja durante todo o ano, somente nesta época "festiva", os devotos tendem a se aproximar o máximo possível do objeto consagrado.

São 12h e 30min, quando terminamos de limpar e de colocar o altar mais ou menos em ordem. Somos em três, pois

uma das integrantes do grupo (que também é membro da Devocão) teve de sair um pouco mais cedo. D. Adelina havia convidado a todos para almoçarmos em sua residência. Esse almoço parecia selar uma certa cumplicidade entre aqueles que auxiliaram na ornamentação do andor.

Os elementos presentes em todas as festas, quais sejam, a comida e a bebida parecem ser uma constante na Festa dos Navegantes. Depois de toda atividade sagrada, segue-se um momento profano, onde o comer e o beber constituem-se em situações privilegiadas. Como bem observou Brandão (1985) em seu estudo sobre a "Festa do Espírito Santo na Casa de São José":

"...a festa de igreja combina, nos mesmos dias e em situações ora seqüentes, ora combinadas, o sagrado e o profano, o solene e o festivo, a solenidade e a mascarada. De certo modo, todos os comportamentos separados e disfarçados nos tons cinzentos do cotidiano da sociedade são festivamente reunidos nos dias e nas horas de comemoração do santo padroeiro" (p. 199)

Assim, o almoço na casa de D. Adelina representou um momento festivo após o momento sagrado em que o barco-andor foi ornamentado. Da mesma forma que na folia da Festa do Espírito Santo alternam-se situações sagradas com situações profanas (cf. Brandão, 1985, p. 200), na preparação para o clímax da Festa dos Navegantes, já dentro do ciclo ritual, isto também ocorre. Portanto, pode-se concluir que o almoço na casa D. Adelina, agregando o decorador e eu, só

aconteceu em função do sagrado, uma vez que ele era o objeto central das atenções dos três. Muitas vezes o espaço partilhado pela festa e pelo religioso não é o mesmo, porém em termos de tempo estão ligados a um único, qual seja, o ciclo da Festa dos Navegantes.

3.3.3 A igreja

No sábado que antecede ao domingo da Transladação, a igreja é ornamentada pelas irmãs do Colégio Navegantes, pelas senhoras da Devocão e, em 1990, também por mim. Cartazes com dizeres marianos e mais a efígie da Santa são pregados em painéis de isopor e colocados um em cada coluna da igreja. Dois painéis de maior porte, forrados com feltro verde, são postos nas paredes laterais mais próximas do altar. O mural situado no próprio altar também recebe inscrições novas. Cumpre destacar que boa parte desses cartazes já estão prontos, trata-se de material de anos anteriores que é reaproveitado. As mensagens contidas nos cartazes são:

- "Mãe dos povos fortalece nossa fé".
- "Mãe dos peregrinos caminha conosco".
- "Mãe dos oprimidos liberta nosso povo".
- "Mãe dos Navegantes orienta nossa vida".
- "Mãe de Deus roga por nós".
- "Mãe de Deus interceda pela Igreja".
- "Mãe Aparecida protegei nossa Pátria".
- "Mãe da Igreja fortalece nossa união".
- "Mãe da juventude abençoe nossos jovens".
- "Mãe da esperança dai-nos dias melhores".

Essas súplicas contém em seu bojo algumas

atribuições concebidas às mães enquanto criaturas humanas. É como se a Igreja Católica misturasse os encargos terrenos com os sobrenaturais.

Neste dia também são polidos e adornados com fitas azuis, os bastões que serão carregados pelo Provedor e pelos festeiros, na procissão.

3.3.4 O trajeto

No mesmo sábado que precede a Transladação, os jovens da paróquia percorrem as ruas, que serão palco da procissão no dia seguinte, distribuindo saquinhos contendo papéis picotados para serem lançados quando da passagem do andor. Todos os edifícios nelas situados são visitados. Certos porteiros e zeladores relutam em aceitar o material sob a alegação de que os papéis causam muita sujeira. Já os moradores preocupam-se com o pagamento a ser feito em troca da oferta, contudo, ao tomarem conhecimento de que a distribuição é gratuita, aceitam-na sem maiores restrições. Em contrapartida existem devotos que telefonam para a igreja solicitando que lhes sejam reservados alguns pacotes de papel. O pessoal, que se aglutina nas imediações das elevadas que dão acesso à ponte sobre o rio Guaíba, também recebe da igreja os quadradinhos brancos que serão jogados, tal como chuva, quando da passagem da imagem.

Em 1991, dois mil quilos de papel picotado foram comprados em Santa Catarina. No passado, a indústria de

chocolates Neugebauer fornecia o material que era cortado manualmente pelos membros da Devocão.

Para a população em geral, a chuva de papel picado se apresenta como uma manifestação individualizada de parte de cada um dos moradores nas residências por onde o cortejo passa. Dessa forma, sob a aparente demonstração espontânea de fé se esconde um trabalho minucioso elaborado por aqueles que detém o poder de decidir o que pode e deve ser feito em termos de celebração.

3.4 A procissão da penitência

No dia 21.01.91, antes mesmo das 15h, a Brigada Militar já se encontrava na Praça dos Navegantes para efetuar o trabalho de isolamento do local. A tarefa ficou sob a incumbência dos policiais do 11º BPM que devidamente uniformizados em trajes condizentes com a festividade, ou seja, luvas, cachecol, coldre, cadarços dos coturnos, tudo na cor branca, portando ainda quepe (capacete, em 1990) cuidaram da segurança.

Na porta da igreja, folhetos contendo as rezas que seriam proferidas durante a caminhada eram distribuídos.

Por volta das 15h, a igreja dos Navegantes encontrava-se praticamente lotada, isto porque, todos os anos, habitualmente, é rezado o terço antes do início da missa.

De acordo com o documento distribuído na reunião-

coquetel, realizada no dia 11 de janeiro de 1991, denominado "PROGRAMAÇÃO E CRONOGRAMA DA 116ª FESTA EM LOUVOR A 'NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES' MÃE DE DEUS, DA IGREJA E NOSSA MÃE!", o cronograma seria o seguinte:

- 2.1-Às 16:30hs, início da Santa Missa na igreja matriz de Nossa Senhora dos Navegantes.
- 2.2-Às 17:30hs, saída da procissão do traslado da imagem de N. Sra. dos Navegantes, de sua igreja matriz para a igreja de Nossa Senhora do Rosário, com chegada prevista para às 20:15hs..." (p. 1).

Tal informação era acompanhada de um croqui do trajeto que seria percorrido.

A Brigada Militar possui cinco bandas de música, que apresentam um quadro diferente dos demais brigadianos, as bandas funcionam como uma corporação dentro da corporação. Via de regra, nesta época do ano, as bandas encontram-se na orla marítima atuando na chamada "Operação Golfinho"², sendo necessário o deslocamento de uma delas para a capital com o fito exclusivo de colaborar com a Festa dos Navegantes, o que serve para reiterar a importância atribuída a mesma.

Se na Praça dos Navegantes o fluxo de pessoas é intenso, no interior da igreja, os populares se comprimem aguardando o início do ritual da missa. Alguns devotos alcançam flores que são colocadas em vasos postados no chão do altar, em frente ao andor localizado no lado esquerdo da

2 A "Operação Golfinho" consiste no deslocamento de policiais para o litoral, a fim de reforçar a segurança nas praias.

nave no sentido de quem entra no templo.

O altar encontrava-se adornado, em 1990, com crisântemos brancos e amarelos e, em 1991, só com crisântemos amarelos.

A missa começa com a Banda de Clarins dos Dragões fazendo a sua saudação do lado de fora da igreja, dentro do horário previsto. As bandas de Clarins dos Dragões e da Brigada Militar situam-se dentro do isolamento de cordas, em frente da escadaria frontal da igreja.

O templo lotado tem o seu corredor tomado pelos fiéis.

No altar, a Guarda de Honra do 11º Batalhão da Brigada Militar ladeia o andor. Durante toda a missa, o Coordenador do Andor, responsável pelos remadores de diversos clubes náuticos que carregam a imagem da Santa durante a procissão, também reverencia a imagem colocando-se próximo a ela.

Ao som de cânticos religiosos executados ao violão por um grupo de jovens e as palmas dos populares, o padre e os coroinhas, bem como os festeiros e o Provedor vestindo opas azuis e portanto bastões que os identificam como tais, entram pelo corredor da igreja, que por solicitação de membros da Devoção foi liberado pelos fiéis. Os bastões, em número de seis, ornamentados com fitas azuis, correspondem a cinco casais de festeiros mais o Provedor e a esposa. Quando o número de casais de festeiros é menor, o Vice-Provedor

recebe a incumbência de carregar um bastão. Os bastões distinguem aqueles que são responsáveis pela festa naquele ano e é carregado pelos homens. Como o Provedor é a autoridade máxima, em todas as festas, independente de quem são os festeiros, deve portar um bastão.

Esse grupo se sobressai, ainda, dos demais ao ocupar os bancos que se encontram no altar, de frente para o altar-mor. Nos bancos colocados nas laterais do altar, encontram-se os responsáveis pela Liturgia e os membros da Devolução identificados pelos seus respectivos crachás.

O Provedor e o Coordenador das Procissões distribuíram os crachás para os coordenadores dos diversos grupos de trabalho, bem como para os zeladores internos da devoção que os repassaram aos membros dos seus respectivos grupos de trabalho.

Estes crachás, de acordo com o documento impresso já referenciado:

"... servirão como identificação pessoal para as procissões, novenas, salões, tendas e nas áreas isoladas pela Brigada Militar. Solicitamos encarecidamente que cada membro da devoção dos jovens, das associações religiosas da paróquia usem o seu crachá ou fita, para evitar constrangimento de ser convidado a retirar-se dos cordões de isolamento ou ser vedada a sua passagem por um policial da Brigada Militar ou da Polícia Civil" (p. 3).

No documento entregue, em 1990, contendo a programação e o cronograma da festa tem-se:

"Todas as pessoas que compõem os diversos grupos de trabalho estarão credenciadas com seu respectivo crachá. Estas pessoas deverão ter livre acesso em todos os locais que dizem respeito a festa, porém sempre é individual" (PROGRAMAÇÃO E CRONOGRAMA DA 115ª..., p. 6).

Cumpre destacar que o crachá com a palavra "IDENTIFICADOR" serve para distinguir aqueles que são os coordenadores dos diversos grupos de trabalho e que por isso mesmo podem "solicitar aos senhores oficiais, sargentos e cabos da BM ou inspetor da Polícia Civil algo em especial em toda a ordem e sentido" (PROGRAMAÇÃO E CRONOGRAMA DA 116ª FESTA..., p. 6-7).

No dizer de um oficial da Brigada à pesquisadora:

"... o crachá com a palavra 'IDENTIFICADOR' é um crachá 'quente', que permite ao seu portador, inclusive, colocar algum 'penetra' em locais barrados aos demais participantes da festa".

Foi distribuído entre os membros da Devoção e dos grupos de trabalho, um cartão com a designação de "TRÂNSITO LIVRE", mediante o qual, aqueles que precisam se locomover, ao colocarem o cartão no pára-brisa de seus veículos, tem livre acesso nas áreas de isolamento efetuado pela Brigada Militar.

Aqui é adequado tecer-se uma reflexão. O crachá utilizado na Festa dos Navegantes nos remete ao cotidiano de quase todas as empresas de médio e grande porte, onde esse é

um documento de uso corrente, expedido pelas mesmas com o fito de identificar os seus funcionários e assim garantir a segurança em suas dependências. Somente aqueles que portam o crachá da empresa podem circular livremente no espaço organizacional, pois são dignos de confiança. De certa forma a organização da Festa dos Navegantes reproduz os ditames impostos pela sociedade abrangente, onde o crachá além de colaborar com a segurança do evento, distingue os superiores dos demais; tanto isso é verdade, que o crachá de "IDENTIFICADOR" confere maiores prerrogativas aos seus usuários.

A sociedade brasileira valoriza muito os chamados documentos de identificação. Tanto que, a polícia costuma encaminhar para a delegacia, sob suspeita, aquelas pessoas que não possuem documentos. A veracidade desses documentos, na maior parte das vezes, não é questionada, sendo mais importante possuí-los. Se falsos ou não, isto só será averiguado quando ocorrer alguma denúncia.

Daí ser pertinente afirmar-se que o crachá tem um valor simbólico maior do que aquele determinado pela questão prática da segurança, que consiste na distinção por ele imposta entre aqueles que pertencem à Devoção ou são seus convidados especiais e os que não fazem parte do grupo.

O pároco oficia a missa que seguindo o ritual do catolicismo apresenta quatro momentos, a saber: a Acolhida, a Liturgia da Palavra, a Liturgia Eucarística e os Ritos

Finais.

Na hora da Consagração, a Banda da Brigada Militar executa o Hino da Pátria. O ritual consagra o nacional e ganha um certo cunho marcial neste momento, uma vez que a execução do Hino Nacional confere ao evento um toque de "parada militar" onde um dos símbolos sagrados da Pátria é inserido no espaço do símbolo sagrado da religião. Uma pequena bandeira do Brasil no andor permite que se faça uma análise análoga a do hino.

O pároco da igreja, durante a missa, fez questão de externar aquilo que ele entende como características de uma procissão. No seu entender uma procissão é uma ato de fé pública, porque as pessoas caminham pelas ruas demonstrando a sua fé; é uma caminhada de penitência, pois implica o sacrifício físico de deslocar-se a pé por 4km; e uma procissão é, ainda, na sua percepção, uma caminhada de louvor a Deus e aos Santos.

Nos ritos finais da missa foram dadas informações sobre o trajeto a ser percorrido pelo andor e sobre a festa no dia 2 de fevereiro.

O trajeto percorrido pelos fiéis na procissão de Transladação, ao contrário do que vem acontecendo com o Círio de Nazaré em Belém (Alves, 1980), sofreu algumas alterações ao longo dos anos. De 1877 até 1946, a imagem percorreu a rua Voluntários da Pátria (Caminho Novo até 1870).

Sendo que, tem-se exceções, em 1886, devido ao mau estado de conservação da rua Voluntários da Pátria, a Transladação foi efetuada em "carros rasos" da Estrada de Ferro Porto Alegre a Novo Hamburgo. Segundo o jornal A Reforma, datado de 01/02/1886:

"... Às 4 horas e meia da tarde, ele partiu da Estação Central junto à Rua da Conceição em direção ao arraial dos Navegantes. Às 5 horas da tarde foi iniciada a Procissão de Transladação, feita 'em troles', tendo sido recebida na Estação Central por um grande concurso de povo, algumas Irmandades, Devoções e uma Guarda de Honra, seguindo até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário".

No período compreendido entre 1890 e 1895, o translado teve de ser feito de trem, dado ao estado precário, até mesmo para pedestres, apresentado pela rua Voluntários da Pátria. Cumpre destacar que em 1898, o translado também foi feito de trem, porém o mesmo passava pela rua Voluntários da Pátria.

Em 1947, houve uma mudança no itinerário tendo sido realizado o préstito pela avenida Farrapos, o que gerou protestos por parte da população. De 1948 a 1962, a procissão rumo à igreja do Rosário se deu pela rua Voluntários da Pátria. De 1963 até os dias hodiernos, a escolha recaiu sobre a avenida Farrapos. O percurso de cinco quadras (em torno de 4 quilômetros) é feito pelos devotos portando flores e velas. A única exceção deu-se em 1971, quando a caminhada obedeceu a um roteiro totalmente

diferente, não abrangendo nem a avenida Farrapos nem a rua Voluntários da Pátria.

Em 1990, a procissão deveria passar pelas ruas Sertório, Presidente Roosevelt, Farrapos, Voluntários da Pátria e Vigário José Inácio. O final do roteiro sofreu alterações em face da construção de um calçadão na rua Vigário José Inácio; sendo assim, da rua Voluntários da Pátria o préstito seguiu pelas ruas Dr. Flores e Andradas descendo, então, a rua Vigário José Inácio. Por entender ter sido este um bom roteiro, a Devocão decidiu repetí-lo em 1991.

Essa preocupação em percorrer quase sempre o mesmo trajeto está no fundo ligada à necessidade de estabilidade no mundo dos pensamentos e sentimentos e "é na matéria e sobre uma das várias partes do espaço que ela deve assegurar seu equilíbrio" (Halbwachs, 1990, p. 156).

é Jeudy (1990) quem diz:

"A memória da cidade é por um lado monumental, articulada em torno de marcos usuais (a catedral, a hospedaria da cidade), por outro cotidiana, vivida nos percursos de ruas e praças" (p. 17).

Voltando-se ao ritual, no final da missa é executado o hino "Louvando Maria" e solicitado aos fiéis que deixem o templo, pois o andor só sairá após a liberação da igreja pelos mesmos.

Os membros da Devocão carregam o andor até a porta

da igreja. Ao sair de dentro da igreja, o andor é saudado, pela Banda de Clarins dos Dragões, com o toque de reunir, para em seguida os membros dessa Banda se colocarem junto a cruz metálica que será carregada pelos remadores e comandará o início da procissão.

Neste momento o andor é entregue para os remadores que descem a escadaria da igreja aos acordes do hino "Com Minha Mãe Estarei" executado pela Banda da Brigada Militar, ao som do espocar de foguetes e das palmas dos populares.

Os remadores, em número de dez, vestindo calça branca, camiseta regata dos clubes náuticos que representam e tênis, são orientados pelo coordenador, que trajando uma camiseta vermelha do Clube Náutico União, calça branca, tênis e quepe, define o ritmo a ser imprimido na caminhada, se lento ou rápido, mediante leves pancadinhas no ESPERANÇA.

O grupo seleta que acompanha a Santa é guarnecido pelo cordão de isolamento formado por cerca de cinquenta homens da Brigada Militar armados de cassetetes e revólveres. Os brigadianos armados contrastam com a imagem da Santa, pois a ordem imposta pela presença do material bélico no espaço delimitado para a condução do símbolo sagrado se afigura de certa forma como contraditória. Porém, Da Matta (1983) baseado em Leach (1961(1974)), já havia alertado para o fato de que os rituais, em nível de classificação (formal e informal), não se apresentam de forma mutuamente exclusiva, ao contrário, os componentes de

diferentes rituais tendem a se interpenetrar, gerando uma combinação de tipos de comportamento ritual (p.50).

Na saída da Praça dos Navegantes, o andor passa por sobre um tapete de hortênsias (flores da época e que possuem as tonalidades rosa e azul), ocasião em que os populares ao tentarem se apossar dessas flores são contidos pelos brigadianos.

O préstito tem a seguinte formação:

- Viatura da Brigada Militar;
- Cruz de Metal, carregada pelos remadores;
- Banda de Clarins dos Dragões;
- Primeira Kombi com som para orientação dos cânticos, numa distância de dez metros entre a Banda de Clarins e as associações;
- Associações religiosas da paróquia reunidas com suas fitas de zeladores(as) e associados(as);
- Fiéis que acompanham a procissão;
- Segunda Kombi com som para orientação dos cânticos;
- Viatura do 11º BPM que comanda o cordão de isolamento.

Dentro do cordão de isolamento ficam:

- Convidados credenciados com crachá;
- Membros da Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes, munidos de OPA ou crachá;
- Irmandades representativas de outras paróquias;

- Casais de provedores da Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes;

- Demais provedores de outras irmandades;

- Casais de juizes festeiros e juizes de anos anteriores;

- Pároco da igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, demais sacerdotes e coroinhas;

- Andor da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, carregado pelos remadores e ladeado por policiais do 11º Batalhão de Polícia Militar.

Seguem fora do cordão de isolamento:

- A Banda da Brigada Militar;

- Ambulância do Hospital Pronto Socorro;

- Terceira Kombi com som para orientação dos cânticos, logo atrás da Banda da Brigada Militar e da ambulância;

- Fiéis que acompanham a procissão em volta e atrás do andor, do lado de fora do cordão de isolamento;

- Quarta kombi com som para orientação dos cânticos.

Como é possível verificar-se, a posição ocupada por diferentes grupos no ritual é previamente estabelecida e obedece a uma hierarquização, vindo ao encontro daquilo que Teixeira (1981) entende como uma situação ritualizada, ou seja, "marcada pelo formalismo, pela solenidade, pelo cerimonial, pela observância de normas e práticas

prescritas" (p. 1574).

A intermediação dos fiéis que se encontram fora do cordão de isolamento e a Santa é feita pelo grupo de devotos que está dentro do mesmo. Moedas, velas e flores são entregues para aqueles que possuem o privilégio de estar em contato direto com o sagrado, a fim de que as coloquem no barco.

O Provedor e os festeiros seguem, na frente, dentro do cordão de isolamento, sempre de posse dos bastões e vestindo opas azuis com a medalha da Padroeira.

Ao lado do andor, os remadores, que se revezam ao longo da caminhada, carregam as estacas de apoio utilizadas quando da troca do grupo de remo. Os veteranos do remo parecem fazer questão de carregar o andor. Já os mais jovens reclamam que, passados os primeiros minutos, o andor se torna extremamente pesado.

A fé presente no imaginário dos mais velhos induz-lhes a uma maior participação, ao contrário dos mais jovens, cuja força da tradição se apresenta fluida.

Os coroinhas, apesar de estarem paramentados, sorriem e brincam dando um toque irreverente à procissão, que dura cerca de duas horas.

A expressão das pessoas que ficam esperando, nas calçadas, a passagem da Santa, é de alegria, emoção e fé. Muitas delas se ajoelham na passagem do andor, outras expõem as suas mazelas. Dentro do cordão de isolamento algumas

pessoas acompanham o préstito descalças sentindo o calor dos paralelepípedos e do asfalto aquecidos pelo sol abrasivo.

É possível encontrar-se pessoas idosas que vem realizando essa manifestação de fé há muito tempo, por exemplo, tem-se o caso de uma delas que há 36 anos acompanha a procissão.

Na avenida Presidente Roosevelt, em frente à Associação dos Amigos do Quarto Distrito, tanto em 1990 como em 1991, além de uma chuva de papel picado, o espocar de fogos representou a saudação da entidade à Santa. Os sinos da igreja de Santa Clara badalam a passagem da imagem da Santa. As janelas dos edifícios decoradas com colchas e toalhas estão à espera do sagrado. Em uma dessas janelas, em 1990, uma colcha azul e branca tendo em cima uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, traz à tona as discussões teóricas entabuladas acerca da díade casa/rua. Para Da Matta (1983) a dicotomia existente entre casa e rua, na situação supra referendada tende a se tornar fluída, na medida em que os dois espaços parecem interpenetrar-se. Partilha-se, contudo, da posição defendida por Brandão (1989), qual seja a de se pensar a procissão como uma parte do ciclo ritual e sendo assim, casa e rua seriam complementares e não opostas. Explicitando-se melhor, não seria somente por ocasião da procissão que a casa invadiria a rua e vice-versa, ao longo de toda a festa, essa mescla de domínios costuma se fazer presente. No dizer de Brandão (1989):

"De um certo modo, tudo o que acontece nos dias de festa é uma sequência de cerimônias regidas pela idéia de vagar pelas ruas e do entra-e-sai de igrejas e casas, unificando com o rito justamente as polaridades que existem não apenas entre a casa e a rua mas entre também tudo aquilo de que elas são símbolos: o sagrado e o profano, o feminino e o masculino, a devoção e a diversão, a restrição e a permissividade" (p.18).

Retomando-se, cumpre destacar que o espaço reservado para quem ia dentro do cordão de isolamento era bastante grande; na verdade, ele abrangia toda a largura da rua, cabendo aos fiéis que queriam acompanhar a procissão fora do isolamento, ao lado do andor, um pedaço pequeno de calçada, dado que várias pessoas já se encontravam junto ao meio fio aguardando a passagem do andor. Portanto, é possível concluir-se que a utilização do espaço além de ser bastante hierarquizada, não é isonômica.

Na avenida Farrapos, o préstito passa pela frente de inúmeras boates, nesse momento, o espaço profano é neutralizado pela presença do sagrado.

No centro, várias pessoas encontram-se junto à calçada esperando para ver a Santa, quando a avistam batem palmas e jogam beijos.

Na rua Vigário José Inácio, já devidamente isolada pelo pessoal do 9º BPM, a Banda de Clarins e a Banda da Brigada tocam novamente.

O padre da paróquia do Rosário aguarda na porta do templo a chegada da imagem, que ao adentrar na igreja é

recebida com palmas e aos acordes de cânticos religiosos ao som de violões e entoados pelos jovens da paróquia dos Navegantes que já se encontram próximos ao altar.

O andor colocado sobre cavaletes fica do lado esquerdo da nave, no sentido de quem entra no templo, próximo ao altar lateral consagrado ao Sagrado Coração de Jesus e do túmulo de Dom Edmundo Kunz³, protegido por um cercado de madeira.

Os jovens pedem uma saudação para a "Padroeira de Porto Alegre", enquanto os festeiros e o Provedor tratam de ocupar o lugar de destaque que lhes cabe enquanto autoridades maiores da festa, e que por isso devem ficar no altar, bem a vista de todos aqueles que se encontram no templo.

Os festeiros, o Provedor e alguns membros da Devoção deixam a igreja, pela porta da sacristia, como disse uma devota: "com mais uma missão cumprida".

As pessoas que se acham na igreja, deslocam-se para junto do andor, onde a responsável retira de dentro do barco as flores jogadas ao longo do trajeto e que pelo contato com o sagrado se transformam em uma hierofania que os fiéis querem levar para suas casas.

Desde 1978, cada festa possui um lema. Na década de oitenta tem-se: em 1980, o lema era "Maria é o Modelo";

3 Dom Edmundo Kunz, bispo auxiliar de Porto Alegre de 1955 a 1988, responsável pela edificação da igreja tal como se apresenta hoje.

em 1981, "Maria com o Peregrino da Fé"; em 1982, "Com Maria Santíssima, Mãe de Misericórdia"; em 1983, "O Rosário de Nossa Senhora, o Rosário de Nossa Vida"; em 1984, "Ano Santo - Maria Mãe do Redentor"; em 1985, "Decálogo"; em 1986, "Com Maria Construiremos a Igreja"; em 1987, "O Leigo Igreja no Mundo"; em 1988, "Peregrinos na Fé, com Maria"; em 1989, "Maria Estrela da Evangelização".

No primeiro ano da década de noventa, o lema foi "Maria, Mãe de Todos os Remidos" e, em 1991, "Obediência: Privilégio do Amor".

Segundo dados levantados junto à imprensa, o número de devotos que teriam participado dessa procissão de Transladação nos últimos anos seria o seguinte: em 1980, 3.000 pessoas; em 1982, 10.000 pessoas; em 1983, 50.000 pessoas; em 1984, 30.000 pessoas; em 1986, 50.000 pessoas; em 1988, 5.000 pessoas; em 1989, 4.000 pessoas; em 1990, 50.000 pessoas; e, em 1991, 2.000 pessoas.

Normalmente, esses dados são coletados pela imprensa junto aos tenentes da Brigada Militar que comandam a operação. Todavia, por serem muito significativas, quanto ao número de pessoas, as diferenças apresentadas de um ano para outro, julga-se como sendo restrita a confiabilidade nestes dados.

Para garantir a segurança dessas milhares de pessoas e, ainda, orientar os motoristas, uma vez que, o trânsito é desviado por ocasião da passagem do préstito,

cento e cinquenta homens do 11º e do 9º BPM são mobilizados.

É preciso que se ressalte ser a procissão de Transladação menos concorrida relativamente à procissão do dia 2 de fevereiro, essa última corresponde ao clímax do ritual e, portanto, congrega um número maior de devotos.

A procissão de Transladação (bem como a de retorno no dia 2) aponta para um momento liminar, uma vez que a Santa não se encontra nem na sua igreja e nem em um outro santuário, ficando em um lugar neutro, com os fiéis atuando unidos na sua devoção para com a Santa.

3.5 A adoração da imagem

A igreja do Rosário, onde a imagem da Santa tem ficado para a adoração, encontra-se encravada no centro de Porto Alegre, em uma rua que corta a principal artéria do coração da capital gaúcha. O templo, dividindo o espaço urbano com lojas, galerias, cinema e bancos, confunde-se com o meio profano e tumultuado da área comercial, onde o corre-corre do dia-a-dia, impede o transeunte apressado de dar-se conta daquele lugar reservado a meditação e ao transcendente. É no período de ritualização que a igreja passa a ganhar a atenção do povo que por ali circula cotidianamente.

A escolha da igreja do Rosário para a permanência da imagem, durante onze ou doze dias, se deve ao pedido de

D. Margarida Teixeira de Paiva - a doadora das terras onde foi erigida a igreja dos Navegantes - que por pertencer à paróquia do Rosário, solicitou que a procissão de Translado fosse sempre para essa igreja.

A tradição faz com que quaisquer alterações, no trajeto ou na igreja para onde a Santa é transladada, tendam a ser criticadas e passíveis de protesto de toda a ordem, isto porque no que tange à igreja, ela representa o espaço onde a memória de um grupo religioso é atualizada. Halbwachs (1990) coloca em evidência alguns aspectos concernentes à memória associada ao espaço religioso. Nas suas palavras:

"A igreja não é somente o lugar onde se reúnem os fiéis e o recinto no interior do qual não penetram mais as influências dos meios profanos. Primeiro, por seu aspecto interior, ela se distingue de todos os outros recintos da vida coletiva. A distribuição e o arranjo de suas partes respondem às necessidades do culto e se inspiram em tradições e pensamentos do grupo religioso (...). A religião se expressa portanto sob formas simbólicas que se desenrolam e se aproximam no espaço: é sob essa condição somente que asseguramos que ela sobreviva" (p.156-7).

E acrescenta:

"... há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes no passado, e que aconteceram em lugares determinados" (p.157).

Portanto, pode-se dizer que o trajeto percorrido, bem como a igreja onde a Santa é colocada para a adoração

correspondem a espaços relacionados com a memória coletiva do povo porto-alegrense, que se identifica como devoto de Nossa Senhora dos Navegantes.

Na igreja do Rosário, o andor encontra-se em um espaço protegido por um cercado de madeira formado pelos bancos da própria igreja, o contato do povo com a Santa é mediado por duas ou três beatas que se acham do lado de dentro da proteção. A iluminação do templo privilegia o espaço reservado à Santa.

Quando recebem velas ou flores, as beatas tratam de colocá-las em cima de uma mesa, postada em frente ao barco da Santa. Ali, só podem ser acessas velas de pequeno porte do tipo lamparinas, vendidas na própria igreja a NCz\$ 3,00, em 1990, e Cr\$ 30,00, em 1991, ou velas denominadas "Sete dias e Sete noites" vendidas a NCz\$ 40,00, em 1990, e Cr\$ 280,00, em 1991⁴. As velas maiores, bem como outras ofertas, são colocadas sob o andor. A quantidade de velas "Sete dias e Sete noites" oferecidas à Santa é tão grande que, diariamente, as beatas retiram-nas de cima da mesa e as colocam nos altares laterais dedicados a outros Santos.

O fluxo de pessoas que visitam a igreja nesse período é intenso. Mas, em 1990, o número de fiéis que compareceram ao templo foi menor em face da greve dos

4 Um dólar, em janeiro de 1990, estava cotado em NCz\$ 17,73 e em fevereiro desse mesmo ano, em NCz\$ 30,64. Em janeiro de 1991, um dólar correspondia a Cr\$ 220,15 e, em fevereiro, a Cr\$ 224,00.

transportes coletivos deflagrada durante todo o dia 24 de janeiro.

Os fiéis acotovelam-se junto ao cercado de madeira na tentativa de ganharem um pedacinho de fita ou uma rosa que, após terem sido encostados no barco, tornam-se contaminados pelo sagrado.

Ao entrevistar 100 (cem) pessoas nos dias 29, 30 e 1º de janeiro de 1991, acerca do motivo pelo qual elas estavam levando consigo fitas e flores, obtive o seguinte resultado:

MOTIVO	Nº DE PESSOAS
1 - Fé / devota	18
2 - Traz bons fluídos para dentro de casa/ abençoar o lar/ casa seja abençoada pela Santa/ proteção para a casa.	04
3 - Graças (pedidos e desejos ficam todos depositados na flor)/ acredita que a flor vai ajudar/ esperança que o pedido se realize/ promessa/ esperança na flor	09
4 - Adora a N. Sª/ acredita na Santa /Santa poderosa	03
5 - Traz paz, coisas boas/ saúde, tudo que almeja/ para proteger, saúde, casa, trabalho/ ajude durante o ano, traga sorte/ tudo de bom para a família.	09
6 - Lembrança	11
7 - Para encostar em uma pessoa doente, pois ela, assim, tende a melhorar	08
8 - Porque crê em Deus e em Jesus Cristo	01
9 - Por levar/ porque todo mundo está levando a fitinha/ não sabe muito bem o que significa levar a rosa para casa/ nenhum significado especial	04
10 - Amuleto da sorte/ fita é uma guia, algo em que se confia	02
11 - Esperança na Santa	01
12 - Flor para o filho que bebe/ fita para a filha/ leva para a mãe/leva para o esposo e filhos	04
13 - Porque é protetora das águas, tudo que precisa recorre à Santa	01
14 - Raminho verde e fita são santos/ rosa é Nossa Senhora/ coisa sagrada	04
15 - Bênção/ proteção	06
16 - Se sente segura, feliz por pegar uma fitinha	01
17 - Já que não vai ir à Festa, leva algo que tocou na Santa	01
18 - Pelo fato do marido ter conseguido um novo emprego	01
19 - Não responderam...	12
TOTAL	100

Destas cem pessoas, uma fez questão de declarar que é católica, outra católica-umbandista e uma terceira disse ser de "religião" (isto é, de batuque).

Ao inquirir esse mesmo grupo sobre onde costumam guardar as fitas e flores (se é que guardam) recebidas, evidenciou-se locais tais como: carteiras; flores são colocadas junto à imagem da Santa que possuem em casa; Bíblia; livro; junto ao coração; junto a si; perto da cama; na sacola quando viaja; aos pés da Santa Rita; quando a flor seca, colocam-na em um verde; fazem chá com as pétalas da rosa. Uma devota foi mais longe em seu depoimento, ao explicar que costuma por a flor para a imagem da Santinha que tem em casa. No ano seguinte, quando ganhar outra flor pode queimar a antiga, mas não deve deixar as cinzas caírem no chão. Outra opção consiste em deixar a flor seca para a Santa.

Na Revista do Globo, uma publicação local, datada de março de 1966, tem-se o seguinte relato:

"Fama de grande 'amuleto' têm também as fitas que adornam o andor da santa, motivo porque o 'avança' é um dos maiores e é rara a vez em que a multidão não deixa o altar praticamente despido. Coisas da fé ..."(p.19).

Cumprе destacar que, santinhos, rosários e lenços, igualmente, são alcançados para as beatas com o fito de serem "abençoados". Tal postura nos remete aos ensinamentos de Eliade (s.d.) que diz:

"O sagrado manifesta-se sempre como uma ordem inteiramente diferente da das realidades 'naturais'"(p.24).

E mais:

"A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adorados como pedra ou como árvore, são-no justamente porque são hierofanias, porque 'mostram' qualquer coisa que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado, o 'ganz andere'(...)

Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural"(p.26).

Para uma das beatas que distribui as flores:

"Elas representam o pagamento de promessas e por isso devem permanecer meia hora pelo menos na frente da Santa, depois elas são passadas para outras pessoas. A graça que é alcançada por uma pessoa é passada para a outra. O que não pode é passar a flor da mão de uma pessoa para a mão de outra pessoa. Eu alcancei uma graça com uma hortênsia".

O depoimento da beata reitera a necessidade do objeto entrar em contato com o sagrado. É conveniente que se explicita acerca da circularidade das flores, ou seja, elas são oferecidas por algumas pessoas e, como disse a beata, depois de um certo tempo vão para as mãos de outras.

Muitas vezes, as fitas e as rosas são distribuídas aos fiéis mediante um pequeno óbolo. Diante disso, pode-se perceber um certo descontentamento de parte de uns e outros devotos. Segundo uma informante, as beatas pedem dinheiro em troca de uma flor. Para essa devota, embora seja possível

dar um valor qualquer, de acordo com as posses, não deixa de ser um comércio.

Em frente à igreja, os camelôs e as floristas que nos últimos tempos têm aí permanecido, com seus baldes de flores e tabuleiros, durante os 365 dias do ano, evidenciando o crescimento de uma economia informal fruto da crise econômica existente no país, comercializam seus produtos. Em 1990, a pesquisadora adquiriu três rosas brancas, no valor de NCz\$ 5,00 cada uma, de uma dessas floristas⁵. O curioso é que a referida ambulante perguntou à pesquisadora se as flores eram para a Nossa Senhora. Diante da resposta afirmativa, a vendedora retirou todos os acúleos existentes nas três rosas, numa atitude recorrente entre aqueles que professam a sua devoção aos cultos afro-brasileiros, onde as rosas oferecidas aos Santos devem ser desprovidas de acúleos. Em 1991, as rosas eram vendidas a Cr\$ 100,00 cada uma.

Vendedores de velas situados junto a escadaria do templo oferecem seu produto dizendo: "Compra uma velinha para me ajudar". Em 1991, as velas pequenas eram por elas vendidas a Cr\$ 30,00 e as velas grandes custavam Cr\$ 100,00. Pedintes alojam-se próximos às paredes da igreja estendendo a mão para cada fiel que chega. Na medida em que se aproxima o dia 2 de fevereiro, o número de vendedores ambulantes e de

5 O maior salário-mínimo do país, em janeiro de 1990 era de NCz\$ 1.283,95 e, em fevereiro de 1990, NCz\$ 2.004,37.

pedintes aumenta.

Aproveitando essa "desordem" determinada pelo "caos" em que se constitui o centro da cidade, os ladrões transitam livremente apossando-se dos pertences dos devotos menos avisados ou distraídos. Razão pela qual as beatas alertam o tempo todo para que as pessoas tomem cuidado com as suas bolsas e cedam o lugar para outros tão logo tenham concluído as suas orações.

Muitas pessoas deslocam-se até a igreja do Rosário, em face da impossibilidade de acompanharem a procissão no dia 2 de fevereiro. Nesse caso, levar flores e velas à Santa representa uma forma de demonstrar sua fé e de compensar a sua não participação no clímax do evento. Promessas de toda ordem são pagas e podem incluir alcançar um bebê para a beata encostar do lado do barco-andor.

Enquanto permanece na igreja do Rosário, a correntinha com uma âncora que se encontra na mão da imagem do Menino Jesus no colo de Nossa Senhora é substituído por um rosário e as fitas na ponta do barco são retiradas.

O público que se dirige até a igreja é bastante heterogêneo, é possível encontrar-se mães com os seus filhos pela mão, pessoas portando sacolas de compras, executivos de terno e gravata, jovens olhando apressadas para o relógio, pois devem estar atrasadas para chegar ao trabalho, mendigos mastigando um pedaço de pão seco. Todos ajoelhados ou em pé prestando a sua homenagem à Santa.

A igreja do Rosário por se encontrar no centro da cidade é bastante "fria", tanto que ela, ao contrário da igreja dos Navegantes, não foi ornamentada para o recebimento da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. Mesmo no que tange aos aspectos morais, enquanto na igreja dos Navegantes as pessoas transitam de bermudas, na igreja do Rosário, cartazes colocados nas portas do templo dizem:

"Senhora... Senhorita...
 Por favor, pare um instante e leia:
 Você não vai a um banho de maxi ...
 Você não vai a um velório de biquini ...
 Você não vai a um casamento de bobs ...
 E à Igreja como vem você ?
 Pense um pouco: A Igreja é a Casa de Deus.
 Aqui entramos para nos encontrar com Deus;
 para pedir a Deus.
 Você como se aproxima agora de Deus ?
 Seu traje é sério, simples, modesto ? Sim ?
 Seja bem-vindo, entre para rezar conosco.
 Mas se você vem chegando de 'frente-única' -
 de 'micro-saia' de 'micro-blusa'
 Você não deve entrar
 Você não pode entrar
 Uma criatura, que se apresenta aqui dentro,
 leviana, exibida, sem pudor ofende a Deus e a
 Igreja e a todos nós.
 A Igreja é a Casa da Oração".

Dessa forma é possível perceber-se que sob a égide da Igreja Católica existem paróquias mais liberais em termos morais e outras mais ortodoxas.

No dia 10 de fevereiro, último dia da adoração, na medida em que os ponteiros do relógio vão se aproximando das 17 h ou 18 h, o fluxo de populares tende a crescer, é quando, também, a imprensa, via televisão, se faz presente

para registrar o evento.

Minutos antes da missa, as beatas, que trabalharam durante todo o período em que a imagem esteve na igreja do Rosário, pedem aos fiéis que as acompanhem, na despedida de Nossa Senhora, cantando. O cântico entoado, em 1990, tem a seguinte letra:

Paróquia_Nossa_Senhora_do_Rosário
Porto Alegre, 01 de fevereiro de 1988

Música_de_Despedita_da_Nossa_Senhora_dos_Navegantes

- 1- Adeus, Adeus, Adeus
Mãe do Navegador
Adeus sempre Rainha
Dos Mares do Senhor
- 2- Acalmas as tempestades
No mar da nossa vida
ó Mãe dos Navegantes
Adeus, ó Mãe querida
- 3- Regeitas (sic) todos, Louvores
Que não são de coração
Aceitas tôdas as honras
Na Santa Comunhão
- 4- Adeus, Adeus, Adeus
Com vozes incessantes (sic)
Adeus, Adeus, Adeus
Mãe Santa dos Navegantes
- 5- Na COMUNHÃO DOS SANTOS
Brilhos com esplendor
Para levar a DEUS
O povo do Senhor

(Letra aprovada por Mons. Edmundo Ignácio Müller)

Dentro do cercado e ao redor do andor, as beatas cantam, ao final, batem palmas e gritam: "Viva a Nossa

Senhora dos Navegantes!"

O momento é registrado por um fotógrafo, a pedido das beatas, que anualmente, repetem o mesmo gesto de reconhecimento e recordação, ou seja, agradecem à Nossa Senhora por lhes ter permitido mais um ano de trabalho junto ao andor e tiram uma fotografia para guardarem de lembrança.

Não acredito que as flores, neste momento, permaneçam por meia hora em frente à Santa, dado ao enorme contingente de fiéis que se apinham na tentativa de obter uma flor, um raminho verde ou uma fita, a distribuição e o recebimento se dá de forma instantânea.

A missa inicia por volta das 18h e 15min, ocasião em que as beatas param de entregar as fitas e as flores como estratégia no sentido de direcionar o povo para o rito. Apesar de tudo, as pessoas permanecem em volta do andor, num clima de expectativa, guardando o momento de dar e receber flores e demais oferendas. Alguns impacientam-se e arremessam as flores direto no andor, recebendo repreensões das beatas.

Às 19h, um brigadiano do 9º BPM, situado na porta do templo impede a entrada de fiéis retardatários, que solicitam "um minutinho" para depositarem uma flor ou uma vela junto ao andor. Ao serem barrados, os devotos, usam o "jeitinho brasileiro" pedindo para aqueles que ainda estão no templo e que começam a se retirar, para voltarem, conduzindo flores e velas, servindo estes como

representantes daqueles que se viram impossibilitados de entrar na igreja.

O brigadiano avisa que a igreja estará com suas portas abertas a partir das 6h e 45min do dia 2 de fevereiro.

Os membros da Devocão dos Navegantes criticam essa inflexibilidade. Para eles, o templo poderia permanecer aberto por mais alguns minutos, em atenção aos fiéis. Apesar dessa posição assumida, uma informante da Devocão fez questão de acrescentar: "O pessoal se esquece que a Santa passa todo ano aqui (na igreja dos Navegantes)."

Mas há que se ressaltar que exatamente por estar cotidianamente na igreja dos Navegantes e deslocar-se dela no tempo ritual, é que as pessoas sentem a necessidade de homenagear a Santa. É o ritual que torna legítimas as ações, promessas, orações, etc.

Com as portas cerradas e o templo vazio, as beatas realizam a limpeza do andor, retirando os papezinhos contendo pedidos dos devotos à Santa.

No nível teórico, a imagem da Santa pode ser entendida como um símbolo dominante dentro daquilo que propôs Turner (1980). Veja-se o porquê.

Para que um símbolo possa ser considerado dominante, ele tem de açambarcar as três propriedades a saber: condensação, unificação de significados díspares e bipolarização do sentido. Enquanto símbolo dominante, a

imagem da Santa condensa em um mesmo ritual uma série de ações e de coisas realizadas com o fito de homenageá-la. A imagem unifica uma série de significados, pois ela representa a um só tempo a Deusa das Águas (Iemanjá) para os cultos afro-brasileiros, Nossa Senhora para os católicos e, ainda, significa a possibilidade de cura de determinadas doenças, de obtenção de um emprego, enfim, de alcançar determinadas graças. Todos esses significados passam pelo tema da fé. Quanto à bipolarização do sentido, ao mesmo tempo em que a imagem gera emoção - tanto isso é verdade que é comum ver-se pessoas fitando a imagem com os olhos marejados de lágrimas - também imprime regras de conduta, pois o "homem só se torna um verdadeiro homem conformando-se ao ensinamento dos mitos, quer dizer imitando aos deuses" (Eliane, s.d., p.112).

3.6 A novena

Durante o período compreendido entre o dia 24 de janeiro até o dia 10 de fevereiro, na igreja dos Navegantes, às 20h e 30min é rezada a novena, como dizem os membros da paróquia dos Navegantes, "o solene novenário". Padres de outras igrejas deslocam-se até a igreja dos Navegantes para oficiarem as missas, transmitidas, em 1991, pela Rádio Aliança (uma rádio católica), em caráter experimental, e em 1990, pela Rádio Pampa.

Em 1991, a igreja durante o período da novena foi

ornamentada um dia sim, um dia não, alternadamente. O filho de uma devota é quem se incumbiu da tarefa. Fitas, presas nas colunas do templo, nas cores azulão, amarelo e branco, segundo o pároco, simbolizam à Santa (azulão) e a Igreja Universal (amarelo e branco). Cada missa tem os seus homenageados: a Brahma, a Brigada Militar, o Banco Itaú, ou seja, empresas e instituições que auxiliam na organização da festa e, portanto, dela participam.

As missas realizadas, com o espaço sendo invadido pelo aroma de churrasco, tanto podem ser reacionárias como progressistas, isto irá depender da postura do padre convidado para celebrar o rito.

Findo o tempo sagrado, Provedor, festeiros e demais membros da Devoção dirigem-se aos salões paroquiais, onde cervejas, refrigerantes, pastéis e sanduíches podem ser adquiridos.

Os jovens da Devoção costumam reunir-se na parte da frente dos salões, dedilhando seus violões.

Em um canto do salão paroquial, encontra-se uma tendinha contendo artigos artesanais à venda. As rifas são oferecidas de mesa em mesa e constituem outra forma de captar recursos para a Devoção.

Mais uma vez é possível observar-se um momento sagrado sendo sucedido por um tempo profano.

Neste espaço e tempo, o que vale é o comer, o beber e as brincadeiras partilhadas.

Embora todos os fiéis que se encontram na missa, ao final da mesma, sejam convidados para irem até os salões, são sobretudo os membros da Devocão que atendem ao convite. Tal acontecimento é passível de várias leituras. Para um informante, as demais pessoas não participam porque são trabalhadores, gente humilde, que em face dos sermões levarem muitas vezes cerca de trinta minutos, fazendo com que a missa termine tarde, vêem-se privados de ir aos salões ou às barracas, retornando imediatamente aos seus lares, pois no dia seguinte terão de acordar cedo.

Mas, sob esse aspecto, pode-se também argumentar a não ida dessas pessoas aos salões por carência de recursos financeiros, para lá se situarem. Em 1991, uma cerveja e quatro pastéis eram vendidos a Cr\$ 520,00.

Uma outra possível interpretação seria a de que a adesão dos membros da Devocão a essas reuniões talvez aconteça em razão da grande maioria ser de indivíduos que se encontram na terceira idade, sentindo-se, ao participarem dessas atividades, úteis, atuantes, sociais e entre pares, com experiências e vivências semelhantes.

Na Praça dos Navegantes, as barracas já instaladas, inclusive a Tenda das Senhoras da Devocão, apresentam um movimento bastante fraco. No dizer de uma informante, devido a proximidade com o final do mês os recursos financeiros escasseiam impedindo gastos na festa.

Somente no dia 19 de fevereiro é que o "corre-

corre" aumenta, isto porque, os últimos preparativos são concluídos. Um tablado é montado pela Empresa Porto Alegrense de Turismo com o fito de servir de altar para a missa campal do dia 2. Os jovens fazem uma vigília dentro do templo, sendo que alguns deles, próximo da meia-noite, deverão trabalhar na confecção de um tapete de serragem tingida e de hortênsias sobre o qual deverá ficar o andor durante a missa.

À partir das 23h é solicitado, ao 11º Batalhão de Polícia Militar, o destacamento de dois policiais com o fito de isolar, mediante o uso de cordas, a frente da escadaria principal, de tal sorte que os jovens possam executar o trabalho. Os policiais deverão permanecer no local até a manhã seguinte, quando então será realizado o isolamento completo da praça.

Os barraqueiros recebem bandeiras do Banco Itaú e da Brahma como parte da decoração do ambiente. No dizer da responsável pela decoração da Brahma, em 1990, os donos dos barracos costumam reclamar acerca da disposição dos cartazes, pedindo-lhe para colocá-los de forma a fechar os buracos existentes nas tábuas das tendas. Ela refuta os pedidos dizendo ser responsável pela decoração e não "em tapar furos dos barracos". Ressalta, ainda, ser muito bom o relacionamento entre os barraqueiros e a equipe de decoração.

Dada a importância do ritual, o trânsito da cidade

no dia 2, sofre alterações que são previamente divulgadas pela imprensa.

CAPÍTULO IV

Porto Alegre, com a sua "Santinha"

O acontecimento mais popular dos porto-alegrenses, no terreno da fé, reside no dia de hoje, na festa rigorosamente celebrada com pompa de alta expressão, dentro do ritual, em louvor de Nossa Senhora dos Navegantes. Reflete ela a alma devota de homens, mulheres e crianças de Porto Alegre... Em nossa capital, no antigo bairro do 4º distrito, a 2 de fevereiro de todos os anos, realiza-se a festa mais enraizada na alma dos porto-alegrenses.

Archimedes Fortini"
(Correio do Povo, 02.02.1951)

4 O DIA 2 DE FEVEREIRO

4.1 Um feriado móvel?

Este capítulo será aberto com a narrativa acerca da polêmica que se instaurou por algum tempo quanto à permanência ou não do feriado no dia 2 de fevereiro, em face da lei que previa a antecipação dos feriados para as segundas-feiras, quando estes coincidissem com o meio da semana.

Em 30/01/1988, o jornal Zero-Hora, trazia uma nota mandada publicar pelo então Prefeito de Porto Alegre, hoje, Governador do Estado:

"Prefeitura Municipal de Porto Alegre
Feriado religioso

Entendemos que a Lei 7.320/85 não derogou a Lei 605/49 que mantém a competência do município para declarar quatro feriados por ano, fixados de acordo com a tradição local e, ainda, atendendo aos sentimentos religiosos, aos usos e costumes incorporados na vida da comunidade. Ninguém pode desconhecer que o dia 2 de fevereiro assinala a maior festividade religiosa da capital e a antecipação do dia da comemoração, seguramente, afastaria o significado maior do evento, já inserido na alma popular. Dessa forma, atendendo, ademais, veementes e repetidos apelos formulados pelas próprias lideranças religiosas e com base em parecer de caráter normativo do Ministério do Trabalho, de nº 202/87, publicado no Diário Oficial da União de 17/09/87, aprovado pelo ministro Almir Pazzianotto e, ainda, de conformidade com os preceitos asseguradores da autonomia municipal (artigo 15 da Constituição Federal e 80 da Lei Orgânica), resolvemos manter a tradição, comemorando o feriado no

dia 2 de fevereiro, terça-feira, obedientes, como foi dito, ao forte sentimento religioso que define esta data.

Alceu Collares
O POVO NO GOVERNO."

A matéria veiculada no dia 02/02/1988, igualmente, em Zero_Hora manifestava uma opinião contrária a do então Prefeito:

"Transcorre hoje mais uma festa de Nossa Senhora dos Navegantes. É a festa mais porto-alegrense de todas, caracterizando-se fundamentalmente por seu conteúdo popular. Certamente, não se pode esquecer a feição religiosa do evento, que ainda é o mais importante, mas é inegável que já transcendeu os marcos de uma única religião. Hoje, a Festa de Navegantes pertence inclusive, ao folclore da cidade, entendida a palavra em sua acepção mais genuína, funcionando como verdadeiro conagraçamento da população, que se reúne aos milhares no bairro tradicional. Tudo isto, porém, não justifica a manutenção do feriado nesta terça. O mesmo conteúdo, a mesma vibração popular e o mesmo fervor religioso poderiam ter ocorrido ontem, se as autoridades municipais tivessem se baseado na lei e antecipado a festa tradicional, evitando o feriado no meio da semana, o que sempre causa prejuízo ao trabalho e à economia" (Informe especial, p.3).

Em 1989, o novo Chefe do Executivo Municipal afirmava sua disposição em manter o feriado no dia 2, conforme divulgação pela imprensa:

"Feriado não vai mudar. A confirmação foi feita ontem pelo prefeito Olívio Dutra, justificando que deve ser respeitado o sentimento religioso da população" (Zero_Hora, 12.01.1989).

Neste mesmo ano, o Tribunal Regional do Trabalho antecipou o feriado de 2 de fevereiro para 30 de janeiro, por sua vez, o bispo auxiliar de Porto Alegre, no programa radiofônico "A Voz do Pastor", tecia elogios ao Prefeito Olívio Dutra em face do seu posicionamento de não antecipar o feriado. O sacerdote lembrou que a procissão representa uma expressão da religiosidade popular.

Em 1990, a controvérsia foi solucionada mediante a inclusão, a pedido de um vereador, no texto da Lei Orgânica do município da obrigatoriedade do feriado ser no dia 2 de fevereiro. Trata-se da sedimentação da tradição pela via legal.

Brandão (1985) em seu trabalho sobre a Festa do Espírito Santo em Mossâmedes numa nota de rodapé alerta para essa questão da tradição no que concerne às datas, fato, igualmente, presente no estudo por ele realizado. Nas palavras do referido autor:

"Durante muito tempo, até quatro anos atrás, havia três festas "de santo" em Mossâmedes: a Festa de São José (o padroeiro do antigo aldeamento de índios e da cidade) em abril; a Festa do Espírito Santo, no último domingo de agosto; e a Festa de Nossa Senhora da Aparecida, no terceiro domingo de novembro. Por decisão dos agentes eclesiásticos locais, esta última festa foi extinta e a de São José deslocada para o dia 19 de maio, a fim de coincidir com o Dia do Trabalhador. As duas alternativas foram mal aceitas. Primeiro porque, mesmo sem ser uma das festas mais importantes, a de Nossa Senhora da Aparecida tendia a tornar-se cada vez mais "tradicional e concorrida"; segundo porque a Festa de São José foi deslocada de seu domingo "de todo

ano⁷, caindo agora muitas vezes em dias de semana. Veremos a todo momento que os determinantes 'da tradição' possuem um peso muito importante nas avaliações da Festa" (p.171).

A preocupação com o não "esvaziamento" da festa em face da quebra da tradição, no caso da Festa dos Navegantes, acabou avançando sob o espectro da política e da lei.

4.2 O retorno da Santa ao seu sacrário

Na manhã do dia 2 de fevereiro, às 6h e 30min, começam a ser isoladas, pelos policiais militares, as áreas em frente as duas igrejas envolvidas no evento. De frente à igreja do Rosário é de competência do 9º BPM guarnecer o local, cabendo ao 11º BPM resguardar a praça e circunvizinhanças da igreja dos Navegantes. Cabe aos policiais militares do 9º BPM, bem como aos remadores, fazer um isolamento com cordas começando na escadaria, porta central da igreja de Nossa Senhora do Rosário, passando pelo corredor central até o andor. As Bandas da Brigada Militar e de Clarins dos Dragões ocupam o seu lugar postados em frente à igreja do Rosário, dentro da área isolada.

Os casais de juizes festeiros, autoridades civis e eclesiásticas, convidados especiais, membros da Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes e demais irmandades, às 7h e 15min, acham-se munidos de seus crachás e opas aguardando na secretaria da igreja do Rosário, o início da missa, marcado

para às 7h e 30min. Durante o tempo que antecede a celebração religiosa, as beatas continuam a atuar junto ao andor recebendo flores e distribuindo hierofanias.

A missa segue os mesmos moldes daquela que antecede a procissão de Transladação inclusive no que tange às intervenções da Banda da Brigada Militar e da Banda de Clarins dos Dragões (o hino nacional é igualmente executado), as exceções se devem, em primeiro lugar; a guarda de honra e ao isolamento do andor que passam a ser de competência do 9º BPM, na medida em que o centro constitui área de sua jurisdição, em segundo lugar; tem-se o ofício da cerimônia religiosa que é comandado pelo pároco da igreja do Rosário.

A procissão de retorno que inicia por volta das 8h e 15min, apresenta uma ordenação idêntica a da procissão de Transladação, sendo que o jipe ou viatura que efetua o serviço de proteção ao isolamento do andor é fornecido nesta ocasião pelo 9º BPM.

No dia 02 de fevereiro de 1991, o andor teve o isolamento restrito ao grupo de remadores e a guarda de honra da Brigada Militar (vestida em traje de gala com cachecol amarelo), convidados, membros da Devoção e autoridades acompanharam a procissão junto com os demais fiéis fora do isolamento.

O préstito seguiu pelas ruas Vigário José Inácio, Andradas, Dr. Flores, Mauá, Castelo Branco e Sertório. Na

passagem do andor, os devotos batiam palmas, jogavam flores e moedas. As procissões configurar-se-iam como momentos liminares.

No dizer de Da Matta (1983):

"... a própria procissão teria características conciliadoras, pois seu núcleo é formado das pessoas que carregam a imagem do santo, e tais pessoas estão rigidamente hierarquizadas... Entretanto, o núcleo é formado e seguido por um conjunto desordenado de todos os tipos sociais: penitentes que pagam promessas, aleijados que buscam alívio para seus males, homens normais que apenas demonstram sua devoção ao santo" (p. 51).

E acrescenta:

"...ao mesmo tempo em que o santo homenageado está num andor e separado do povo por sua natureza e pela mediação das autoridades que o cercam, ele caminha com o povo e dele recebe na rua (e não na igreja) suas orações, cânticos e piedade" (p. 51)

Esses postulados, fornecidos por Da Matta foram corroborados pela pesquisa empreendida por Alves sobre o Círio de Nazaré, para este segundo autor:

"... a procissão não implica em criar um universo simetricamente oposto ao da experiência cotidiana. Os que ocupam posições mais baixas na vida social não passam a ocupar, ritualmente, as posições dos grupos dominantes, mas emergem como iguais numa comunidade igualitária. Os aspectos neutralizadores da festa religiosa, no sentido em que Da Matta (1974) lança suas hipóteses, parecem evidentes" (Alves, 1980, p. 52).

No caso das procissões da Festa dos Navegantes,

evidencia-se os mesmos elementos observados por Da Matta e Alves.

Por sua vez, em 2 de fevereiro de 1990, paralelamente, a procissão realizada por terra, uma procissão náutica, formada por um grupo de barcos a remo, acompanhou todo o percurso até a ponte sobre o rio Guaíba como forma de protestar contra a Capitania dos Portos face as suas exigências no que se refere à liberação das embarcações. A procissão por água foi chamada de Procissão da Saudade. Esse tipo de manifestação visa a um relaxamento dos controles quanto à observância de determinadas normas e regulamentos, pois é comum que diante de um desastre público, nos moldes do que aconteceu com o Bateau Mouche, sejam tomadas medidas drásticas com o intuito de que episódios semelhantes não venham a se repetir. Porém, também é certo que, passado o impacto emocional, o esquecimento tenda a colaborar no sentido de que a inspeção, diminua.

Cerca de 160 homens da Brigada Militar foram incumbidos de zelar pela segurança. No que tange à transmissão radiofônica, durante o percurso, essa coube a Rádio Aliança, 106.3 FM, adquirida pela Arquidiocese de Porto Alegre, para servir de veículo de evangelização.

Políticos de diferentes siglas partidárias costumam se fazer presentes na procissão, alguns como o Prefeito Olívio Dutra do Partido dos Trabalhadores, perfazem todo o trajeto, outros engajam-se ao préstito quase no final

do percurso. O Provedor com propriedade afirmou para a imprensa em 1991:

"Todo político que leva a sua carreira a sério aparece nesta festa" (Zero_Hora, 02.02.1991, p.17).

Sobre a presença de políticos em festas, Brandão (1985) diz:

"Ao contrário das festas de igreja, as 'de produto' são marcadamente profanas e não é raro o aproveitamento da situação pelos poderes políticos do estado e do município para o exercício de práticas de caráter cívico. Ao lado dos eventos de louvor ao produto e ao produtor, acrescenta-se a Pátria, o estado ou, pelo menos, o município" (p.197).

Ao analisar-se a Festa dos Navegantes, onde o sagrado se faz presente, percebe-se marcas de civismo, tais como o Hino Nacional tocado durante as missas, a minúscula Bandeira do Brasil presa ao andor, além da concentração de autoridades na procissão do dia 2, na missa campal e mesmo vagando entre as barracas da parte profana da celebração, donde se pode inferir que nesta festa de igreja ocorre a apropriação pelo poder político de parte do espaço e do tempo religioso. O ritual mexe com o emocional das pessoas, razão pela qual os políticos aproveitam-se dessas ocasiões para emitirem frases de efeito de forma a sensibilizarem os eleitores. Para exemplificar tem-se em 1991, a declaração do Prefeito de Porto Alegre que disse ter pedido para Nossa

Senhora que intercedesse por ele e pelo povo de Porto Alegre para que todos pudessem enfrentar as dificuldades com um trabalho solidário que melhore as condições de vida da população.

Outro exemplo, em 1991, foram as faixas, distribuídas pela Juventude Socialista do PDT, com a inscrição "Paz no Golfo".

O Estado arroga a si o direito de estruturar o espaço ritual. Assim como o carnaval transformou-se a partir da interferência do poder público (Zaluar, 1985; Queiroz, 1985), a Festa dos Navegantes, por se caracterizar como uma manifestação popular, também vem merecendo ao longo dos anos um maior controle por parte daqueles que detém o poder. Em nível burocrático, é o poder público, através da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio que licencia os ambulantes que trabalham nas proximidades da Praça dos Navegantes no dia 02 de fevereiro. O Estado, através da Capitania dos Portos, é quem impôs restrições à procissão fluvial; o estabelecimento do feriado obrigatório no dia 2, também foi uma decisão política.

Retomando-se a descrição do ritual, o número de pessoas que rezam e cantam, postados no adro da igreja, aumenta na medida em que se avizinha o horário previsto para a chegada do barco-andor. A todo instante o padre, o catequista, o ministro e demais evangelistas que fazem uso do microfone para coordenar os cânticos e as orações,

mencionam os minutos que faltam para que a Santa retorne ao seu templo, momento esse esperado com ansiedade pelo povo ali presente.

A imprensa também aguarda para fazer a cobertura da missa campal, emissoras de rádio e televisão e empresas jornalísticas espalham repórteres pela Praça dos Navegantes em busca de fatos pitorescos ou dramáticos, como o incêndio de uma barraca em 1991.

Aproximando-se às 10h e 45min, os remadores chegam trazendo a cruz de metal, seguidos pelos padres, pelos festeiros e autoridades, pelo andor, e pelos membros da Devoção e fiéis em geral. O andor é colocado, após ter recebido uma chuva de papel picado, sobre o tapete de serragem, cabendo aos remadores fazer a guarda de honra. As Bandas da Brigada Militar e de Clarins tocam em homenagem a Santa.

Tem início, então, a missa campal celebrada por diversos sacerdotes, dentre eles, arcebispos e bispos.

Segundo dados obtidos junto à imprensa, em torno de 90.000 pessoas acompanharam a missa campal, em 1991. As autoridades, como o Prefeito e o Governador do Estado ou seus representantes participaram ativamente da missa, ocupando um lugar de destaque junto ao altar.

Os devotos devidamente identificados assistem a missa dentro do isolamento de cordas em uma posição percebida como privilegiada pelos outros fiéis, uma vez que

permite uma proximidade maior com o andor. O estar perto do andor é considerado como extremamente importante, razão pela qual o povo usa de artifícios como empurrar ou aproveitar um descuido da segurança para driblar o bloqueio.

Antes do final da celebração religiosa, os jovens avisam as pessoas portadoras de crachás de que tão logo o momento litúrgico termine, essas devem dirigir-se para o interior do templo.

Concluída a missa, os jovens levam para dentro da igreja, a mesa que serviu de altar, os bancos, aparelhos de som, câmaras de televisão, microfones das estações de rádio, etc. Após eles se colocam lado a lado ao longo do corredor da igreja, formando uma barreira humana (de certa maneira homogeneizada pelo uso de camisetas com o logotipo do Banco Itaú) que é engrossada pelos membros da Devoção, convidados especiais e autoridades.

O Coordenador das Procissões comunica que é hora dos remadores levarem o andor para o interior do templo.

O Coordenador dos Clubes Náuticos, localizado na frente do andor, retira o quepe ao entrar na igreja. A Santa é recebida ao som de violões e do cântico entoado pelos jovens, além das palmas dos seletos fiéis que lá se encontram. Este é um momento de grande emoção, mas partilhado por um grupo bastante restrito. Mais uma vez é um tempo exclusivo do grupo dominante.

O andor com a imagem da Santa é colocado do lado

direito do altar, no sentido de quem entra no templo (do lado oposto de onde se encontrava antes da Transladação).

As autoridades são encaminhadas pelos responsáveis (Coordenação de Recepção) até a porta lateral esquerda, lá recebem os cumprimentos e os agradecimentos dos membros da Devoção.

Enquanto internamente a classe dominante desfruta de um momento de intensa emoção, do lado de fora do sacrário, a multidão entra em conflito com os brigadianos na tentativa de "furar" o cerco da segurança e entrar no templo. Todos querem ser os primeiros a rezar e a adorar a imagem.

Tão logo o oficial da Brigada Militar é avisado pelos jovens de que pode autorizar a sua corporação no sentido de desfazer gradativamente o isolamento, a operação tem início. A multidão por sua vez se comprime e se empurra no afã desesperado de chegar logo ao local onde a Santa se encontra.

A segurança organiza a circulação das pessoas. A porta da frente da igreja, guarnecida por dois policiais do 11º BPM é reservada exclusivamente para a entrada das pessoas. As portas laterais, uma à esquerda e outra à direita, guarnecidas cada uma delas por dois policiais, destinam-se exclusivamente para a saída dos fiéis. Dentro da igreja, policiais do 11º BPM, bem como da Polícia Civil, deverão permanecer até às 23 h de modo a impedir a ação de

punguistas e trombadinhas. Ou seja, todos os espaços são minuciosamente controlados.

Vale destacar que o templo no dia 2 apresenta um "lay-out" diferente. O corredor central torna-se amplo, pois os bancos são retirados e colocados nas laterais de forma que as pessoas ao sentarem-se ficam de frente para o corredor e não para o altar. Esta reestruturação é feita na noite do dia 19 de fevereiro pelos jovens.

Em 1991, a igreja dos Navegantes, no dia da festa estava lindamente ornamentada, pois no dia 19, último dia da novena, as fitas e os cartazes que enfeitavam as colunas foram substituídos por arranjos de flores brancas com ramos verdes, o altar também recebeu flores brancas dispostas de maneira a criar um belo adorno.

A disposição dos bancos e a decoração requintada da igreja denunciam o tempo festivo, os símbolos descolados do seu locus habitual reforçam a noção do ritual como algo extraordinário, é preciso modificar a rotina, anunciando-se assim a presença de um momento marcante, para que os membros do grupo social possam retê-lo na memória de modo a manter as suas tradições, a sua cultura.

Para muitos dos fiéis resta cumprir a última etapa do lado sagrado da festa que consiste em entrar no templo para orar e oferecer, principalmente, velas e flores à Santa e receber uma fita ou uma flor que esteve em contato com o andor e, portanto, contagiou-se ou melhor impregnou-se com o

sagrado. Realizada esta tarefa, até a meia-noite do dia 2 tem-se o tempo profano, do riso, da bebida, da música, do comer, do namorar, do jogar, enfim, dos "prazeres da vida" (não raro este tempo se estende até a madrugada do dia 3). Pois como bem assinalou Teixeira (1988):

"Em sua conotação mais essencial a palavra festa remete à noção, coletivamente vivenciada, de alegria, bem-estar, felicidade, satisfação, amizade, descompromisso. Tudo isto é expresso numa síntese perfeita, por coisa boa" (p.23).

Nas barracas e nos salões da igreja a ordem é "festar".

4.3 A praça é dos fiéis em festa

O asfalto que cobre a Praça dos Navegantes, assim como o concreto das elevadas de acesso à ponte sobre o rio Guaíba ganham vida com a movimentação do povo de um lado para outro em busca de diversão.

Faixas contendo frases de apelo religioso e com o nome das empresas que as patrocinaram (Banco Itaú e Brahma) estão por toda parte unindo símbolos sagrados e profanos. Em 1990, era possível ler-se:

"Maria conduzi-nos a Jesus"

"Maria abençoei todos nós"

"Com Maria águas tranquilas"

"Oração o único caminho para chegar a paz"

"Maria afastai os perigos da nossa viagem"

"Maria Estrela da Evangelização"

"Estrela do Mar guiai os navegantes"

"Pelos mares com Maria"

"Salve Rainha do Mar"

"N. S. dos Navegantes protegei-nos"

Coimbra (1987) em seu estudo sobre a Festa de Nossa Senhora Achiropita também registrou a união existente, nas propagandas, entre o sagrado (a Santa) e o profano (a empresa). Para a autora:

"As empresas que investem na festa servem-se desse espaço-tempo para fazer suas propagandas, associando seu símbolo à comemoração e principalmente à imagem da Santa" (p.165).

Cumprido destacar que o anúncio também pode ser percebido sob a dimensão de um ritual, conforme teorizou Rocha (1985), isto porque a propaganda apresenta-se como um objeto deslocado em relação ao conteúdo das mídias onde é veiculado, tendo, ainda, em seu quadro interno um elemento fora do lugar que é o produto. No caso das faixas veiculadas na Festa dos Navegantes, evidencia-se o deslocamento em termos de lugares onde aparecem (na murada das elevadas de acesso à ponte, em frente às barracas) e no que concerne ao conteúdo, são estabelecidas relações entre os homens e a

Santa sendo que os produtos (cerveja, aplicações financeiras) aí surgem sob a forma de elementos aceitos tanto pela esfera terrena como sobrenatural. Os anúncios seriam, portanto manifestações ritualizadas dentro do ritual maior que é a Festa dos Navegantes.

Quanto ao espaço, as tendas, as barracas e os brinquedos que se acham espalhados pelo local são disputados pelos fiéis em festa, agora, os donos do ritual.

As pessoas procuram um lugar nas mesas das barracas para aproveitarem o lado profano da celebração, aquele destinado à festa, à alegria, ao cantar, ao beber, à troca, muito semelhante ao que afirmou Bakhtin (1987), sobre a Idade Média, época em que "quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado pela tradição" (p.4).

Talvez seja essa necessidade de contrapor a alegria ao caráter reverente da manifestação religiosa que fez com que fosse composto, um samba, em 1964, para Festa dos Navegantes, cujo autor é bisneto da doadora das terras da igreja. A letra narra o evento com propriedade:

O andor já saiu da Igreja do Rosário
E lentamente rua abaixo vai descendo
Os botes no cais estão esperando
De remos na água, de velas ao vento, fomalhas
queimando.

E finalmente vai saindo a Procissão
Ao som dos apitos, foguetes, estouros de rojão.
A padroeira dos Navegantes
é carregada na primeira embarcação.

A Festa dos Navegantes
é a festa da gente de cor.
Do churrasco, da melancia, do parque animado
Da bandinha que sempre toca um dobrado.

A Festa dos Navegantes
Em Porto Alegre poucos dias vai durar.
Mas a fé na santa padroeira
O ano inteiro há de durar.

(Composição de Alberto do Canto)

Nas barracas, as mesas com dois bancos inteiriços, um de cada lado, permitem a acomodação de seis pessoas em torno do mesmo espaço, o que leva a uma "communitas" (Turner, 1974), pois as diferenças tendem a ser neutralizadas em face da espontaneidade e da camaradagem.

Em 1990, eu pude, juntamente com meu acompanhante, vivenciar este espírito de solidariedade, na medida em que ao encontrar-se totalmente lotada a barraca onde fomos

almoçar, pedi licença a três pessoas para ocuparmos os espaços vagos existentes na mesa em que se achavam, fomos acolhidos prontamente, sendo que a cordialidade se estendeu para mais além com o oferecimento de cerveja e churrasco por parte delas.

As pessoas apresentam-se bastante receptivas, querendo dividir conversa, comida e bebida. Como bem observou Brandão (1985):

"As pessoas comem juntas (as mesmas pessoas que se quer se 'assentam' frente a uma mesa para comer em família, em casa), 'festam' juntas e, finalmente, estabelecem formas coletivas de gastar juntas uma porção de dinheiro maior do que a consumida em largos períodos da rotina" (p.203).

Um membro do grupo com o qual almoçamos (um jovem negro) disse que a sua esposa não o acompanhara na festa, porque ela havia ficado em casa cuidando do bebê, mas tinha solicitado ao marido que lhe levasse uma lembrança da festa. É como, se para compensar o prazer obtido pelo marido ao participar do ritual, a esposa necessitasse de uma dádiva, de um presente em troca, de um mimo para quem se viu impossibilitada de desfrutar as "alegrias" da festa.

Em várias etapas do ciclo ritual percebi a importância do dar "alguma coisa" e da reciprocidade. Quando entrevistei uma devota na igreja do Rosário, durante o período de adoração da imagem, em 1990, fui surpreendida, ao final, com a sua indagação acerca de quanto me devia. O

mesmo se deu em uma das barracas, onde após a entrevista com o dono, ao perguntar o preço do refrigerante que eu havia bebido, recebi como resposta um valor abaixo daquele normalmente cobrado. Por sua vez os remadores também nos convidavam (a mim e ao meu acompanhante) para tomarmos cerveja, e aí a reciprocidade era infalível. A cada cerveja que um comprava, o outro imediatamente retribuía. Foi difícil convencer a um dos remadores no sentido de dar por encerrada a rodada, para tanto tivemos de usar o expediente de que nós iríamos visitá-lo em sua casa e assim, lá, ele poderia nos obsequiar.

O ser convidado para ir até a casa das pessoas foi algo recorrente e não se limitou a classe dominante, os mais humildes já faziam planos quanto à alimentação (massa e galinha) a ser servida e uma possível "espichada" até uma casa noturna.

O companheirismo é uma constante na festa, no que tange especificamente aos membros da Devoção eles pareciam ter me adotado como sua filha, tamanha a preocupação esboçada em atitudes como a de saber se eu já havia almoçado e se tudo estava correndo bem. Também recebi de presente uma medalhinha com a imagem da Santa de uma das senhoras da Devoção.

Na etnografia elaborada por Vianna (1988) o autor divisa esta solidariedade nos bailes funks realizados nos subúrbios cariocas. Portanto, se nas festas em geral, há uma

tendência à solidariedade, naquelas onde o sagrado se faz presente existe uma predisposição ainda maior neste sentido. Tal postura remete ao que Mauss (1974) teorizou ao estudar a dádiva em sociedades arcaicas:

"... o que trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras em que o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação das riquezas constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito mais permanente. Enfim, essas prestações e contra-prestações são feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam, no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública" (p.45).

Voltando-se à Praça, nas barracas, as conversas e os risos denotam a animação e o efeito do álcool. Tem-se a nítida impressão de que essas pessoas durante os meses que antecederam a festa pouparam o suficiente de modo que lhes fosse possível comprar uma roupa nova, de preferência nas cores azul e branco, cores da Santa e, ainda, comer e beber a vontade no dia 2 de fevereiro. A informalidade do ambiente se dá pela falta de toalhas nas mesas, pelos pratos e copos serem de papelão e de plástico. Os únicos objetos não descartáveis são os talheres (oxidados). Vale destacar que durante o período das novenas, que antecedem o dia da festa, os copos utilizados são de vidro.

Numa reportagem assinada por Néilson de Assis, na

Revista do Globo de nº 405, datada de 23.02.1946, encontra-se uma descrição muito próxima daquilo que foi observado pela pesquisadora em seu trabalho de campo:

"Aboletados em mesas precárias, os comensais se dedicavam à tarefa de separar do prosaico espêto de pau um minúsculo assado de Cr\$ 6,50. A sorte estava na temperatura fresca da "Oriente", tabelada como cerveja de primeira qualidade.

Nada disso, porém, fornecia motivo para arrefecer ou exaltar desordeiramente os ânimos. A turma queria diversão e não perguntava pelo preço. Pedia e tornava a pedir. Depois de dois ou três churrascos e de duas ou três cervejinhas, a satisfação física beirava o clímax e se derramava pelo ar de forma sonora e absorvente através de piadas, brindes e até mesmo por meio da corriqueira arte de contar vantagens" (p.40).

As garrafas de cerveja acumulam-se sobre as mesas, o que parece dar um enorme prazer aos participantes da festa, pois representa uma demonstração de status, quanto mais garrafas de cerveja vazias sobre a mesa, maior o poder aquisitivo exibido por aqueles que lá se encontram, isto não significa que essas pessoas possuam um excedente de recursos no cotidiano de suas vidas, mas sim que teriam reservado uma fatia significativa de seus ganhos com o fito único de gastá-la "nos Navegantes".

Os pratos mais consumidos são galeto e churrasco, isto vale para as barracas e para os salões da paróquia. Salsichão, costela, galeto acompanhados de salada de tomate e cebola e maionese são os pedidos mais frequentes. Aqui

cabe uma reflexão. Os frequentadores da festa, por serem em sua grande maioria de grupos dominados, em especial o dos negros, recorrem a símbolos da cultura dominante como forma de buscarem uma proximidade com essa classe social. Assim, o churrasco e o galetto fariam parte desta simbologia.

Da Matta (1991) no que tange às concepções de alimento e de comida estabelece distinções que merecem ser ressaltadas. Segundo o autor:

"O alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto ou de longe, da rua ou da casa, do céu ou da terra. Mas a comida é algo que define um domínio e põe as coisas em foco... Por outro lado, comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa" (p.55).

Para os gaúchos, o churrasco seria considerado como uma comida, pois funcionaria como um símbolo da identidade gaúcha.

Retomando-se Da Matta (1991):

"A comida vale tanto para indicar uma operação universal - o ato de alimentar-se - quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer, estar e viver" (p.57).

É dentro desta lógica que se pode pensar a comida servida na Festa dos Navegantes como que apontando para a identidade gaúcha, da mesma forma que a Festa do Bom Jesus

de Pirapora (Fernandes, 1982) serve para reforçar a identidade de gênero (masculino), a Festa da Achiropita (Coimbra, 1987) corrobora na construção da identidade dos calabreses e a Festa do Círio de Nazaré (Alves, 1980), com seus almoços, reitera a identidade de paraense.

O custo das comidas nas barracas, em 1991, era o seguinte, de acordo com a tabela da Superintendência Nacional de Abastecimento e Preços:

Cerveja - Cr\$ 250,00

Refrigerante - Cr\$ 70,00

Meio Galeto com salada - Cr\$ 700,00

Churrasco com salada - Cr\$ 700,00

Salsichão com salada (4 unidades) - Cr\$ 700,00

Pastel - Cr\$ 100,00

Nos salões paroquiais, o refrigerante era vendido a Cr\$ 50,00, o galeto e o churrasco a Cr\$ 500,00, contudo, havia a necessidade de se pagar uma caução no valor de Cr\$ 200,00 pelos talheres, valor este que era restituído no final da refeição, mediante a devolução dos mesmos.

Cerca de 9.000 pastéis foram vendidos, no dia da festa, em 1990, nos salões paroquiais.

Para o capitão da Brigada Militar, nos salões da paróquia, as pessoas mantêm uma ordem maior, porque, lá, o preço dos alimentos é mais alto, porém, pelo que pude verificar, não seria esta a razão uma vez que, ao contrário, os preços das refeições nos salões, tanto em 1990 como em

1991, encontravam-se abaixo daqueles praticados nas barracas.

A "desordem ritual" presente nas barracas, no meu entender, aparece de forma bastante acentuada devido ao próprio ambiente mais informal onde os barraqueiros também são pessoas humildes como seus próprios clientes, daí por que, no dia primeiro de fevereiro, eu e meu acompanhante, ao pedirmos churrasco e cerveja em uma das barracas recebermos a comida servida em uma única bandeja de papelão, algo bem ao estilo das classes populares que praticam cotidianamente atos de solidariedade, dividindo o pouco de que dispõem no seu dia-a-dia, de sorte que isto acaba perpassando também o espaço da festa. Diferente daquilo que acontece com as classes mais abastadas, onde o individualismo em termos de modos à mesa é visto como sendo de "bom tom". Por outro lado, o gerenciamento dos salões paroquiais cabe aos membros da Devoção, ou seja, compete a classe dominante, que são aqueles que detém o poder e o controle da festa. Isto por si só já conferiria uma tendência de se manter a ordem naquele espaço.

O atual Prefeito de Porto Alegre, em 1990, ao circular entre as barracas, em manga de camisa azul-clara, ouviu os gritos de "ladrão de ônibus", era um protesto contra o aumento das tarifas autorizado pelo Prefeito. Quem reclamava trazia para o contexto da festa suas inquietações diárias, numa manifestação mais ousada que, sob a desculpa

do álcool e da festa em si, acabou sendo tolerada.

Tem-se, ainda, que os hábitos dos dominantes são absorvidos pelos dominados que se aglutinam junto aos tabuleiros de "quinquilharias" vendidas por artesãos e ambulantes, muitos deles inclusive sem licença da Secretaria Municipal da Indústria e Comércio para se instalarem na rua próxima da Praça dos Navegantes. Como foi revelado à pesquisadora, "é só chegar e se tiver lugar vago, ocupá-lo". Desta forma as pessoas humildes reproduzem de maneira modesta o consumismo das classes superiores.

A Devção está representada por duas barracas, uma é a Tenda das Senhoras, a tenda da D. Adelina como é mais conhecida, aí são vendidos panos de prato, vidros de tempero caseiro, cestos para guardar novelos de lã, etc., existindo ainda uma espécie de roleta para o sorteio de prêmios. Cumpre destacar que determinadas ofertas feitas pelos devotos à Santa voltam a ser comercializadas, pois são postas à venda nesta barraca, como por exemplo, um vaso de crisântemos amarelos ou mesmo algumas velas.

A outra tenda é a das lembranças onde são vendidas imagens de gesso de Nossa Senhora dos Navegantes, medalhas, rosários, enfim somente artigos religiosos. Em 1991, era possível adquirir-se uma imagem pequena por Cr\$ 650,00 e uma imagem grande por Cr\$ 2000,00. Terminada a missa campal, esta barraca fica lotada de pessoas que querem comprar uma lembrança, seja um chaveiro ou mesmo um rosário.

Dentro dos salões paroquiais, a tendinha montada desde o período das novenas, vendia, em 1991, panos de prato, a preços que oscilavam entre Cr\$ 400,00 e Cr\$ 900,00.

Nas barracas de jogos da Praça, as apostas mínimas eram de Cr\$ 50,00 ou de Cr\$ 100,00, em 1991, e de NCz\$ 5,00 e NCz\$ 10,00, em 1990.

Ao caminhar, em 1991, até uma parte mais afastada, numa tenda de jogos, o responsável insistia para que eu jogasse, como eu me mostrasse pouco afeita, ele declarou: "o pessoal (referindo-se a Devolução) cobra Cr\$ 30.000,00 pelo terreno e não quer gastar Cr\$ 50,00 e Cr\$ 100,00 nas apostas." Na medida em que eu portava o crachá da Devolução, houve uma certa cobrança, um protesto velado com relação ao arrendamento da Praça.

Grupos de capoeira, com seu gingado, ao som de uma música que falava em Mestre Pastinha da Bahia, reúnem um número considerável de curiosos em volta.

A grande maioria das pessoas que ali se encontram, para não dizer que quase a sua totalidade, são de segmentos dominados, em especial de negros, que apropriaram-se da festa transformando-a em um evento popular. Na medida em que os segmentos dominados foram se tornando os donos da festa, os dominantes enquanto participantes foram se retirando, pois como tal não poderiam se contaminar, daí as suas presenças como organizadores, com seus convidados especiais e gozando de espaços e tempos próprios. Para exemplificar

essa distinção em termos de espaço, tem-se que os banheiros utilizados pelo pessoal da Devoção situavam-se próximos da sala de reuniões e a entrada que dava acesso a essas peças achava-se guarnecida por um brigadiano que só permitia o ingresso de indivíduos portadores de crachás.

Esta divisão espacial também é percebida por ocasião do almoço no dia 2, o Provedor, o Tesoureiro e suas respectivas esposas e os padres almoçaram na casa paroquial. O "menu" era composto de galeto, que foi pego nos salões paroquiais, salada e sobremesa (pudim). As duas últimas foram preparadas na cozinha da casa paroquial. Por sua vez, nos salões paroquiais almoçaram, gratuitamente, as pessoas que trabalhavam na festa, pois foram distribuídos, em 1990, 430 tickets. Aqueles que foram à festa só para se divertirem optaram entre as barracas e os salões paroquiais, arcando com o ônus da sua escolha. Vale destacar que apesar das diferenças de espaço, a comida parecia criar uma identidade entre aqueles que participavam da festa. Galeto e churrasco foram a tônica, a única distinção residiu na salada e na sobremesa consumida pela cúpula da Devoção e pelos padres, posto que foram elaboradas de maneira personalizada, em um reduto familiar, qual seja, a casa das autoridades religiosas. Mas de qualquer forma, o prato principal foi o mesmo para qualquer pessoa e em qualquer lugar da festa, confirmando-se então a afirmação de Coimbra (1987): "A comensalidade é o universal da indistinção entre os homens"

(p.14).

Em 1991, as pessoas que portavam crachás e estavam trabalhando, na parte da tarde, na festa, ganharam salada de frutas (inclusive a pesquisadora).

As melancias tradicionais na festa desde 1875, encontravam-se em diversas barracas mais afastadas da Praça e estão de tal maneira associadas aos Navegantes, que é hábito chamar a Festa dos Navegantes de Festa da Melancia. Tudo começou em 1874, quando da construção do ramal ferroviário entre Porto Alegre e São Leopoldo (cidade distante 34 Km de Porto Alegre). Para consolidar o leito ferroviário, na esquina da rua Voluntários da Pátria com a rua Sertório, foram colocados blocos de granito e levantado um muro de arrimo com cerca de 3 metros de altura, numa extensão de cerca de 50 metros. Ao lado da ferrovia foi construída uma mureta de cerca de 60 centímetros de altura. Nesse local foram improvisadas tendas que vendiam permanentemente hortifrutigranjeiros provenientes das ilhas do Guaíba. Na festa de 1875, a melancia se fez presente, em tendas e ramadas no arraial dos Navegantes de modo a melhorar a venda dessa fruta típica da estação (Licht, 1989, p.45). Daí para diante a melancia teve a sua presença assegurada em todas as demais festas. Em 1991, a fruta em fatias era vendida a Cr\$ 50,00 e inteira a Cr\$ 200,00.

Em 1983, a pedido do pároco da igreja dos Navegantes, a Secretaria Municipal da Produção, Indústria e

Comércio não autorizou a venda das melancias nas proximidades da igreja. A decisão tendo gerado inúmeros protestos teve de ser revista e várias tendas com melancias acabaram sendo montadas garantindo a oferta da fruta durante os festejos.

Inúmeros vendedores de cataventos, flores, velas, fitinhas e imagens da Santa circulam pela Praça dos Navegantes. Durante o dia, uma fitinha, aos moldes daquelas de Nosso Senhor do Bonfim vendidas na Bahia, custava, em 1991, Cr\$ 100,00, caindo o preço, à noite, para Cr\$ 50,00.

Com Cr\$ 150,00, em 1991, as crianças podiam desfrutar de um brinquedo no Parque de Diversões. À medida que a noite chega parece aumentar o fluxo de pessoas negras e de baixa renda na área destinada especificamente às diversões, isto porque a igreja cerra suas portas por volta das 23h, restando tão somente a parte profana para o deleite daqueles que para lá se deslocam. As filas para andar nos brinquedos do Parque de Diversões são enormes, apesar de tudo os pais demonstram orgulho em poder proporcionar entretenimento à "gurizada".

Em várias barracas e mesmo nos salões paroquiais ouve-se o batucar de sambas executados pelos negros que são maioria na festa. No dizer de um informante era comum o Império da Zona Norte (escola de samba) ir até a Praça e fazer carnaval (ver depoimento do Provedor no Capítulo II).

Os alto-falantes da Praça tocam músicas bem ao

gosto popular. Recados, tais como, "Fulano espera Beltrano para tomarem uma cerveja na barraca X" podem ser escutados seguidamente. Os anúncios comerciais também ecoam pela Praça durante todo o dia.

Jovens do Partido dos Trabalhadores e membros do Evangelho Quadrangular aproveitam o tempo-espço festivo para distribuírem panfletos contendo mensagens que vem ao encontro dos seus interesses.

Em 1991, havia até uma barraca de cocadas de Feira de Santana - Bahia, que aliás atraiu um grande número de comensais apreciadores deste tipo de doçura.

Em meio a Praça, em 1990, uma pessoa "incorpora"¹, no entender de uma informante: "São os santos da cachaça".

Por volta da 1 h da madrugada do dia 3 de fevereiro, alguns devotos vencidos pelo álcool e pelo cansaço dormem na escadaria da igreja (que de rua passa a casa, para lembrar Da Matta), os fiéis mais em forma dirigem-se para as paradas de ônibus, onde um banco surge como uma dádiva e há, também, os que deixaram junto as roletas o dinheiro da passagem, restando, então, como única solução, deslocar-se a pé até em casa, se o corpo agüentar.

Face ao número elevado de público presente na festa, problemas de saúde causados pela emoção e pelo cansaço são recorrentes e para atendê-los, o Exército

¹ Incorpora, ou seja, recebe um santo, de acordo com as religiões afro-brasileiras.

costuma montar uma barraca com enfermeiro e médico, ao lado da igreja. Em 1991, cerca de 70 pessoas foram atendidas. Novamente vê-se a presença do Estado aqui representada por uma arma interferindo no contexto da festa.

4.4 Os atores e suas falas

Neste item pretende-se registrar as diversas impressões captadas nos discursos produzidos por aqueles que tomam parte ativa na festa, tanto em nível de trabalho como simplesmente enquanto fiéis que vão ao evento para pagarem suas promessas ou então tão somente para se divertirem. Com a palavra o povo em geral, os remadores, os barraqueiros, os brigadianos e o Provedor.

4.4.1 O povo

O sincretismo religioso presente em outras festas de igreja do universo social brasileiro também aparece na Festa dos Navegantes. Na Festa de Nossa Senhora Achiropita, a religiosidade afro-brasileira se manifesta através da lavagem da escadaria (Coimbra, 1987); na Festa do Carmo, Nossa Senhora do Carmo é associada a deusa do panteão afro-brasileiro, Oxum (Figuerôa, 1987); na Festa dos Navegantes, Nossa Senhora dos Navegantes, por sua vez, é relacionada a Iemanjá.

Segundo Pernambuco Nogueira (Presidente da União de Umbanda do Estado do Rio Grande do Sul, em 1978), em um

artigo publicado na revista Batuque de maio de 1978:

"Tudo no mundo provém da Unidade e isso os africanos não desconheciam, prova é que divinizavam a um Deus único a que chamavam de Olurum.

Este Deus, jamais invocado e ao qual não dirigiam oferendas, criou, então, Obatalá - o princípio masculino - e Odudua - o princípio feminino.

Da união destes dois princípios antagônicos, nasceram Aganjú, a Terra e Iemanjá, a Água, e desta nova união nasceu Orugan, o Ar, este representando nossa atmosfera, fruto do resfriamento da Terra pela Água, em sua formação de planeta.

Continuando a sua simbologia, dizem que Urugan, o Ar, num incestuoso amor por sua mãe Iemanjá, fez nascer os demais Orixás, que representam as forças vivas da natureza (...). Yemanjá (sic) é considerada a mãe de todos os Orixás e rege a água salgada, plasma universal utilizado pelo Criador e de onde provieram todas as formas vivas. Isto assume extraordinária importância se atentarmos para o fato de que o feto humano inicia sua vida protegido por uma bolsa placentária que contém exatamente água salgada em seu interior" (p.22).

Nesta época do ano, normalmente, são fretados ônibus especiais para conduzirem até a orla marítima do Rio Grande do Sul, filhos de santo, mães e pais de santo, além de outros adeptos das seitas afro-brasileiras, para que os mesmos possam fazer as suas oferendas à Dona das Águas. Aqueles de menos posses ou que por qualquer outro motivo não tenham condições de se dirigirem ao mar, preparam os seus presentes e os entregam no rio Guaíba. Iemanjá, segundo seus devotos, gosta de pentes, perfumes, sabonetes, pulseiras, brincos, flores e velas brancas e azuis, cocadas, dentre

outras coisas. Esses presentes colocados em minúsculos barcos, confeccionados pelas próprias pessoas que irão entregar as oferendas ou adquiridos em lojas que vendem artigos de "religião", são lançados no rio, obedecendo a toda uma ritualização que é imposta por esses cultos.

A igreja Católica (representada por alguns padres) parece estar aos poucos aceitando e convivendo com essas manifestações, numa atitude bastante distante daquela existente em anos passados, quando toda e qualquer ação que denotasse simpatia ou filiação a essas crenças era reprimida, o que configurava uma atitude pouco democrática. No dizer do atual pároco da igreja dos Navegantes, católicos e umbandistas se misturam num "ecumenismo respeitado" (Zero Hora, 31.01.1990, ZH Zona Norte). Essa mudança pode ser explicada ao ter-se presente a perda da hegemonia que a Igreja Católica granjeara durante um longo período. O embranquecimento da religião "afro", pela classe média, fez com que o número de adeptos da Umbanda aumentasse. Hoje não é incomum ouvir-se depoimentos de pessoas influentes confessando a sua simpatia pelos cultos afro-brasileiros, como exemplo, em 1990, a então Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello afirmou "Eu realmente acredito em Iemanjá", isto ao anunciar que faria uma oferenda na passagem do ano (Zero_Hora, 03.01.1991, p.3).

Vale destacar que algumas pessoas fazem questão de estabelecer uma distinção entre Iemanjá e Nossa Senhora dos

Navegantes. Para o catequista Airton, do grupo de jovens, as imagens são diferentes e, portanto, Nossa Senhora dos Navegantes não é Iemanjá. A esposa do dono de uma barraca também assume um discurso semelhante (ver item os barraqueiros). Para o remador Gilberto, quando na procissão do dia 2, a imagem da Santa é transportada por água, aí é Iemanjá, se conduzida por terra é Nossa Senhora dos Navegantes, ou seja, o remador cria relações entre os elementos da natureza e a Santa.

Pensa-se que os turistas presentes na festa sejam em número reduzido, isto porque Porto Alegre não possui uma tradição turística nesta época do ano, face ao calor abrasivo que faz com que as cidades litorâneas e da serra gaúcha sejam mais procuradas. O grande contingente de pessoas que ficam na capital no verão é constituído pelos segmentos da população que não dispõem de recursos para "veranearem" ou viajarem e de pessoas que trabalham durante a semana, mas nos fins de semana deslocam-se para as praias. Daí ser possível afirmar-se quase que com absoluta convicção que a maior parte dos devotos que vão à festa encontram-se entre as camadas de baixa renda.

Se considerarmos em termos de Grande Porto Alegre, o raciocínio também é válido, na medida em que a classe dominante do Rio Grande do Sul como um todo tende a deslocar-se para a praia durante o período de alto-verão.

Ao entrevistar 54 pessoas na saída da igreja dos

Navegantes, no dia 02 de fevereiro de 1991, perguntando-lhes, em primeiro lugar, sobre a frequência à festa e, em segundo lugar, acerca do "porquê" comparecem à festa, obtive as seguintes respostas:

FREQUÊNCIA		
DESCRIÇÃO	Nº de pessoas	Percentual
Vem todos os anos	23	42,59
Vem todos os anos, mas faltou no ano passado.	2	3,70
Veio pela 1ª vez	10	18,52
Vem há dois anos	5	9,26
Vem há três anos	2	3,70
Vem há quatro anos	1	1,85
Vem quando pode	8	14,82
Não responderam	3	5,56
TOTAL	54	100,00

A maior parte das pessoas entrevistadas costumam comparecer à festa todos os anos, sendo que um número significativo se fez presente pela primeira vez em 1991. Das 54 pessoas, 8 (14,82%) participam da festa "quando podem" e 5 (9,26%) há dois anos marcam presença no evento.

No que tange às razões que levam os fiéis a se deslocarem até a igreja dos Navegantes, no dia da festa tem-se:

RAZÕES		
DESCRIÇÃO	Nº pessoas	Percentual
Fé	7	12,96
Porque a Santa é Milagrosa	1	1,85
Porque gosta	6	11,11
Porque gosta, traz a família, tem fé	1	1,85
Para pedir paz/saúde	3	5,56
Devota	11	20,37
Para trazer a filha	1	1,85
Promessa	14	25,93
Acompanha a família	1	1,85
Nenhuma razão especial	2	3,71
Para trazer a esposa que queria conhecer a festa	1	1,85
Para passear	1	1,85
Para rezar pelo filho que se encontra próximo a área do Golfo	1	1,85
Para representar a avó que tem câncer	1	1,85
Para agradecer	1	1,85
Não responderam	2	3,71
TOTAL	54	100,00

As razões principais em ordem decrescente são: promessa, devoção, fé e porque gosta.

4.4.2 Os remadores

Responsáveis pela condução do barco-andor durante as procissões, os remadores sentem-se e são parte da tradição. Cerca de 60 deles costumam se revezar em equipes de 10 de forma a suportarem o peso do andor que, dadas as flores, moedas e demais ofertas, chega a pesar 300 Kg.

Nas duas festas em que realizei o trabalho de campo, tive a oportunidade de me aproximar desse grupo

convivendo mais intensamente com três deles; o Sr. Gilberto que há 39 anos participa das procissões, o Sr. Adão que tendo carregado o andor por 20 anos, devido a problemas cardíacos, em 1991, viu-se impossibilitado de fazê-lo e o remador Eli, outro que há vários anos cumpre a sua tarefa no ritual. O Sr. Gilberto e o Sr. Eli representam o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, já o Sr. Adão, o Sport Club Internacional.

Dentre as reivindicações dos remadores, a de maior significado é aquela que diz respeito à condução do andor, pois a Devoção ao tentar aliviá-los de tal incumbência, dado o peso exagerado, discute a possibilidade de se colocar a imagem da Santa sobre um caminhão. Tal idéia repercutiu mal entre aqueles que se dizem os protegidos diletos da Santa. No dizer de um membro da Devoção, o Tesoureiro, que foi quem sugeriu a mudança:

"Na verdade não seria um caminhão, mas uma armação com rodinhas, onde o andor iria em cima, porque o pessoal do remo não aguenta carregar o andor pesado desde a igreja do Rosário".

Mas, para o remador Gilberto:

"Quando houver uma reunião com o pessoal da Devoção vou alertar que a Santa não está contente em ser transportada por terra e ficará menos contente com a retirada dos remadores. Se a Santa for carregada por um caminhão é como cravar uma faca no peito dos remadores".

Através desses dois discursos é possível perceber-se o que a Devoção imagina ser o melhor para o pessoal do remo e o sentimento real experienciado pelos envolvidos na quebra da tradição, qual seja, o da impossibilidade de exercitar sua fé, sua devoção para com a Santa e que se dá mediante a condução do andor. Afora a questão da identidade desse grupo que se forja exatamente na força física, necessária para a prática do esporte e exibida durante as procissões, onde a masculinidade é estampada para os demais grupos sociais.

Uma outra tradição, envolvendo remadores, já havia sido quebrada. No passado, época em que o padre Arthur era atuante, a imagem da Santa ficava no meio da igreja, cabendo aos remadores recolher as ofertas. Hoje, esta tarefa é de competência dos jovens. Isto porque, algumas pessoas por improbidade utilizaram-se da indumentária característica de remador para ficar junto ao andor e se apossarem dos óbolos.

Para melhor identificação, os remadores, há 4 anos, recebem crachás com a inscrição "REMO" e somente aqueles que transportaram a imagem da Santa na Transladação podem conduzi-la de volta no dia 2 de fevereiro, isto porque, o crachá é distribuído antes da Transladação, sendo assim, no dia 2 não há como habilitar-se para esta tarefa.

O Sr. Gilberto casou e batizou os filhos na igreja dos Navegantes, sob a bênção do padre Arthur Wickert, daí por que suas lembranças voltarem-se para o tempo em que o

padre Arthur mantinha o controle da festa, apesar do religioso ser extremamente centralizador, as pessoas parecem sentir falta daquilo que o Sr. Gilberto afirma ser "entusiasmo". Segundo os mais antigos participantes da festa um atributo ausente no atual pároco seria a "vibração", algo inerente a atuação do padre Arthur.

O antigo pároco impunha rígidos preceitos morais que acabaram sendo internalizados pelos fiéis, a ponto dos devotos criticarem a maior complacência para com determinados procedimentos adotada por seu sucessor. Para exemplificar, o Sr. Gilberto ao ver uma jovem portando um "short" bem curtinho, disse que no tempo do padre Arthur isso seria proibido, pois representa um desrespeito para com a Santa. Na percepção do remador, se a garota estivesse usando uma bermuda isto não causaria nenhuma afronta, na medida em que tal peça do vestuário é mais comprida.

O referido remador declarou ter muita fé na Nossa Senhora dos Navegantes, tendo confidenciado o fato de ter rezado bastante pela saúde de seu amigo Adão que ao que tudo indica apresentou melhoras.

As chamadas "lembrancinhas" também foram objeto de mágoa por parte dos senhores Adão e Gilberto. Com relação a uma delas, pude atuar como mediadora na obtenção. Tratavam-se, em 1990, de camisetas com a inscrição, nas costas, 115ª Festa dos Navegantes e, na frente, o logotipo do Banco Itaú, que lhes foram prometidas em caso de "sobrar alguma". Falei

com o membro da Devocão, responsável pela distribuição, e consegui duas de tamanho pequeno, uma para o Sr. Gilberto e outra para o Sr. Adão, que não se importavam com o tamanho, o que estava em jogo na realidade era a dádiva, a recordação.

O mesmo tipo de sentimento deu-se com referência às medalhas, segundo o Sr. Gilberto, no passado, os remadores ganhavam duas medalhas, uma pela sua participação no transporte do andor e outra com a imagem de Nossa Senhora. Em 1990, somente a medalhinha com a imagem da Santa Ihes foi entregue e, em 1991, receberam um boné e um chaveiro.

Todos os anos o Sr. Gilberto costuma levar para casa uma flor artificial retirada da decoração do andor.

Quanto à comida, em 1990, a reclamação do pessoal do remo tinha como base a não entrega de tickets para eles. Os remadores julgavam que os responsáveis pela distribuição houvessem retido alguns tickets visando a beneficiar parentes prejudicando desta forma a quem de direito.

Na percepção dos remadores a festa vem se transformando, ao longo dos anos, em comércio.

A festa como um locus privilegiado para a demonstração de status é bem ilustrada, com o caso do remador Eli, durante uma rodada de cerveja.

Eli (pai de dois filhos e a esposa achava-se grávida do terceiro) fez questão de dizer que possuía um

sítio na Barra do Ribeiro (cidade distante 62 Km de Porto Alegre) com 10 ha, uma camionete D-20, um monza, um caminhão e era proprietário de três borracharias. Quanto ao nível cultural, o Sr. Eli afirmava ser estudante de Medicina na UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, estando para se formar no mês de março de 1991. O remador fazia questão de mencionar a todo momento o fato dele ser negro e ter conseguido tudo isso.

Em relação aos bens materiais não pude confirmar se eram reais ou imaginários (apesar do convite para ir até a fazenda), porém, no que tange à escolaridade, é certo que na UNISINOS não há o curso de Medicina, o que demonstra uma tentativa frustrada por parte do remador de se colocar como detentor de uma posição superior àquela normalmente imputada aos negros pela classe dominante em seus discursos, quando esta última tende a vê-los genericamente como marginais, portadores de uma escolaridade extremamente baixa e de poucos recursos financeiros, deixando emergir um preconceito velado que os negros tentam suplantar através de uma representação de si próprios muito próxima daquela exigida e valorizada pelos dominantes, como forma de serem aceitos.

4.4.3 Os barraqueiros

Visando a um maior convívio, optei por um número restrito de entrevistas com este grupo, de tal sorte que determinados aspectos, pudessem ser melhor captados, numa

relação empática entre pesquisadora-pesquisados, enfatizei a qualidade em detrimento da quantidade.

Na "Barraca do Negrão", pude conhecer o seu proprietário, o Sr. Epaminondas (conhecido por Negrão), que com 59 anos, trabalha há 31 anos na Festa dos Navegantes. Durante 25 anos trabalhou como empregado, primeiro, de um colega de trabalho e, depois, da viúva desse e da filha. Faz 6 anos que o Negrão comprou a sua própria barraca.

O Negrão costuma armar a sua barraca embaixo de uma elevada de acesso à ponte sobre o rio Guaíba, local que cotidianamente serve de estacionamento para automóveis. Lá pela metade do mês de janeiro, ele transfere residência para a Praça, sua esposa e filhas só se mudam dias depois, quando tudo já está arrumado, isto porque no começo o dinheiro é "curto" só aumentando com o passar dos dias. A rotina de uma casa é transposta para a Praça, roupas de cama e banho mais velhas são levadas para o local, onde a família dorme, come e toma banho. A esposa do Negrão queixa-se da poeira, pois as filhas, apesar do banho, estão sempre sujas, a roupa de cama tem de ser sacudida de três a quatro vezes por dia, as unhas das mãos e dos pés, bem como os calcanhares encardem devido o contato com a terra. O sono é alterado na medida em que vão dormir à 1h ou 2h da madrugada, acordando às 5h com o barulho dos caminhões sobre a elevada.

Aqui cabe um parênteses, transformar o local da festa em um novo lar não é privilégio dos barraqueiros, no

dia 2 de fevereiro de 1991, pude observar membros da Devção que se utilizavam da casa paroquial para descansar um pouco, tomar banho, transferindo, assim, para o ambiente da festa, parte dos hábitos e rotinas domésticas.

A barraca adquirida por Negrão, inicialmente, apresentava-se bastante estragada, tendo sofrido reparos ao longo do tempo. Terminada a festa, a barraca é desmontada e colocada em uma peça nos fundos de casa.

Uma mágoa exposta pela esposa de Negrão diz respeito às questões familiares, mais precisamente aos sobrinhos do Sr. Epaminondas. Eles atribuem a propriedade da barraca unicamente ao tio, excluindo a tia enquanto proprietária do "bem" e ela faz questão de dizer que, na qualidade de esposa, é igualmente dona da tenda. Isto mostra a valorização da barraca por aqueles que lá se instalam. Para as classes populares ela é elevada a categoria de um patrimônio relevante, passível de disputa inclusive, a exemplo, dos terrenos, das casas e dos apartamentos possuídos pelas classes mais abastadas e que, via de regra, contribuem para as desavenças familiares sempre que a partilha dos mesmos se faz necessária.

A Devção e os barraqueiros decidem acerca do valor do terreno a ser arrendado, com direito a luz e água, para a instalação da barraca. Em 1991, este valor foi de Cr\$ 20.000,0. Nesta reunião também são estabelecidas as regras sobre o que pode ou não ser feito pelos donos das barracas.

A Cia. Brahma fornece equipamentos, que, em 1991, apresentava uma mescla de mesas e bancos novos com móveis antigos, já desgastados pelo tempo. Também, em 1991, a Brahma cedeu novos refrigeradores, em metal com revestimento interno em isopor, que permitiam acondicionar 12 engradados, ao contrário dos antigos, em madeira, onde só cabiam 8 engradados. O Negrão estava de posse de sete "refrigeradores", que por não serem elétricos, necessitam de sacos de gelo, vendidos a Cr\$ 500,00 (em 1991) cada um, para manterem as bebidas geladas. As bebidas são fornecidas, em consignação, pela Brahma, aos barraqueiros.

Existe uma troca entre aqueles que se instalam na Praça, por exemplo, o dono do Parque de Diversões fornece ingressos gratuitos para as filhas do Negrão se divertirem e, em contrapartida, bebe cerveja na barraca a preço de custo. A circulação de ferramentas e de objetos em geral é intensa, com empréstimos que tendem a se dar de forma mais acentuada entre as quatro barracas de churrasco melhor localizadas (dentre elas, a do Negrão).

Segundo o Sr. Epaminondas, "até o dia 2, a gente só fica pensando o que pode acontecer no dia 2". Os ganhos financeiros obtidos com a festa correspondem, para o Negrão, a rendimentos extras, podendo, por exemplo, serem gastos com férias. Ele declarou que, ao contrário de outros barraqueiros não espera "viver o ano inteiro em casa com o dinheiro da festa". Quando há um espaçamento maior entre a

Festa dos Navegantes e o Carnaval, no dizer do barraqueiro, o lucro é maior. Donde deduz-se que entre a Festa de Santo e as Folias de Momo, o último seria priorizado, provavelmente, em face do seu caráter exclusivamente "festivo".

O movimento nos dias 26 e 27 de janeiro de 1991 estava fraco, havia poucas pessoas nas novenas e aquelas que iam não chegavam até as barracas. A escassez de dinheiro era apontada como responsável pelo baixo público. Por outro lado, em 1990, o fluxo reduzido de pessoas nas barracas, durante o período das novenas, foi atribuído ao deslocamento das vilas próximas da igreja, para municípios da Grande Porto Alegre o que estaria dificultando a circulação das pessoas em face dos gastos com ônibus e dos horários limitados dos mesmos.

Na Barraca do Negrão a venda de cachaça não acontece de modo a evitar que os clientes se instalem junto ao balcão ou mesmo que ocupem uma mesa tirando o lugar daqueles que querem beber cerveja e comer churrasco, ou seja, de quem vai gastar mais.

Para prevenir possíveis intoxicações, no dia da festa, uma pessoa é contratada só para fazer salada de batatas, isto porque não há geladeira, devendo ser produzida uma quantidade pequena para consumo imediato, operação esta que se repete, durante todo o dia, inúmeras vezes.

A esposa do Negrão se diz adepta da Umbanda e não

aceita que alguém vá na igreja "bater cabeça", pois "a igreja não é um 'congá'"². Ela faz questão de alertar que existem diferenças entre Umbanda, Batuque e Umbanda Cruzada. A sua magia com relação à festa, consiste em, na madrugada do dia 19 de fevereiro, esteja com gente na barraca ou não, oferecer um guaraná do lado direito da porta da barraca e uma cerveja do outro lado para Ogum. Deixa, ainda, um copo de água com mel dentro da barraca para "chamar doçura", pois tanto o guaraná como a água com mel possuem esta propriedade de atrair o doce. De acordo com a observação dela, quando dá cerveja para o Ogum, o pessoal vai para a barraca e não pára de tomar esta bebida. Sendo filha de Iansã com Ogum e tendo um Bará, que diz tanto fazer o mal como o bem, ela afirma que "se não pode ir para o cruzeiro fazer o bem, o mal ela não pede". O Negrão era de "religião", hoje, porém, não é mais.

As três filhas do casal estão com 18 anos, 11 anos e 6 anos (1991). A mais velha trabalha em um supermercado e mora com a tia, mas no dia da festa colabora com os pais, ajudando no balcão.

Sheila era outra barraqueira que, em 1990, atuava na Praça, de sua tenda de jogo ouvia-se os gritos de "Tudo premiado". Sheila diz que "cachorro comedor de ovelha só matando", referindo-se a sua participação na festa. A mãe de

² "Bater cabeça", gesto que implica reverência aos deuses afro-brasileiros. "Congá", altar dos deuses das religiões afro-brasileiras.

Sheila tinha uma barraca de churrasco, venderam-na e compraram a de jogo. A herança da tradição parece ser recorrente entre o pessoal da Praça.

Sheila casou na igreja dos Navegantes, sob a bênção do padre Arthur. Ela conta que o padre costumava entrar, na igreja, na frente da noiva, Sheila solicitou-lhe para que, em seu casamento, ele a esperasse no altar. O padre só aderiu a idéia mediante promessa da noiva de que chegaria na hora marcada, sem atrasos. Ambos cumpriram a sua parte no acordo. Esses são episódios que compõem a história daqueles que trabalham na festa e da própria igreja.

O truque da barraca "Tudo premiado" residia na colocação de papéis com números baixos nos baldes, de sorte que somente eram sorteados cinzeiros, coadores de leite, bichinhos de louça, paliteiros de plástico. Os prêmios melhores como as viandas e garrafas térmicas e as bebidas não saiam sorteadas.

As pessoas que armam barracas na Praça dos Navegantes, normalmente, são devotos da Padroeira dos Marinheiros e como tal emocionam-se com o ritual, em torno dela. A história de Divino atesta essa afirmativa. Em 1987, por ocasião da transladação da imagem da Santa para a igreja do Rosário, o andor passou em frente da barraca do pedreiro Divino Silva de 58 anos. Emocionado, chegando às lágrimas, ele acenava com um lenço para a imagem de Nossa Senhora. A emoção fora tão forte que o permissionário de uma das

melhores churrascarias da Praça acabou sentindo-se mal e falecendo.

Segundo os barraqueiros mais velhos, antigamente, a festa ia até de madrugada entrando no dia 3. No dizer de um deles:

"Tinha coreto até para as bandinhas de música tocarem. Depois, por causa da ponte, derrubaram o coreto. Mas havia mais entusiasmo, a vida não era tão difícil".

Para essas pessoas que trabalham no evento, o tempo da festa tem uma outra dimensão especial, os dias que antecedem a clímax do ritual são de tensão e de angústia devido à expectativa em relação ao público no sentido de saber se esse irá ou não lotar as barracas. E o dia 2 de Fevereiro é um dia de muito trabalho.

No dizer de Negrão:

"... nós não conseguimos a ver nada (da festa) nós ali atrás do balcão, ali, nós só vemos os garçons grita com nós ou quando a gente sai pra procura um troco, pra compra uma coisa as veiz que falta, ou as veiz chega um parente, a gente é obrigado a sai, senão não vai mete lá pra dentro, fica atrapalhando, então a gente vem aqui na rua bate um papo, é só a hora que a gente pode sai, o resto ..." (Entrevista gravada em 03.02.1990).

Em 1989, 1990 e 1991, segundo Negrão, ficou totalmente inviável ele ver pelo menos a chegada da Santa, porque como não houve procissão fluvial, cedo as pessoas já se encontravam nas barracas comendo e bebendo, já que muitas

não acompanham a Santa por terra, devido ao calor, e à proximidade com o meio-dia.

Daí o contraste, enquanto alguns possuem um tempo festivo, liberto das responsabilidades do cotidiano, outros dedicam-se ao trabalho incessante com forma de obter algum recurso financeiro. Ortiz mostra isso em relação ao carnaval, em Salvador (1980, cap. I e II).

4.4.4 Os brigadianos

Em 1990, conheci, durante o coquetel oferecido no princípio do mês de janeiro para as autoridades, um tenente do 11º BPM. O tenente Quadros, que é como ele se chama, dizia "fazer Navegantes" há três anos, enquanto que os seus superiores hierárquicos estavam participando pela primeira vez desta operação.

Para o tenente e mais um outro colega era difícil compreender a razão dos excessos praticados na festa, tanto no que diz respeito à questão da fé (quando alguns fiéis põem em risco suas próprias vidas) como o exagero na ingestão de álcool e os abusos de ordem sexual. O tenente Quadros revelava não entender como o pessoal pode gastar o salário de um mês em um só dia de festa. A necessidade que os devotos possuem de tocar na Santa é outro motivo de inquietação do policial militar que não consegue perceber o "porquê" disso.

Na percepção do tenente, durante o período da

manhã, os devotos que comparecem à festa são católicos, sendo que durante à tarde, os batuqueiros, umbandistas, etc. é que se apropriam do espaço ritual. Ele demarca a existência de três momentos: o primeiro, pela manhã, com a presença de pessoas da classe dominante que permanecem até às 15h; o segundo, das 16h em diante, quando aflui o pessoal da periferia próxima à igreja dos Navegantes, que estava tomando um aperitivo no "boteco" e decide se deslocar até a festa para ver se consegue arrumar uma namorada, ou é o pai que resolve levar os filhos para brincarem no Parque de Diversões montado na Praça, ou seja, a partir da 16h, a festa perde o seu caráter religioso "virando" festa mesmo; e finalmente, o terceiro, das 18h até às 24 ou 1h do dia 3, quando "chega o pessoal mais ralé".

Em 1990, o tenente Quadros percebeu um número menor de fiéis na festa do que nos anos anteriores e atribuiu a isso, a falta de fé, de esperança e de crença das pessoas.

O capitão Müller, por sua vez, no dia 2 de fevereiro de 1990, disse textualmente ser a Festa dos Navegantes, uma festa de pessoal negro e de um nível muito baixo, grande parte camponeses. Ele sentia-se, igualmente, impressionado pelo fato das pessoas gastarem todo o seu salário no dia 2, questionando como conseguem viver durante o resto do mês.

O capitão e os tenentes acostumados ao espaço da

ordem imposta pela disciplina militar não conseguem compreender que o tempo e o local é dos excessos, pois isto é o que configura o momento festivo. Aquilo que eles percebem como desvio (ver Becker, 1977) é o normal em se tratando de "festas", sejam elas de pobres ou de ricos. Mas vale lembrar que a sociedade como um todo tende a ver os excessos relacionados com o álcool sob uma perspectiva de classe. Exemplificando. O executivo que ao sair do escritório vai para um bar e bebe vários drinks, chegando em casa "tonto", este simplesmente teve a sua "happy hour". Se o ator desse drama social for um operário que se dirige para um "boteco" e bebe cachaça, ele é considerado um "bêbado", um "arruaceiro" ou, ainda, um "cachaceiro". Reforça-se então a idéia de desvio como algo a ser contextualizado, pois o desviante de um grupo pode não o ser para outro.

Das 6h e 30min da manhã até às 18h e 8min do dia 2 de fevereiro de 1990, foram registradas, na festa, as seguintes ocorrências: casos de assaltos, casos de entorpecentes, embriaguez, ato obsceno e brigas. As pessoas conduzidas até o plantão montado nas proximidades da igreja, após terem sido lavradas as ocorrências, são liberadas, porém, em caso de furto, as pessoas são levadas para a Polícia Civil, ficando detidas.

Embora a festa seja oficialmente encerradas pela Devoção às 24h, o comandante da operação tende a manter o efetivo no local, além desse horário, porque os tumultos

aumentam na medida em que a madrugada avança.

O efetivo inicia com 200 homens para o período compreendido entre às 6h e 30min e às 14h; baixa para 130 homens das 14h às 19h; e, finalmente, reduz-se para 80 homens após às 19h.

As mulheres que também integram a corporação fazem o policiamento neste dia com calça comprida igual a de seus colegas homens, de modo a facilitar as suas ações, e não de saia como o usual, já que desmaios e outros problemas são uma constante e elas devem efetuar o atendimento.

Os policiais militares, que fazem o isolamento e não portam armas, do 11º BPM, são alunos da Escola de Soldados e Cabos da Brigada Militar. Cumpre destacar que o isolamento realizado pelos brigadianos do 9º BPM não se deu com a indumentária de gala, mas sim com a de serviço, a gala ficou reservada tão somente para a guarda de honra do andor. Já todos policiais do 11º BPM estavam em trajés de festa com capacete, luvas e cadarços dos cuturnos brancos. Isto de certa maneira evidencia a importância atribuída à festa pelos diferentes batalhões.

Uma viatura da Brigada em muitas situações quando não há ambulâncias disponíveis é utilizada para conduzir doentes até o Pronto Socorro.

4.4.5 O provedor

Para o Sr. Noronha, o Provedor, a festa deve

acontecer anualmente seja com chuva, com sol, com autorização ou sem autorização. É preciso haver determinação, senão a tendência é da festa desaparecer como a de Corpus Christi e a do Divino Espírito Santo (bastante concorridas em um passado não muito distante). O Provedor entende que na disputa entre a igreja do Menino Deus e a igreja dos Navegantes, o povo com sua simplicidade fez a opção. Nas suas palavras:

"Foi feita uma escolha natural e entre a Festa dos Navegantes e a Festa de Nossa Senhora no Menino Deus, prevaleceu pela vontade popular a dos Navegantes".

E mais:

"Como a igreja foi queimada, existiu o desejo de consolidar a posição da Festa dos Navegantes por parte dos devotos. A Devoção nunca quis se transformar em Irmandade embora apresentasse todas as condições para isto".

O Provedor, que participa da festa desde 1975, diz que sempre que quer abandonar esse cargo, acontece algo para impedi-lo, todavia, ele reconhece existir plena coincidência entre esse trabalho e seus ditames religiosos, e ainda, como entende que nada é por acaso, aceita a incumbência sob a forma de uma missão a cumprir.

4.4.6 Algumas reflexões

As falas dos diversos atores nos permitem

apreender o significado da festa para os diferentes segmentos da sociedade complexa na qual o ritual é realizado, deixando igualmente perceptível parte do cotidiano dessas pessoas que trazem para o ritual suas esperanças, mágoas, angústias, crenças, valores, desejos mais íntimos, enfim, o seu próprio estilo de vida. Terminada a festa, os barraqueiros desmontam suas tendas, os brigadianos atuam em outras operações, os remadores, o Provedor e o povo em geral voltam à sua faina diária, todos na esperança do reencontro no próximo ano, quando os laços do relacionamento social voltarão a se fortalecer após terem se mantido fluídos ao longo de trezentos e sessenta e cinco dias.

Por outro lado, um jornalista que atua em três veículos de uma mesma Rede de Comunicação local, escreveu em sua coluna diária, no jornal do dia 2 de fevereiro "hoje em dia, as presenças procuram mais a festa e menos a fé. No antigamente, era o contrário" (Zero_Hora, 02.02.89).

Esse depoimento merece uma análise mais acurada, pois em realidade o ritual dos Navegantes açambarca a dicotomia existente entre o sagrado e o profano; é a presença desses dois planos de atuação que dá legitimidade ao rito. Através de uma retrospectiva histórica é possível verificar-se que no passado o lado festivo também era enfatizado. No Diário_de_Notícias, de 5 de fevereiro de 1929 (Licht, 1989, p.191), tem-se:

"... Perseguido como vem sendo o jogo, entre nós, notadamente nos pontos onde elle se mostrava mais escandaloso, foi também obrigado a desaparecer da festa dos Navegantes. Com isso a festa perdeu um dos seus aspectos mais característicos, talvez muito mais expressivo que o das melancias (...). Assim o jogo como as melancias constituem quasi que a razão de ser da festa. Perdendo, agora, o atractivo desse ultimo, a solemnidade de N. S. dos Navegantes, foi enormemente prejudicada, pois os conflictos e os tiroteios que não raro ali se registram diminuíram sensivelmente. Nota-se logo ali a falta de qualquer cousa, é a falta do jogo, a falta de movimento através daquelle sem numero de tendas e ramados onde é feita a venda de fructas, comestiveis e bebidas".

É preciso a "desordem ritual" para que se reforce a "ordem" é o contraponto do profano com o sagrado que traz à tona diferentes emoções, fazendo do ritual um "tempo quente" (Brandão, 1981, p.182). A festa dos Navegantes representa uma situação análoga aos estudos elaborados por Brandão (1981) junto às comunidades interioranas. No entender do autor:

"a festa ... permite e incentiva comportamentos pessoais ou coletivos regidos por padrões de permissividade banidos da sociedade, fora dela. De certo modo, uma festa de santo em uma cidade do interior não é outra coisa senão um tempo quente em nome de um santo padroeiro; demograficamente enriquecido de pessoas, relações e efeitos de trocas; criador de outras alternativas de desempenho simbólico; permissivo de um modo ou de outro" (p.183).

A possibilidade de se exhibir determinados comportamentos sociais que são inviabilizados cotidianamente concretiza o caráter festivo do evento.

CAPÍTULO V

"Por outro lado, as ocasiões de coletivização urbanizada da prática religiosa sempre foram um momento de uso de recursos rituais para o saldo de compromissos (voto, promessas) assumidos com a divindade, ou com algum santo padroeiro ou protetor de pessoas com problemas pessoais específicos".

Carlos R. Brandão

5 MITOS E PROMESSAS

5.1 Os mitos

O mito do catolicismo que explica a origem da devoção a Nossa Senhora dos Navegantes apresenta a seguinte narrativa:

"Há pouco menos de dois séculos um grupo de oito pescadores portugueses se perdeu no oceano Atlântico. Em meio a uma tempestade e prestes a naufragar, eles começaram a orar, jurando em nome da Mãe de Deus que iriam homenageá-la por toda a vida caso escapassem da morte certa. De súbito, um raio iluminou o céu e todos puderam ver a imagem da Virgem, apontando em direção à terra firme. Salvos, os marinheiros decidiram honrar o compromisso a cada 2 de fevereiro" (Zero_Hora, 03.02.89, p.27).

No dizer de Eliade (1986, p.20), "não se pode realizar um ritual, a menos que se conheça a sua 'origem', isto é, o mito narra como ele foi efetuado pela primeira vez".

O mito de Nossa Senhora dos Navegantes relata o surgimento da devoção e explica por que é necessário repetir o ritual todos os anos no dia 2 de fevereiro. Onde se conclui que a festa religiosa reatualiza um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, isto é, no começo. O mito é sempre a narração de uma criação onde se conta como é que qualquer coisa foi efetuada pela primeira vez, ou seja, como começou a ser.

Em resumo, o mito mostra como uma realidade veio à existência e ao assim fazê-lo, explica o porquê e o como dessa existência.

Um outro mito ligado à Festa dos Navegantes diz respeito ao trajeto efetuado pela procissão fluvial. Reza a tradição que nos primórdios, quando a Santa era levada para o arraial do Menino Deus, após sua passagem em frente à Casa de Correção, um preso era solto.

Após a construção da igreja dos Navegantes, apesar da rota não mais exigir a passagem pela penitenciária, o ato se repetiu permanecendo até 1981 (à exceção de 1963 e 1964). Mesmo depois do cárcere ter sido incendiado e demolido, os barcos iam até a Volta da Cadeia.

Ao que tudo indica, a libertação dos presos não se dava em função do sobrenatural, mas por terem ocorrido algumas coincidências, o mito foi criado e tinha eficácia para aqueles que nele acreditavam.

5.2 As promessas

Afora a recitação dos mitos, o pagamento de promessas também se constitui em um fato recorrente na Festa dos Navegantes. As promessas tanto podem ser pagas na igreja do Rosário, como durante as procissões ou ainda na própria igreja dos Navegantes.

Agradecer à Santa por ter obtido um emprego, ter se curado de uma doença grave ou mesmo pelo nascimento de um

filho sem nenhuma deficiência física, aparece com frequência no discurso dos devotos. Para que se possa melhor compreender a fé dessas pessoas transcrever-se-á alguns relatos.

Durante a procissão de Transladação, em 1990, constatei a presença de um senhor que fez todo o percurso de pés descalços. Tratava-se do Sr. José. Aos quinze anos de idade, o Sr. José fez a promessa de acompanhar o traslado da Santa, descalço, caso sua mãe e o bebê que ela esperava se salvassem, pois ambos corriam risco de vida. Nenhum infortúnio aconteceu e seu irmão nasceu. Hoje, com 35 anos de idade, o irmão do Sr. José é remador do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e ajuda a transportar o andor. O Sr. José há 35 anos repete o mesmo ato de fé. Recorda que, em 1989, o asfalto estava tão quente que os seus pés ficaram cheios de bolhas. Morador no centro da cidade, ele optou pela igreja dos Navegantes para batizar a sua neta e mantém fortes vínculos com aquele sacrário, embora devesse estar "ligado" à igreja das Dores ou do Rosário.

Da Matta (1983) com muita propriedade desnuda o que subjaz a essas atitudes. Segundo o referido autor:

"Seguir a procissão, não importando o quanto isso seja difícil, implica nesse sacrifício em que o corpo deixa de operar como instrumento de prazer para se colocar a serviço do sagrado ... é como se o 'corpo dos fiéis' perdesse suas fronteiras e, nos momentos mais fervorosos, pudesse juntar-se ao corpo da própria imagem, dando-lhe vida (...). Todos estão com e pelo santo, cuja existência social

é assegurada justamente porque ele é capaz de transcender todas as divisões e diferenças. Isso é a prova de que o sagrado está realmente acima de nós" (p.82).

No dia 29.01.1991, dentro do período das novenas, a parte frontal da igreja dos Navegantes achava-se decorada com sete anjos, quatro dourados e três prateados (bonecos de plástico pintados), unidos por cordões prateados (utilizados na decoração de árvores de Natal). Era mais uma promessa sendo cumprida, desta feita, a devota agradecia por ter conseguido um lugar na Praça para instalar a sua barraca. Além da frente da igreja, ela havia solicitado permissão para decorar a porta da igreja, porém, limitaram-lhe o espaço destinado ao pagamento da promessa.

Na igreja do Rosário, durante a adoração da imagem da Santa, em 1990, a avó da garotinha de dois meses, Grace Daniela, mostrava-se emocionada. A avó, viúva pela segunda vez, auxiliar de enfermagem aposentada que complementa a sua renda vendendo pipocas e refrigerantes em uma extensa área verde localizada próxima do centro da cidade, o Parque da Redenção, estava pagando uma promessa. A filha de 16 anos (1990) foi operada na décima quinta semana de gestação, ocasião em que lhe fora sugerida a realização de um aborto, pois a criança, em face das complicações apresentadas pela mãe, poderia nascer sem algum membro. As súplicas da avó à Nossa Senhora dos Navegantes foram ouvidas e a menininha nasceu perfeita. Grace Daniela usava um vestido branco

confeccionado mediante a reforma de um vestido de 15 anos da filha de uma vizinha da avó, acrescido de flores na cabeça e purpurina brilhante pela roupa. Em face do calor a avó antecipou a retirada do vestido que se sobrepunha a outra roupa para entregá-lo para a Nossa Senhora. No dizer da avó o pai da Grace Daniela é bonzinho, mas só lhe deu o nome, pois não contribui com nada para dentro de casa, "se encostou". A senhora chorava e dizia estar rezando para que a filha se restabelecesse completamente, isto porque, a jovem, mesmo depois do parto, não se encontrava com saúde.

No dia 02 de fevereiro de 1991, diversas pessoas cumpriam com o prometido. A mãe cuja criança demorara para nascer pagou suas promessas: levou uma vela do tamanho da filha, vestiu a menina de anjo e subiu a escadaria da igreja de Joelhos. Por sua vez, D. Geni, 61 anos de idade (em 1991), uma doméstica aposentada, acompanhou a procissão de pés descalços, vestida de noiva imaculada, com uma coroa na cabeça e vários colares de contas coloridas no pescoço. Concluída a procissão, ela rompeu o cordão de isolamento e de Joelhos subiu a escadaria da igreja. Em 1960, faleceram três de seus filhos, dois deles em um acidente de ônibus e outro de sarampo. Pouco tempo depois morreu o marido de D. Geni. Ela, então, resolveu fazer uma promessa para a Nossa Senhora dos Navegantes de modo a conseguir criar os outros 11 filhos. Há 30 anos, D. Geni acompanha a procissão.

Em 1990, Alessandra, seis anos de idade, seguiu a

procissão descalça, coberta por vestes brancas e asas de anjo. A promessa fora feita, há cinco anos por seu pai, o mecânico Edson, 31 anos de idade (em 1990). Ao ver a menina hospitalizada, durante dois meses, devido a subnutrição, o pai buscou auxílio junto a Nossa Senhora, nas suas palavras: "Sem dinheiro, me agarrei na Santa". Após percorrer todo o trajeto sem queixas, Alessandra depositou uma flor no andor, esboçando um sorriso (Zero_Hora, 03.02.1990, p.23).

As gêmeas Eliana e Eliete, de 15 anos de idade, acompanharam a procissão, em 1990, vestidas de debutantes e de pés descalços. A promessa feita pela mãe das garotas, D. Corsina, tinha como fato gerador, um parto mal conduzido que levou as meninas a nascerem com problemas físicos e mentais. Para que as filhas pagassem a promessa de aos 15 anos fazerem o percurso da procissão vestidas de debutantes, D. Corsina solicitou colaboração a um deputado e radialista que atua em uma emissora de rádio local, em programa de cunho popular, e que costuma conclamar os ouvintes no sentido de auxiliarem os mais necessitados (Zero_Hora, 03.02.1990, p.23).

As descrições das promessas parecem servir para reiterar as reflexões de Da Matta (1991), que afirma:

"... as súplicas acompanhadas de objetos na forma de promessas, oferendas e sacrifícios, são naturalmente mais fortes do que um simples pedido verbal, pois que elas implicam um ato de cometimento muito mais denso e dramático, às vezes exigindo o gasto de parcelas de dinheiro que são críticas em termos da

economia doméstica e pessoal do ofertante. Além disso, a promessa é um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado" (p.111).

Por outro lado, o sagrado impõe um certo temor, razão pela qual, as pessoas que fazem promessas sentem-se obrigadas a cumpri-las, independentemente dos sacrifícios exigidos para tanto. O não cumprimento de uma promessa pode gerar represálias por parte da divindade ou o não atendimento de pedidos futuros. Sendo assim, estar de bem com os deuses, santos e demais entes sobrenaturais representa a segurança de um maior bem estar material e espiritual, afinal, "a promessa feita ao santo é um dos recursos mais costumeiros de manipulação católica do sagrado" (Brandão, 1985, p.191).

Em termos práticos, as roupas de anjo que são entregues na igreja dos Navegantes, são desmanchadas pelas irmãs do Colégio Navegantes e transformadas em vestimentas para as crianças carentes ou em algum outro bem útil. No que diz respeito às velas, em primeiro lugar, é separada a quantidade necessária para ser gasta na igreja durante todo o ano, já as velas quebradas são vendidas por quilo para as fábricas que as desmancham e as reaproveitam e, finalmente, o excedente de velas que não apresentam defeitos é colocado à venda na Tenda das Senhoras.

As velas entregues na igreja do Rosário não são

trazidas para a igreja dos Navegantes.

Em não havendo uma sala na igreja dos Navegantes, ou próxima dela, onde os objetos resultantes de promessas pudessem ficar guardados, observa-se um reaproveitamento dos mesmos, fazendo com que alguns de certa maneira percam o seu cunho sagrado ao ingressarem no cotidiano profano da comercialização.

CAPÍTULO VI

"Sofrimento e aflição são genéricos a todas as sociedades e cada sociedade desenvolve formas institucionais para seu controle e resolução. Os tipos de sofrimento, a percepção dos 'sintomas' e os modos de 'tratamento' contudo, variam de uma sociedade para outra e se relacionam a diferenças observáveis na estrutura social."

Peter Fry & Gary Howe

6 ESCREVENDO À SANTA

6.1 A coleta

Após ser retirada do altar e colocada no barco-andor, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes começa a receber, de parte dos fiéis, uma série de bilhetes e cartas que, via de regra, acompanham flores, velas, pulseiras, brincos, gargantilhas, moedas, mechas de cabelo, perfumes, roupas de anjinho, etc.

Na igreja do Rosário, os bilhetes são postos no andor enquanto que as velas "Sete dias e Sete noites" e as lamparinas, bem como as flores são arranjadas numa mesa situada em frente à imagem, por sua vez, os demais objetos, incluindo-se velas de maior porte, são dispostos sob o andor.

As beatas, que fazem a mediação dos fiéis com a Santa, não me permitiram o acesso às cartas e aos bilhetes, sob a alegação de que esse material representa as manifestações dos fiéis para com a Santa e, portanto, deve ser respeitado no sentido da não violação de seu conteúdo. Tanto assim, que no dia que antecede o retorno da Santa para a sua igreja matriz, os bilhetes são retirados e colocados no lixo sem a presença dos devotos, na medida em que isto é realizado, pelas beatas, quando as portas da igreja do Rosário já se encontram cerradas, às 19 horas.

Segundo uma beata, que se constituiu em minha informante, no ano de 1990, os bilhetes não são lidos nem por elas (beatas).

Tanto na procissão de Transladação como na procissão do dia 2 de Fevereiro, flores juntamente com os bilhetes são lançadas no andor durante o trajeto.

Na igreja dos Navegantes, por ocasião do retorno da Santa, tão logo o andor ingressa na igreja e é colocado sob cavaletes do lado direito do altar (no sentido de quem entra no templo), com as portas do santuário sendo abertas aos populares, os jovens do CLJ iniciam a retirada de vários quilos de materiais lançados no barco pelos fiéis. Os bilhetes são jogados no lixo, sem serem lidos. Eventualmente, um jovem, enquanto junta as moedas e flores arremessadas para fora do andor por outro companheiro, efetua a leitura de alguma mensagem, o que pode ocorrer, igualmente, quando as flores são separadas na sacristia para posterior entrega aos fiéis. De qualquer forma, a leitura das cartas e bilhetes raramente acontece.

A diferença em relação a não leitura, por jovens e beatas, está no fato de que os jovens não lêem porque devem proceder à seleção dos presentes ofertados à Santa, rapidamente, de sorte que as flores e fitas possam retornar aos devotos que se aglomeram na tentativa de receber uma lembrança da festa, que mais do que uma lembrança, representa uma hierofania.

Na paróquia dos Navegantes, não encontrei resistência no que tange à coleta dos bilhetes e cartas endereçados à Santa. Em 1990, as mensagens foram pegas de maneira furtiva, isto porque, eu temia, ao pedir autorização para me apossar do material, receber um não tal como ocorrera na igreja do Rosário, daí a razão dos bilhetes reunidos neste ano terem sido em número reduzido. Porém, em 1991, os jovens que trabalhavam na Festa, ao me verem agachada sob o barco-andor recolhendo os bilhetinhos, perguntaram-me sobre o que pretendia fazer com aquilo e ao receberem a resposta de que se tratava de uma pesquisa, procederam de maneira bastante receptiva, entregando-me os bilhetes que iam achando.

A leitura e a análise desse material permite ao estudioso visualizar e compreender parte da sociedade complexa, palco da manifestação cultural pesquisada.

A categorização dos bilhetes em termos de pedidos torna-se quase inviável, em 1990, pois num mesmo bilhete é possível encontrar-se vários pedidos. Optei então por definir, em linhas gerais, três categorias básicas, aquela cujos escritos destinam-se à Iemanjá, outra seria a dos pedidos encaminhados à Nossa Senhora dos Navegantes e, ainda, aqueles sem endereçamento. Embora tenha feito alguma subcategorização, em 1990, isto aparece como irrelevante, sendo, porém, válida para 1991.

Vale destacar que quando as cartas ou bilhetes

continham as assinaturas dos autores, na transcrição a seguir, essas foram omitidas por uma questão ética, de respeito aos devotos. As letras grifadas servem para identificar diferentes nomes, significando várias pessoas, uma vez que é comum não haver separação por vírgulas na grafia original.

Iniciemos com a transcrição dos dados levantados em 1990.

6.2 Cartas e bilhetes endereçados à Iemanjá, em 1990

Vários pedidos em um mesmo bilhete ou carta

01 - "Querida Maesinha Iemanja

Como vos prometi aqui estou para saudá-la e mostra-lhe meu filho, que com a vossa proteção, está com ótima saúde e em ótimas condições física e mental e esta indo muito bem nos estudos, e assim espero continuar sempre com a vossa proteção e com esperança de que no próximo ano possamos estar aqui novamente para saudá-la

Proteção saúde segurança e melhores condições de vida para mim e meus familiares e todos nós.

Grato Maesinha por tudo."

02 - "Mãe Iemanja

Senhora do Navegantes, Rainha do Mar peço-te saúde paz e muito a minha família e a todos. Que a senhora ilumine o meu serviço e que todos os invejosos e cínicos leve para o fundo de suas águas.

Traga tudo de bom e de melhor a mim e aos que me rodeiam.

Senhora mãe de nosso senhor traga junto a mim a pessoa que tanto amo e que ele seja tão bom e tão lindo como o sol a clarear os meus dias.

Ass. MRAS

Obs.: Me despeço te pedindo mais uma vez paz para em geral e muito amor para humanidade."

- 03 - "Peço a Nossa Senhora dos Navegantes Mãe Iemanjá que proteja a minha família, o LFOM, SOM, HM E MOOM.
 Que este ano de 90, seja um ano próspero cheio de saúde, felicidade
 Que a gente consiga comprar a nossa casa
 Que eu e meus filhos vamos bem nos estudos
 Salve Mãe Iemanja."

6.3 Cartas e bilhetes escritos para a Nossa Senhora dos Navegantes, em 1990

Vários pedidos em um mesmo bilhete ou carta

- 01 - "Querida Mãe
 Nsa. Sra dos Navegantes
 Cento e vinte sete vezes, tu clamas-te por socorro.
 E hoje eu te imploro cento e vinte sete vezes eu te peço por justiça. Assim como as ondas do mar, se revoltam na praia. Assim te peço que des uma reviravolta em meus problema.
 Querida mãe te imploro cento e vinte sete vezes, desejo a solução para poder pagar minha casa e também minhas contas atrasada e ser um homem de bem honesto e respeitado, te imploro minha mãe cento e vinte sete vezes.

PMR"

- 02 - "A você minha nossa senhora dos Navegantes, que neste dia a senhora traga tudo de bom a seus fies aqueles que cre em ti saúde força mais esperança a quem não tem em que nesse dia seja o mais bonito de todos.

Salve minha nossa senhora

S e familia."

- 03 - "Querida N^{ra} Navegantes
venho hoje aqui lhe betir graças. O A. voltar
para a avipal e o R. arrumar um cerviso a
gurias arrumar um namorado e dotos serem
felizes.

ss L.T.

- 04 - "Minha mãe nossa senhora dos navegantes
quero agradecer por tudo que fiseste por mim
e me ajudado tudo o ano e quero agradecer
por eu ter passado um parto bem e ter me
dado um lindo anjinho obrigado minha mãe
Nossa senhora quero que a senhora cuida e
proteja e de bastante saude para o meu filho
para mim para minha mãe e irmãs M Â K e para
as crianças I Â Â Â Â Â e ajuda a minha
irmazinha passar bem no parto e que o nenê
nasça bem e os dois tenham bastante saúde e
cuida as nossas casas obrigada e um grande
beijo e parabêns pelo seu dia e quero
agradecer tambem por me ajudar a comprar e
pagar a minha casa obrigada e um grande
abraço.

Ass. KSNC"

- 05 - "NS dos navegantes por favor me ajude me
traga o meu marido de vota pois ele é
marinheiro e me deixa com 4 filhos
(ilegível) ele foi embora e mede bastante
saude para meus filhos ASSINA

FD"

- 06 - "CCL
nacida 1973.
FCL
nacida em 1972.
C nacida em 1964
MICKL nacida em 1945.
C nacida 1985.
V nacida em 1988.

nosa senhora dos navegantes
 nos de saude e força na pirores dificuldade
 pra vencer

E (parece ser uma assinatura)*

- 7 - "DPC
 JPC
 RPC
 nosa seola do navigate ajudar peso ajude
 mose país í amor
 (Assinatura, parece que o RPC escreveu seu
 nome e o da JPC por cima ou ao contrário a
 JPC assinou e escreveu o nome do RPC por
 cima)
 09-19243344-48
 09 26384247 83"

Nos bilhetes destinados à Nossa Senhora dos Navegantes, em 1990, apenas três contém um único pedido.

Saúde

- 08 - "Nossa Senhora dos Navegantes, pelo amor de Deus cura o W da Bronchite ajuda ele pelo amor de Deus. Eu acredito em ti.
 Rogo-te"

Problemas

- 09 - "Nosa senhora que resolva os proplema do ACFS"

Trabalho

- 10 - "N.Sra dos Navegantes
 Ajudai-me a conseguir um bom emprego com um bom salário!

J"

6.4 Cartas e bilhetes sem endereçamento (nem à Iemanjá nem à Nossa Senhora dos Navegantes), em 1990

Vários pedidos em um mesmo bilhete ou carta

- 01 - "encontrar com P.P. amizade e harmonia
emprego com carteira assinada
arrumar casa p/morar"
- 02 - "1 - Ser amada, e amar
ter meu trabalho reconhecido
1 - Ter muito amor, principalmente de quem
eu gosto, ser correspondida
2 - Felicidade e saúde, e segurança da minha
família.
PAZ, tranquilidade e conseguir viver sem
dificuldades."

Apenas um bilhete sem endereçamento apresenta somente um pedido.

Jogo

- 03 - "que eu ganhe sozinha na sena

IC"

(A identificação da pessoa encontra-se do outro lado do bilhete que estava lacrado com fita adesiva)

6.5 Análise das cartas e bilhetes de 1990

O total de bilhetes coletados, em 1990, perfaz um número bastante pequeno (16), pelas razões anteriormente expostas. A maioria dos bilhetes contempla uma série de pedidos, sendo que somente três endereçados à Nossa Senhora dos Navegantes contém um só pedido e apenas um sem

endereçamento encerra uma única solicitação. Do total de dezesseis bilhetes, estes quatro representam 25% e para cada um deles ter-se-ia uma classificação específica, quais sejam: saúde, problemas, trabalho e jogo. Daí que, optou-se por analisá-los sob as categorias mais abrangentes, isto é, aqueles destinados à Iemanjá (3), à Nossa Senhora dos Navegantes (10) e sem endereçamento (3).

Nos bilhetes destinados à Iemanjá tem-se 2 não assinados e 1 assinado por uma mulher. Um ao que tudo indica foi redigido por um homem. Os pedidos de ordem diversa oscilam entre bens materiais e imateriais. No que concerne aos aspectos mágicos, um deles faz referências aos "invejosos e cinicos leve para o fundo de suas águas". Todos os três bilhetes contém pedidos para o próprio autor e familiares ou pessoas que os rodeiam e apresentam erros de grafia. Um inicia aludindo ao cumprimento da promessa feita e finaliza agradecendo à Santa por tudo, outro ressalta o fato da Santa ser a "Senhora mãe de nosso senhor".

Dos bilhetes encaminhados à Nossa Senhora dos Navegantes tem-se 8 assinados e 2 não assinados. Sendo que 2 (20%) são de homens, 5 (50%) de mulheres e 3 (30%) impossíveis de se identificar. Os pedidos, igualmente, vão desde coisas materiais até graças de ordem imaterial. Dos 10 bilhetes, apenas 2 (20%) apresentam pedidos para si próprio, os demais, 4 (40%) contém pedidos para si e terceiros e 4 (40%) só para terceiros. Todos exibem erros ortográficos.

Cabe destacar que em apenas um bilhete há pedidos e agradecimentos. Em outro, tem-se no início uma invocação "pelo amor de Deus" e, ao final, uma manifestação de esperança, de crença: "Eu acredito em ti".

Finalmente, os 3 bilhetes sem endereçamento compreendem 1 com assinatura e 2 anônimos, sendo que os três pelo conteúdo e assinatura deixam à mostra o fato de terem sido redigidos por mulheres. Os pedidos recaem sobre bens corpóreos e incorpóreos. Dois bilhetes manifestam pedidos para si próprio e um para si e familiares. Todos revelam pedidos, mas em nenhum aparecem expressões de agradecimento. Somente em um bilhete encontram-se erros de acentuação gráfica, os outros 2 estão corretos.

6.6 Bilhetes e cartas destinados à Iemanjá, em 1991

Vários pedidos em um mesmo bilhete ou carta

- 01 - "Mãe emanja eu quero muita saúde e também para todos que eu amo, também e que todos vivem em paz que eu consiga um serviço bom que de para ganhar dois salários mínimos
 E também saúde e paz para o meu amor.
 E que nós conseguimos ficar sempre juntinho um do outro Que ninguem nos separam
 E que eu consiga passar de ano."

. A mesma pessoa redigiu o bilhete de número 02:

- 02 - "Eu preciso de saúde
 E um serviço, dinheiro
 E bastante paz, e felicidade

Que eu consigo um serviço bom que ganhe bem
Eu pesso para a senhora que Eu consigo tudo
de bom."

- 03 - "Minha mãe fazei com que o C ganhe a
liberdade dele mãe peço lhe também que a
minha sogra cuide de minha filha para eu
poder continuar no meu trabalho mãe por
misericórdia peço que a senhora me de a
graça de ganhar a minha casa no DEMAB e lhe
peço que a senhora de bastante saúde pra
minha filha J e saúde pra mim

Obrigado
Mãe eimaja"

- 04 - "Milha mãe Emaja pesso saúde as inhas filhas
e ami que a selhora abra o caminho e que eu
possa fazer e conciguir realizar tudo dibo"

- 05 - "DHC

EUI
RCHI

Mãe Iemanjá quero que a Senhora nos de
bastante saúde bastante sorte nos negócios,
paz e amor compreensão no meu lar
que eu realize tudo o que eu quero na minha
vida que a senhora me ilumine os nosos
caminhos.

Muito aché
Salve minha mãe"

- 06 - "Dona E me ajuda.

Colocar para os pais e Mãe Iemanja

LVDS

MLRDS

AVDS

MHVS

MHVS

nunca mais ir nesta

(endereço)"

Os próximos três bilhetes foram escritos pela
mesma pessoa.

07 - "Minha mãe Iemanja peço a ti querida mãe que tu me ajude como tu sempre me ajudou em meu lar em minha casa em meu benefício, para que me aposente ficarei grata e a minha saúde minha e de meu filho.

ERG
ERG"

08 - "Iemanja peço ti que de saúde a minha mãe e paz no lar onde ela mora saúde; de vitória a CRG salve Iemja"

09 - "para a saúde de meu filho ERG e que ele seja mais um amigo creio em ti minha mãe Iemja

E e E"

Antes de transcrever o bilhete de número 10, cabe destacar que o papel onde ele foi escrito encontrava-se dobrado de forma a configurar um barquinho, além disso, a pessoa redigiu todo ele a lápis e posteriormente passou a caneta por cima.

10 - "Hemanja
Que eu arrume um serviço muito bom
Que eu perga toda a minha timidez
Que eu nunca precise colocar chapa que eu fique com os meus dentes até morrer.
Que eu case com um mais ou menos de vida e que me ame.
Que eu arrume bastante amigo e amiga
Que eu não cresça mais.
Que eu nunca mais rodi no colégio
Que eu aprenda ir pra qualquer lugar sozinha sem medo.

CRM"

Os bilhetes números 11 e 12 foram escritos pela mesma pessoa, o de número 12 contém um único pedido, acresça-se a esse apenas o de número 13 como portador de uma única solicitação à Iemanjá.

11 - "Minha mãe Imanja
eu vos peço à minha mãe bastante saude pro
meu filho pro meu marido e prá mim eu vos
agradeço minha mãe por tudo de bom que eu
consegi e por tudo o que ainda vou conseguir
me ajude minha mãe a arrumar um bom emprego
obrigada

ORDS"

Saúde

12 - "Minha mãe Imanja
eu vos peço bastante saude e força prá minha
tia fazer tudo o que ela deseja eu vos
agradeço à minha mãe.

GM"

13 - "Querida Mãe Iemanjá
Peço-te minha querida mãe Iemanjá, saúde
para minha mãe AVN. Ajude para que ela fique
curada.

Prometo-lhe ir a Vossa Igreja e mandar
rezar 10 missas e 10 dúzias de rosas.

VN"

6.7 Bilhetes e cartas endereçadas à Nossa Senhora dos Navegantes, em 1991.

Vários pedidos em um mesmo bilhete ou carta

01 - "Ave! N. Sra. dos Navegantes

Eu peço o Mãe Santíssima rogo que voltes
teus olhos a mim que humildemente rogo de
durante o ano de 1991 para saúde de meus
filhos e netos

A paz do mundo.

A saúde e tranquilidade aos meus
familiares e amigos.

Que a R encontre o seu caminho, um
emprego.

A paz, saúde tranquilidade e harmonia
nas famílias e no mundo.

Obrigado

Salve Rainha!"

02 - "Para nossa senhora dos navegantes peço que
proteja minha casa se tem algum mal aqui que
aflige meu marido que os tire para que ele
se sinta bem em nossa casa.

Nossa senhora dos navegantes se tem
alguma iflamação em minha cesaria e vias
urinaria peço que me cure e me proteja deste
mal."

O bilhete número 03 veio dentro de um cartão de
Boas Festas, onde na capa tem-se a imagem de Nossa Senhora
com o Menino Jesus no colo.

03 - "Agradeço de todo meu coração a Nossa
Senhora dos Navegantes

Por muitas graças alcançadas

Deus Pae Todo Poderoso - Meu Pae Maior

A Virgem Maria - Nossa Senhora dos
Navegantes

Nossa Padroeira do Rio Grande do Sul

Eu peço, imploro e suplico de todo meu
coração

Dê nos essas graças pelo amor de Deus
Menino Jesus de Praga e a Virgem Maria.

Ilumine e proteja a mim, A, T, H, T*,
meus familiares e doentes.

Ilumine e proteja nossas vidas, as
nossas casas contra doenças, desastres,
acidentes, roubos, assaltos e incêndio.
Proteja a casa do A na (endereço). Minha Mãe
dê nos essa graça do A voltar a trabalhar na

Belgraf. Que ele tenha sorte de fazer bom negócio com a Máquina de Fotolito.

O o H, e a T* estejam com bastante saúde.

Que a T* esteja curada e fora de perigo

O tombo que a T* levou não tenha perigo nenhum

Que mais tarde não venha ter nenhum problema

A T quando vae, e vem da Faculdade, nunca aconteça, uma doença, desastre, acidente, assalto e roubo

Que mais tarde o A, seja um famoso pianista

Que eu não tenha nem uma doença grave e nem da coluna

Sangue de Jesus tem Poder

Sangue de Jesus não Falha

O Senhor disse, tudo que pedires a Pae em meu nome ele atenderá

O Senhor e Nosso Pastor e nada nos Faltará

Eu quero, eu posso, eu vou conseguir com ajuda de Jesus Christo, e a Nossa Senhora dos Navegantes

SALVE - SALVE - SALVE"

04 - "Nossa Senhora dos Navegantes

Pesso para senhora que me de forças e coragem p/que eu consiga tornar meus sonhos em realidade, p/que aida esse ano eu consiga ter meu proprio negocio e tambem p/que meu afilhadinho tenha muita saude.

Obrigado pois tenho confiança que vou ser atendida"

05 - "Me ajude que o M arrume o dinheiro para pagarmos os papéis da casa, não posso perder a minha casa. Me ajude N.Sra. Navegantes.

Minha Santa faça com que eu e minha filha D entremos em harmonia eu a amo tanto

Me de coragem para conversar com as gurias tudo de (ilegível).

Me ajude nos estudos, a D e a A também.

Que todas as graças sejam alcançadas por esta Santa."

06 - "*Que a Virgem dos Navegantes interceda

junto Jesus seu Filho muito amado em favor de GJZ abrindo seus olhos afastando-o de toda a força do mal que o está induzindo no caminho da perversão

Se for da vontade de Deus Pai afastai-o ainda hoje. Abra seu caminho e batei em seu coração para a conversão neste grande 2 de fevereiro de 1991.

(Na vertical do lado direito desses escritos, lê-se "sua mãe que muito o quer")

* Pela minha saúde que Deus abra meus dando-me coragem, fé, esperança e caridade e que por nada deste mundo eu desfaleça. Possa vencer todas as forças do mal que por ventura estiver sobre meus familiares feitiçarias, bruxarias, magia negra que por nenhum momento eu me desespere e sim confie em Vossa Divina Providência 02 de fevereiro 1991"

O próximo bilhete foi redigido em um guardanapo de papel.

07 - "Que nossa senhora dos navegantes nos ajude na saúde e que tenhamos bastante dinheiro
Que de a mãe muita saúde e toda a família. E que tenha muito amor
Que sejamos felizes"

O bilhete de número 08 foi escrito em três partes, na primeira tem-se os agradecimentos feitos à Nossa Senhora dos Navegantes, na segunda parte estão listados vários pagamentos a serem realizados e uma terceira parte contém diversas situações. Como trata-se de uma fotocópia algumas anotações ficaram ilegíveis impossibilitando a transcrição.

08 - "Minha querida Mãe Nossa Senhora dos Navegantes quero lhe agradecer por:
- Meu emprego

- Minha FG operadora de Migro
- Minha casa
- Meu (ilegível)
- Minha saúde
- por tudo que tenho material e espiritual
- por minha filha nascer perfeita e sadia e ser boazinha, inteligente
- Minha mãe, pai, irmãos, primos, amigos
- Por todo (ilegível) que consegui
- Por meu carro
- Por não entrar mais cheques sem fundos
- Por minha gerente e meus colegas e amigos"

O bilhete continua em outra folha.

- *- Sair do SPC
- Pagar Musisom CD
- Pagar Manlec
- Pagar Sibisa Casa de Discos
- Pagar (ilegível)
- Pagar Carrefour toca disco
- Pagar Soberana
- Pagar Arapua vidios
- Pagar enpo
- Pagar IPTU
- Pagar (ilegível)
- Pagar Coab
- Pagar terreno praia
- Pagar natação
- Pagar científica
- Pagar cruzeiro
- Pagar (ilegível)
- Pagar luz
- Pagar Mesbla I
- Pagar Beibilandia (ilegível)
- Pagar L
- Pagar D. F
- Pagar (ilegível)
- Pagar cheques
- Pagar FCK
- Pagar carro
- Pagar D. Z
- Pagar L D
- Pagar Anucio Balcão
- Pagar Abrigo perto da Mãe
- Pagar S advogada
- Pagar S

- Retirar aspirador
- Retirar Rádio (ilegível)
- Retirar Foto Centro Dr Flores 236
- Retirar Foto Assis Brasil 1948 e 2650

loja 7

- Retirar (ilegível) Mãe
- Pagar (ilegível)

Do outro lado dessa mesma folha.

*Pagar (ilegível)
 Aprender a Dirigir
 Fazer carteira de Motorista
 Nuca atropelar ninguém
 Nuca sofrer acidente
 Nuca roubarem meu carro
 Nuca peixar bater em ninguém
 que eu tenha um bom carnaval
 que nuca falte o pão de cada dia que
 sempre tenha dinheiro para pagar meus
 compromissos
 que a Mãe e a S se deem bem
 esquecer pai da minha filha não sofrer
 mais por ele
 Que o pai da minha filha volte
 (ilegível) bom para (ilegível)
 sermos felizes sem briga sem rancores e
 magoas
 encontrar alguém tão bom como o pai da
 minha filha
 não entrar cheque sem fundo
 (ilegível) não me chamar
 não sair na lista negra
 liberarei meus cheques
 não beber todo dia
 viver dentro da minha renda
 Que meus sonhos e desejos se tornem
 realidade
 Pai da minha filha mande sempre dinheiro
 Pai da minha filha dar sempre amor,
 carinho e atenção para ela
 Fazer garagem na Mãe e na
 Fazer minha garagem
 Saude vim ver vasamentos encima e mandar
 arrumar
 Apartamento 2 ou 3 quartos em zona boa
 perto da minha familia e dependencia de
 empregado

Ser feliz
 Uma boa filha saude, educada, estudiosa,
 amiga
 que consiga comprar telefone
 que olho grande, inveja, feitiçaria,
 discussão não me atinja"

09 - "(ilegível) dos Navagate
 Peço o (ilegível)
 Saude para todos
 Obrigado"

O bilhete de número 10 inicia com nomes e cidades
 (Itatiba do Sul, Erechim, Aratiba, Porto Alegre e São Paulo)
 acrescentados de uma lista de pessoas e termina da seguinte
 forma:

10 - "Nosa Senhora de Nevegante que nois ajuda
 toda a nosas familia dando a saude a pas o
 amor alegria amizade e bão de servicos para
 todos Nosa Senha de Nevegante que cure a mãe
 o pai proteja o E e ajude que o C arume un
 enprego um bão servico obrigada N. S. do
 Nevegante"

11 - "Espero ser atendida neste milagre paz fé e
 amor
 Meu grande Deus, todo Poderoso junto com a
 Nossa Senhora nossa Mãi que é a Virjem
 Maria, e tambem a Milagrosa Nossa Senhora
 dos Navegantes que é a mãe das águas, dos
 rios e mares eu peço que quero lhe pedir uma
 grande graça que nos traga vida e saude e
 todas as couzas que mais precisamos, peço-le
 com toda a fé e a humildade e grande
 respeito pelo dia de amanhã que é dia 2 de
 Fevereiro que é um dia que todos nos devemos
 respeitar e orar pela Santa Nossa Snã dos
 Navegantes que nos socorra de todos os
 males, que queiram nos fazer, que não tenha
 forças nos seus ferôses dentes que não posam
 nos morderem e com as suas invejas e ciumes,
 e ruindades não possam nos vencerem, muito
 obrigada, também peço o milagre de Deus e a

Santa nossa Snã dos Navegantes que proteja o J D S R que vai operar a erna que tem doido muito e esta prejudicando a saude dele peço que ele seja bem vindo nesta operação e que fique bom sem grandes alterações confio muito em receber mais esta graça com muita fé e respeito entregando ele a Deus, nosso pai e Nossa mãe Virjem Maria e a nossa Sna dos Navegantes para que ele não se tema de fazer esta operação, des ja agradeço meu muito obrigada

A S R"

Do outro lado do bilhete número 11 lê-se

"Nossa Snã dos Navegantes
Amanhã dia 2 de Fevereiro 1991,
esperamos, os grandes milagres, e boas
noticias,"

- 12 - "N.Sra. dos Navegantes
venho humildemente, pedir a Sra. paz de
espírito para mim, e minha familia, saúde e
amor, que neste ano nossos negócios possam
ser melhor resolvidos.

RPS"

- 13 - "Nossa Senhora dos Navegantes, eu te peço
muita luz, paz espiritual e saúde.
Tudo o que eu tinha antes e não
valorizava.

J N B"

- 14 - "Salve querida Nossa Senhora dos Navegantes
se possivel me ajude vencer na vida
trabalhando, que eu tenha bastante
dynamismo, saúde e sorte e felicidade
Muito obrigado por tudo.

U"

15 - "À

Nossa Senhora dos Navegantes

Peço que me ajude a estabilizar a minha vida. Quero conseguir um bom emprego que seja estável. Muita saúde para mim e meus familiares.

Desde já

Agradeço

R"

16 - "Nossa dos Navegante

Eu quero bastante saúde, amor, paz.

Se for para eu casar.

Que abra o meu caminho.

Que me traga abastante frequez.

Que me " abastante dinheiro.

Que eu consiga passar no vestibular.

MDGAK"

17 - "Milagrosa Nossa Senhora dos Navegantes

Eu vos peço um grande milagre, fizéi com que o meus cruzados que estão bloqueados no banco Central seja desbloqueados e que eu consiga vender meu terreno de Cruz Alta. Peço-lhe também muita saúde para mim e todos meus entes queridos

Desde já eu vos agradeço imensamente

Amém

D N M

Que estes milagres se realizem o mais rápido possível, pois estou em situação financeira difícilima".

O bilhete de número 18 foi colocado em um minúsculo envelope e lacrado com fita adesiva.

18 - "Minha querida Nossa Senhora dos Navegante.

Protege muito a minha familia contra todos os perigos e invejas

Ajude sempre os meus genros e filhas meus netos.

Olhá para seu filho B que precisa muita proteção dai-nos muita saúde e paz.

Fazei que todos nós realizemos nosso sonhos.

Dai-nos a paz para o mundo todo.

Protege muito minha sobrinha R para que ela encontre um bom emprego e tenha muita saúde e paz.

Fazei que eu e o B possamos nos realizar nas coisas que temos vontade de ter, se for para o nosso bem.

Agradeço de todo o coração tudo de bom para todos nós.

Dá sua filha que lhe estima com carinho.

G*

19 - "Nossa Senhora dos Navegantes

Eu T S te peço as graças de que haja sempre muito amor em meus filhos, nora, genros e netos. Eu te peço que ilumine os caminhos de todos os meus filhos e genros fazendo com que eles tenham sucesso nos seus serviços, ajudai Nossa Senhora a o D arrume um bom emprego e consiga logo uma casa. Ajudai a RDC para que ela tenha saúde e um bom emprego onde ela possa ganhar bem. Ajudai a mim TS para que eu encontre um homem bom e honesto e também trabalhador que queira cuidar de mim e da minha filha RDC. Dai-me muita saúde e muito anos de vida para que eu possa criar o W. Ajudai Nossa Senhora que o W se torne uma criança docil, meiga e que pare de brigar com os primos. Ajudai-me para que o O me de minha pensão. Obrigado Nossa Senhora e concedei-me as graças que te peço

T N S*

Na vertical, do lado direito do bilhete número 19, mais um pedido:

"Ajudai Nossa Senhora o C consiga fazer boas viagens a Gramado e ganhar boa comissão"

No bilhete de número 20, é quase impossível diferenciar o M do N, como a pessoa que o redigiu demonstra ser semi-alfabetizada, é bem possível que ela própria não consiga efetuar a distinção. Todavia, eu optei por transcrevê-lo fazendo a diferenciação de modo a tornar compreensível o conteúdo do bilhete.

20 - "Nosa Sinora dos Navegente

Me aguda a qurar o meu borquite e esta dor de cabeça e ilumina a todos da nosa casa eu lepeso para agudar o J no servisa dele e ilumine os camina da M.

(Assinatura na vertical, do lado esquerdo)

M L"

21 - "Uma Benca

R "

R* "

JCM

(ilegível quase um parágrafo)

que a R seja feliz nos estudos dele muito feliz e tambem o R* seja muito feliz e o JC na (ilegível) dele tambem e pela conversão da M a mae do R*

abencoe nossa senhora

L e familias"

Pedidos pela saúde

- 22 - "Nossa senhora
Tão milagres a senhora faz, por isso eu lhe peço com todo amor e carinho para que a senhora me seda está graça para ECS para a saúde de, as pernas, os braços, a cabeça.
E seja incaminhado a sua operação.
(Endereço)"
- 23 - "Nossa Senhora dos Navegantes
peço pra senhora ajudar o meu filho A que ele sai do Hospital até sexta que eu poça trazer ele na festa sabado.
Nossa Senhora dos Navegante peço pra senhora ajudar o meu filho a falar mais lijeiro.
Nossa Senhora ajuda o meu filho A que ele nunca mais baixe o Hospital ajuda a curar a bronquite.
Nossa Senhora dos Navegante ajuda ele que não precise mexer na garganta dele.
Obrigado"
- 24 - "Peço a senhora minha querida nossa senhora dos navegantes pela saúde de BRM que ela fique curada do derrame que teve e não precise ser operada mas se for que tudo corra bem e que ela se salve e fique curada como antes. Que ela volte a ser a mesma pessoa de antes.
Obrigada desde já.
Nossa Senhora dos Navegantes, conto contigo."
- 25 - "Minha Mãe Nosa Senhora Navegante faço o meu pedido pro meu sobrinho LC (ilegível) que esta uma distancia muito lonje peço pela saude dele enfermidade que recupere asaude tudo que for grave de ruim daí asua bença e acura que recupere asaude depreça pra (ilegível) o ganha pão de cada dia e seu manto sagrado estenda sobre ele protejendo asaude e tudo que perigo no caminho dele peço a senhora tambem estendo seu manto sobre todos a minha família protejendo asaude de tudo que for ruim e dos perigo e a tentação desa terra no caminho da minha família
Amen"

26 - "Nossa_Senhora_dos_Navegantes

Protege a KAG faz com que ela se crie com saude e felicidade, que ela fique curada de todas as doenças, livra ela de todas as maldades humanas."

O bilhete de número 27 foi redigido em um guardanapo de papel.

27 - "Nossa Senhora Navegantes

Saude felicidade e boa recuperação para ARM"

28 - "Nossa Senhora dos Navegante

Estou lhe fazendo um pedido eu sofro de gageira e uma dor na cabeça.

se você me ajudar desse pobremas, eu vou pagar uma promessa eu aquedito em deuz rezo todas as noite para melhorar disso estou concordando em você

/ espero que você me ajuda, Nossa Senhora dos Navegante /

ass MLDS

O bilhete de número 29 foi escrito pela mesma pessoa que redigiu o de número 26.

29 - "Nossa_Senhora_dos_Navegantes

Concede-me a graça que eu fique curada da doença dos nervos, e se for espíritos que andam me perturbando afasta eles de mim para sempre.

Que eu tenha saude e me sinta feliz

DGA"

O bilhete de número 30, igualmente, foi redigido

em um guardanapo de papel.

- 30 - "M
Que nossa senhora me de saude paz e que o
meu filho melhore."

Pedidos de ordem sentimental

- 31 - "Querida Nossa Senhora

Por favor atenda a mais um dos milhares pedidos, me ajude que eu possa me acertar e conquistar esse moço tão bacana a Senhora sabe quem é. Me ajude que um dia eu possa saber o que é ser feliz e o que é ser amada. Que eu conquiste este moço tão legal que eu queria para a minha vida. Por favor me ajude."

Os bilhetes de números 32 a 35 foram escritos pela mesma pessoa.

- 32 - "Nossa Senhora dos Navegantes desejo muito que a senhora me dê como esposo o N: que ele ame L R : N não tenha sossego para dormir, comer, caminhar, não tenha sossego p/ter relações com as outras mulheres, andar, banhar-se na piscina, na praia, enfim que ele não tenha sossego só pense L R. Amém.
(Na assinatura o N é sobreposto ao L de LR, e ao lado aparece o nome N mais duas vezes e o bilhete prossegue)
Por caridade me de o N pois eu amo muito e preciso tão dele, necessito tanto dele."

No verso deste bilhete de número 32, tem-se:

"Necessito tanto dele como feminina como mulher amém."

- 33 - "Nossa Senhora dos Navegantes, eu amo desesperadamente o N: por favor que ele seja meu p/todo o sempre que ele se case comigo no civil. N que tu não tenha sossego, p/comer, p/dormir, que tu não tenha caminhar, trabalhar, dormir, na hora do sexo na hora do sexo, nadar, (ilegível), sorrir. Que tu só pense na LR que ela seja p/ti amor, companherismo, amizade amizade, carinho carinho, esperança fraternidade. Na hora do banho pense em mim, em todos os momentos de tua vida tu so queira estar comigo p/todo o sempre. Amém. N e LR"
(A assinatura N e LR, aparece envolta em um coração e do lado esquerdo do bilhete, na vertical, aparece mais um coração circundando os nomes N e L).

No verso do bilhete de número 33 lê-se:

"N e LR eu te amo N N eu quero eu desejo o teu amor p/todo o sempre."

- 34 - "Nossa Senhora dos Navegantes: faça que eu passe Port. I, Port V, Teoria Literária III, Literatura Portuguesa Cultura greco latina I.
Minha Nossa Senhora derrame todas as bênçãos do mundo sob a minha cabeça me de muita luz esclarecimento, compreensão, (ilegível), muita saúde paz e muita harmonia, me deixe com os nervos muito calmo; e muito tranqüilo: Minha Nossa Senhora dos Navegantes, que o N não tenha sossego p/comer, dormir, nadar caminhar, trabalhar, conversar conversar, caminhar, falar, olhar, faz sexo ter relações enquanto não amar para sempre LR, que ele vê em mim amor, carinho, feminina, compreensão compreensão companheirismo, minha nossa senhora eu lhe (ilegível) que ele não tenha sossego nem um minuto, enquanto não mudar isto é mudar para melhorar. Amar desesperadamente a LR, e que ele esteja tão desesperado e me ame tanto que venha a casar comigo no civil. Amém. Abençoe minha nossa senhora a mim e ao N que os anjos e a

senhora (ilegível) Amém."

(Os nomes N e LR aparecem duas vezes, abaixo da palavra amém, envoltos em dois corações, e ainda, do lado direito um círculo emoldura os nomes N e L, mais os dizeres amor, paixão. Do lado esquerdo da assinatura, mais um pedido: "N morra de amor pela LR, que não exista no pensamento dele que não seja a LR". Os nomes são escritos oito vezes, sendo que na primeira e na última, acompanhados da palavra Amém ao lado).

- 35 - "N que tu ame ame a LR com todo o amor, carinho, e (ilegível) companherismo, que tu N não tenha sossego p/dormir, correr, andar trabalhar e caminhar só ame com todo o amor a LR que assim seja!

Amém.

N me ame p/todo o sempre sempre que não haja haja outra mulher que não seja a LR."

(Abaixo do nome LR aparece o nome N. Este último parágrafo tem do lado esquerdo dois corações com os nomes N e LR)

- 36 - "Nossa Senhora dos Navegantes

Minha mãe querida e sagrada para todos, eu sua filha que te ama e adora te peço para que me atendas aos meus suplicios e pedidos de ajuda, pois estou muito confusa na minha vida.

Nossa Senhora, desejo que me mostre o caminho da felicidade, desejo que coloques em meu caminho este homem que eu quero para mim, quero que ele se arraste aos meus pés e que se arrependa de tudo o que esta me fazendo passar. Ele vai receber a minha carta e quero que ele me procure me prometendo amor e querendo que eu vá embora com ele.

Nossa Senhora, vou te fazer uma pequena homenagem na Praia, mas se o meu pedido se realizar, prometo que terei uma imagem sua em minha casa, e ela me acompanhará em minha viagem junto com este homem que quero para mim.

Desejo que ele me ame muito e muito, que me leve com ele, e que me procure logo, logo.

Desejo demais ser feliz, preciso e serei um dia muito feliz.

Acenderei uma vela de 7 dias para a senhora na Igreja.

Quero trabalhar muito, ganhar bastante dinheiro, ter muita saúde para todos da família, que minha filha se torne uma criança com saúde e felicidade.

Se tudo se tornar realidade, farei uma placa no seu nome e colocarei na igreja em sua homenagem e agradecimento

Obrigado

Amém

MVCS

e

LP

(Os dois nomes estão emoldurados por um círculo)

37 - "PARA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Peço por favor que nossa senhora dos navegantes me alcance esta graça que vou lhe pedir, porque já estou perdendo minhas forças, não estou aguentando mais esta solidão sem meu marido. Por isso que peço a nossa senhora dos navegantes que me alcance esta graça que traga meu marido J de volta ao meu lar urgente para ficar junto a mim Z e meu filho W e que ele sinta amor por mim, que eu amo muito ele.

E que nossa senhora dos navegantes nos proteja e nos de muita saúde para que possamos ficar juntos

E desde já fico muito agradecida se eu merecer esta graça porque faz um ano que estou longe do meu marido.

Eu tenho muita fé na senhora.

Obrigado N.senhora dos Navegantes.

Ass. ZP"

*Bilhetes que podem ser enquadrados na categoria
outros pedidos*

Casa

- 38 - "Nossa Senhora dos Navegantes te faso um pedido para que a senhora me de uma casa nova a senhora sabe como está a minha.
Obrigado
Pois tenho confiança que vou ser atendida"

Trabalho

- 39 - "Nossa Senhora eu lhe peço que o chefe J C o encheinro B mande chamar o VCSL para trabalhar novamente no Hospital ta PUC São Lucas"

Jogo

O bilhete de número 40 foi escrito em papel de carta decorado e envelopado sem ser lacrado.

- 40 - "Ilma Nossa senhora dos Navegantes
Eu, EC lhe pesso em nome de Jesus Cristo que atenda meu pedido, pois sei que para a senhora isso não é impossível, interseda de mim a Nosso Senhor Deus, pai todo poderoso que meu desejo se realizará.
Nossa Senhora dos navegantes como a senhora já deve saber há sertos momentos da minha vida que só penso em perder a vida de tantas magoas que me lembro e das que sei que terei que passar.
Talves para outras pessoas não seja problema mas para mim é.
Fico tão angustiado é orrivel por isso eu lhe emporo nossa senhora realize este meu pedido ou interseda de mim a Deus.
O que eu quero e pressiso é ganhar na sena sosinho para mais de 1.000.000.000,00 cem milhões de cruzeiros minha vida vai melhorar para sempre vou trabalhar mas na minha loja que é meu sonho e talves sósio de minha irma TC
Em nome de Jesus Cristo realize este desejo para mim

Amem Em nome do pai do filho e do
Espírito Santo Amem"

Separação

- 41 - "Nossa Senhora dos Navegantes por caridade
me tire o V dela ele é teu filho e que a
justiça da terra não falhe.
Obrigada amem"

6.8 Bilhetes e cartas sem endereçamento (nem à Iemanjá nem à Nossa Senhora dos Navegantes), em 1991

Vários pedidos em um mesmo bilhete ou carta

- 01 - "* Queria conseguir uma casa para mim e o D.
* Quero o D de volta para mim pois eu o amo-
o.
* Queria passar para o quadro Prefeitura,
passar no concurso DMLU
* Quero eu e o D ter paz, saúde, dinheiro,
amor, tranquilidade
* Quero que a minha família aceite o D.
* Quero saúde, paz, tranquilidade, amor,
dinheiro para o pai e mãe J.
* Quero que o pai faça a minha casa
* Quero ser reconhecida no meu trabalho.
* Quero constituir família com o D.
* Em fim gostaria de ser feliz."
- 02 - "Paz.
Alegria
Amor
muita saúde
Alegria prá minha família
Que eu passo todos anos".
- 03 - "Que eu tenha mais saúde
- Que eu progrida na escola
- Mais saúde para minha família

- Que também apareça mais empregos.
- Que também nós melhoremos de dinheiro (sic).

* Obrigada! "

(O bilhete foi escrito com caneta vermelha e a palavra obrigada aparece emoldurada por duas flores, uma de cada lado).

04 - "Boas Notas
Sorte Na Vida
Eu Nunca Mais Vou Brigar

LP"

(A assinatura está do outro lado do bilhete que foi dobrado e lacrado com fita adesiva.)

05 - "Peço saúde vida paz amor dinheiro para viver bem
Uniao. Sucesso no terreiro da minha mae, na sacaria e lavoura de seco e molhado.
Proteção aos meus (ilegível) na lavoura na moto de carro ou a pé luz a todos.
Que tudo que se queira se consiga. Saúde e vida a meus filhos, (ilegível)
(Nominata)

Amem"

Pedidos de ordem sentimental

06 - "CIMDS
CMDSC
(endereço)
Que a nossa felicidade seja sempre intensa".

07 - "AE D
que se ame"

*Outros pedidos**Jogo*

08 - "Desejo acertar 4-5 (ilegível) 779
 Brasil - 5ª feira - hoje
 05-19-34-48-55-78
 02-08-25-38-62-85
 05-15-29-34-68-92
 (endereço)"

Provavelmente carro roubado

09 - "VVS
 Fusca 1966 ano
 cor branco
 placa 1965"

Aparecem como material de campo, ainda, mais nove bilhetes com nomes. Em um deles lê-se: "Mudanças de casa rápido" e antecedendo uma nominata e endereço, os seguintes dizeres "Pessoas do mal" e, no mesmo bilhete, uma outra nominata com endereço, categorizada pelo título de "Pessoas falsas". Um outro bilhete contém além do nome, o endereço. E, finalmente, tem-se um bilhete com o nome completo de uma pessoa (mulher) escrito oito vezes.

Isto perfaz um total, entre 1990 e 1991, de 88 bilhetes, sendo que apenas 79 permitem uma análise mais acurada.

6.9 Análise dos bilhetes e cartas de 1991

Dos 13 bilhetes dirigidos à Iemanjá, 6 estão assinados e 7 não estão assinados. Destacam-se 8 (61,54%) bilhetes redigidos por mulheres e 5 (38,46%) impossíveis de se identificar o gênero de quem os escreveu. Os pedidos recaem sobre bens materiais e imateriais. Dos 13 bilhetes, 6 (46%) apresentam pedidos para o próprio autor e terceiros; 4 (31%) pedidos só para terceiros; e 3 (23%) pedidos para o próprio autor. Todos os bilhetes revelam erros de português, seja na acentuação, de concordância ou de grafia. Tem-se, ainda, quatro bilhetes com palavras de agradecimento e um deles contendo uma promessa: "Prometo-lhe ir a Vossa Igreja e mandar rezar 10 missas e 10 dúzias de rosas".

Nos bilhetes endereçados à Iemanjá, em 1991, desprezou-se a análise por subcategorias, na medida em que apenas dois bilhetes contém somente um pedido.

Os 41 bilhetes encaminhados à Nossa Senhora dos Navegantes, em 1991, podem ser classificados em quatro sub-grupos: vários pedidos em um mesmo bilhete; pedidos pela saúde; pedidos de ordem sentimental; e outros.

O subgrupo "vários pedidos..." concentra 21 (51,22%) bilhetes endereçados à Nossa Senhora dos Navegantes. Dos 21 bilhetes, 11 estão assinados e 10 não estão assinados. Quanto ao gênero, 15 (71,43%) foram escritos por mulheres, 2 (9,52%) por homens e 4 (19,05%)

impossíveis de se identificar. As solicitações à Santa tanto se referem ao atendimento de necessidades materiais como espirituais. Dos 21 bilhetes, 17 (80,95%) contém pedidos para o autor e terceiros, 3 (14,29%) pedidos para o próprio autor e 1 (4,76%) pedidos só para terceiros. Todos os bilhetes apresentam erros de português em suas redações. Em 12 deles aparecem expressões de agradecimento. A crença em que o pedido se concretize aparece em um bilhete onde a autora escreve: "Obrigado pois tenho confiança que vou ser atendida." Os aspectos mágicos se fazem presentes em cinco bilhetes através das seguintes frases: "...peço que proteja minha casa se tem algum mal aqui que aflige meu marido que os tire para que ele se sinta bem em nossa casa"; "Possa vencer todas as forças do mal que por ventura estiver sobre meus familiares feitiçarias, bruxarias, magia negra..."; "...que olho grande, inveja, feitiçaria, discução não me atinja"; "... nos socorra de todos os males, que queiram nos fazer, que não tenha forças nos seus ferôses dentes que não posam nos morderem e com as suas invejas e ciumes, e ruindades não posam nos vencerem..."; "Protege muito a minha familia contra todos os perigos e invejas". Por outro lado, Deus ou Jesus são invocados em três bilhetes: "... Deus Pae Todo Poderoso - Meu Pae Maior... Dê nos essas graças pelo amor de Deus Menino Jesus de Praga e a Virgem Maria... Sangue de Jesus tem Poder Sangue de Jesus não Falha O Senhor disse, tudo que pedires a Pae em meu nome ele atenderá O

Senhor e Nosso Pastor e nada nos Faltará Eu quero, eu posso, eu vou conseguir com ajuda de Jesus Christo..."; "Que a Virgem dos Navegantes interceda junto Jesus seu Filho... Se for da vontade de Deus Pai afastai-o ainda hoje... Pela minha saude que Deus..."; "Meu grande Deus, todo Poderoso... .. tambem peço o milagre de Deus... entregando ele a Deus, nosso pai..." O bilhete de número oito que compõe este sub-grupo, retrata o dia-a-dia da pessoa que o redigiu, tamanha a riqueza de detalhes existentes.

A subcategoria "pedidos pela saúde" abarca 9 bilhetes, ou seja, 21,95% dos bilhetes endereçados à Nossa Senhora dos Navegantes, em 1991. Desses 3 estão assinados e 6 não estão assinados. Tem-se, ainda, que 3 (33,33%) bilhetes foram escritos por mulheres, 1 (11,11%) por um homem e 5 (55,55%) impossíveis de se identificar quanto ao gênero. Dos 9 bilhetes, 2 (22,22%) contém pedidos para o próprio autor, 4 (44,45%) apresentam pedidos para terceiros, em 1 (11,11%) o pedido é para o autor e família e 2 (22,22%), dada a forma como foram redigidos, não permitem a identificação no sentido de que se saiba se o pedido é para si próprio ou terceiros. Todos os bilhetes estão mal redigidos em termos de português. Apenas dois bilhetes expressam agradecimentos. A esperança em ver os pedidos atendidos se faz presente em dois bilhetes mediante as seguintes frases: "Nossa Senhora dos Navegantes, conto contigo" e "espero que você me ajuda, Nossa Senhora dos

Navegantes". Dois outros bilhetes externam aspectos mágicos: "...livra ela de todas as maldades humanas" e "...se for espíritos que andam me perturbando afasta eles de mim para sempre". Um bilhete além de afirmar o futuro pagamento de uma promessa, contém uma invocação a Deus expressa por: "eu aquedito em deuz..."

A subcategoria "pedidos de ordem sentimental" contempla 7 (17,07%) bilhetes do total endereçado à Nossa Senhora dos Navegantes. As mulheres são maioria absoluta no que concerne à subscrição desses bilhetes, com apenas um bilhete anônimo. Dois deles contém agradecimentos e todos apresentam erros de português. Em um mesmo bilhete aparecem várias promessas: "...vou te fazer uma pequena homenagem na Praia, mas se o meu pedido se realizar, prometo que terei uma imagem sua em minha casa, e ela me acompanhará em minha viagem... Acenderei uma vela de 7 dias para a senhora na Igreja... Se tudo se tornar realidade, farei uma placa no seu nome e colocarei na igreja em sua homenagem e agradecimento". Um dos bilhetes da subcategoria "pedidos de ordem sentimental" afirma textualmente a crença da pessoa na Santa através das palavras: "Eu tenho muita fé na senhora".

A subcategoria "outros pedidos" compreende 4 (9,76%) bilhetes que trazem pedidos referentes à moradia, ao trabalho, ao jogo e à separação. Desses apenas um está assinado. Pelo conteúdo é possível inferir-se que 2 (50%) bilhetes foram escritos por homens, 1 (25%) por uma mulher e

1 (25%) apresenta-se de forma não identificável. Dois desses bilhetes externam agradecimentos um deles, contém invocações a Deus e a Jesus: "...lhe peço em nome de Jesus Cristo... interseda de mim a Nosso Senhor Deus pai todo poderoso... interseda de mim a Deus... Em nome de Jesus Cristo realize..." A crença na concretização do pedido expressa-se, em um bilhete, através das palavras: "Pois tenho confiança que vou ser atendida". Todos bilhetes apresentam-se mal redigidos.

Finalmente, em número de 9 são os bilhetes sem endereçamento, em 1991. Na subcategoria "vários pedidos...", composta por 5 bilhetes, 3 (60%) foram redigidos por mulheres e 2 (40%) impossíveis de se identificar quanto ao gênero de quem os escreveu. Dos 5 bilhetes, apenas um está assinado e somente um contém a palavra "Obrigada!". Os pedidos tanto dizem respeito à bens materiais como imateriais. Três trazem pedidos para o próprio autor e familiares e dois só para o autor.

Na subcategoria "pedidos de ordem sentimental, os dois bilhetes não permitem que se identifique o gênero de quem os escreveu, porém, tomando-se por base os bilhetes endereçados à Nossa Senhora dos Navegantes, nesta mesma subcategoria, onde a maioria absoluta era de mulheres, pode-se inferir que os bilhetes sem endereçamento de ordem sentimental também foram escritos por mulheres.

Na subcategoria "outros pedidos" destacam-se um

pedido concernente a jogo e, provavelmente, a um carro roubado. Ambos não estão assinados e não se sabe se quem os escreveu foram homens ou mulheres. Se os pedidos são para si ou terceiros é impossível identificar-se.

6.10 Considerações gerais

As pesquisas realizadas, anteriormente, por Monteiro (1977), Ribeiro (apud, Figuerôa, 1987) e Figuerôa (1987) revelam áreas específicas onde incidem os pedidos, assim, na pesquisa de Monteiro, a saúde se sobrepõe as demais categorias, na de Ribeiro, a melhoria econômica e na de Figuerôa a categoria emprego/trabalho encabeça a lista. Em se tratando da Festa dos Navegantes, os bilhetes colocados junto ao andor em sua grande maioria concentram uma série de pedidos em um mesmo bilhete ou carta. Depreende-se, então, que Nossa Senhora dos Navegantes não possui uma "especialização", todas as aflições, no entender dos devotos, seriam por ela atendidas e, provavelmente, num mesmo espaço de tempo, ou seja, entre uma festa e outra. Tem-se que 49 (62,03%) bilhetes contém mais de um pedido e 30 (37,97%) apenas um pedido.

Optou-se por separar os bilhetes em três grupos de acordo com o endereçamento, de sorte que dos 79 bilhetes passíveis de análise, 51 (64,56%) estão endereçados à Nossa Senhora dos Navegantes, 16 (20,25%) à Iemanjá e 12 (15,19%) sem endereçamento. Vale ressaltar que para muitos devotos

remeter bilhetes à Nossa Senhora dos Navegantes, não significa deixar de considerá-la como Iemanjá. Neste caso, ambas as denominações se aplicariam a mesma Santa.

A exemplo das pesquisas realizadas por Monteiro e Figuerôa, as mulheres são maioria neste tipo de devoção: 45 (56,96%) bilhetes foram escritos por mulheres; 8 (10,13%) foram redigidos por homens e 26 (32,91%) impossíveis de se identificar.

Dos 79 bilhetes, 38 estão assinados e 41 não se encontram assinados.

Quanto ao destinatário do pedido, 37 (46,84%) pessoas solicitam graças para si e terceiros, 24 (30,38%) pessoas fazem pedidos para si mesmas, 13 (16,45%) pedem por terceiros e 5 (6,33%) bilhetes, dada a forma como estão redigidos, inviabilizam a identificação. A pesquisa revela um percentual pequeno de pedidos visando unicamente o próprio autor do bilhete, ao contrário do levantamento realizado por Figuerôa, onde a maioria das preces tem por objeto o próprio escrevente.

No que tange aos agradecimentos, se nas pesquisas de Monteiro e Ribeiro, eles aparecem com frequência, na de Figuerôa, eles são inexpressivos, pois o autor encontrou apenas 34 (5,4%) agradecimentos num total de 632. Nos bilhetes ou cartas da Festa dos Navegantes, por sua vez, tem-se um resultado que fica a meio termo das pesquisas realizadas, isto porque, encontrou-se 25 (31,65%) bilhetes

contendo palavras de agradecimento.

No que concerne às promessas, o trabalho de Monteiro apresenta uma incidência de 23%, já no levantamento realizado por Figuerêa o número cai para apenas 1,4% (9 em 632). Nos bilhetes da Festa dos Navegantes o percentual de promessas é de 5,06% (4 em 79).

Por outro lado, as invocações a Jesus e a Deus, na pesquisa de Figuerêa correspondem a 2,7%, enquanto que nos bilhetes da Festa dos Navegantes elas chegam a 8,86%.

As expressões que denotam a crença em que o pedido será atendido aparecem em número de 6 (7,59%) em se tratando dos bilhetes da Festa dos Navegantes.

Cumpramos destacar que quase a totalidade dos bilhetes ou cartas da Festa dos Navegantes contém erros de português, sejam de grafia, concordância ou acentuação, pondo à mostra o baixo nível de escolaridade dos devotos, a exemplo do que ocorreu na pesquisa de Ribeiro.

A magia, sob a forma de expressões tais como, "bruxaria", "inveja", "olho grande", se faz presente em 8 bilhetes. Porém, ao considerarmos o endereçamento à Iemanjá por si só como um definidor de conteúdos mágicos, tem-se um total de 24 bilhetes, ou seja, a magia se manifesta em 30,38% dos bilhetes.

Figueirêa constatou, via entrevista, uma incidência maior, no momento do ciclo ritual, de pedidos de ordem religiosa, ao contrário, das paredes mudas -

eloquentes onde os devotos expressam sua fé e seus pedidos ao longo do ano, ocasião em que pedidos de emprego, estabilidade familiar, êxito no amor, estudo, saúde e outros sobressaem. Para explicar essa dicotomia, o autor utiliza-se da noção de ritual, período em que as preocupações ficam como que suspensas, esquecidas. No caso da Festa dos Navegantes, os bilhetes são coletados exatamente durante o ciclo ritual e evidenciam a presença de inúmeros pedidos como saúde, emprego, amor, etc. em um mesmo bilhete ou carta. Para os devotos de Nossa Senhora dos Navegantes, diferente dos fiéis de Nossa Senhora do Carmo, o momento certo de se fazer os pedidos é o do ritual, parece que dentro desse espaço-tempo a Santa tende a ouvi-los com mais atenção, pois apesar da sua imagem estar na igreja o ano inteiro, é durante a Festa dos Navegantes que o ver e o tocar a imagem da Santa e o solicitar-lhe graças ganha sentido e força, solicitações essas, feitas diretamente à Nossa Senhora, sem intermediários. O atendimento do pedido provavelmente se dará fora do ciclo ritual, mas a solicitação deve ser feita de preferência obedecendo ao tempo e espaço da celebração.

Tanto Monteiro como Figuerôa obtiveram seu material de campo ao longo dos anos, computando assim, um número significativo de bilhetes ou cartas. O material da Festa dos Navegantes foi coletado somente durante o ciclo ritual (até porque é só nesse período que ele surge), razão

pela qual o número de bilhetes ou cartas é bem inferior ao das outras duas pesquisas.

A noção de ritual como um tempo extraordinário se aplica à Festa de Nossa Senhora do Carmo e à Festa dos Navegantes. Na pesquisa de Figuerôa, a noção de ritual serve de justificativa, na medida em que para os recifenses a rotina consiste em escrever os pedidos nas paredes do santuário e o extraordinário se dá durante o tempo festivo, quando os problemas são momentaneamente postos de lado. Na pesquisa sobre a Festa dos Navegantes, o não fazer solicitações por escrito ao longo do ano constitui algo normal, o extraordinário acontece na época da celebração, que é quando os fiéis redigem bilhetes ou cartas pedindo graças.

CONCLUSÃO

A narrativa acerca da Festa dos Navegantes nos permite traçar uma série de teorizações.

A primeira delas diz respeito à sua transformação de uma manifestação de camadas elevadas e localizada em uma manifestação de camadas populares e regionalizada. Nos primórdios como se depreende a partir dos registros históricos, a festa tinha um cunho elitista. Tal conclusão deriva da observação de determinados hábitos culturais vigentes naquela época e que configuravam a presença em maior número de pessoas da classe dominante. Um dos indícios decodificador da festa enquanto símbolo das camadas superiores era a sua realização em um bairro considerado "chic", o Menino Deus, e que hoje, 1991, apresenta-se como sendo um bairro de classe média, distante a poucos minutos do centro da capital gaúcha. A realização de regatas em que tomavam parte sócios dos clubes existentes em Porto Alegre, bem como os ternos de jardineiras, além dos passeios venezianos oferecidos pelos clubes de regatas Barroso e Almirante Tamandaré, isto sem contar com os depoimentos sobre a festa registrados pelas pessoas mais idosas (ver Histórico), ratificam a tese defendida anteriormente.

Na medida em que o sincretismo religioso vai se tornando mais forte, com a Umbanda dividindo o espaço da festa realizada pelos católicos, começa a haver uma transformação e uma apropriação da festa por parte de

grupos dominados, especialmente, o dos negros. O branqueamento da religião "afro" pela classe média tornou o espaço ritual mais fluido, de tal sorte que, hoje, umbandistas, batuqueiros e católicos desfrutam do mesmo ritual para prestar homenagem à Santa das Águas, que tanto pode ser denominada de Nossa Senhora dos Navegantes como Iemanjá.

Dois outros fatores devem ser postos em cena, um deles é a presença do Estado enquanto colaborador na organização e divulgação do evento. No que tange à sua primeira tarefa, o Estado, em nível municipal, colabora em termos de segurança, limpeza pública, trânsito, saúde, etc., o que não deixa de ser uma forma de controle sobre o espaço ritual. Esta inserção se dá, ainda, pela presença da Capitania dos Portos normatizando as condições para que haja procissão fluvial e também pelo estabelecimento da ordem no tempo-espaço festivo via atuação dos policiais militares.

Quanto à divulgação, a Festa dos Navegantes integra o catálogo de eventos elaborado pela Companhia Riograndense de Turismo. O outro fator que vem contribuindo cada vez mais para a popularização dessa celebração é a mídia impressa e eletrônica. Ao ganhar as páginas dos jornais e o noticiário das televisões, este último muitas vezes sendo veiculado por todo o território nacional, a festa passou a ser vista pelos dominadores como um "locus"

de exercício do poder.

A questão do poder não passou despercebida pelos políticos que procuram aparecer nessas ocasiões com fito de ganharem apoio do eleitorado.

Ao granjear uma conotação popular, a Festa dos Navegantes enquadra-se dentro daquilo que Oliven (1986) postula:

"... a apropriação de expressões de outros grupos e sua recodificação e introdução num outro circuito no qual estes elementos são dotados de novo significado e, portanto, utilizados de forma a afetar o seu significado original" (p.62).

Aqui tem-se presente a circularidade da cultura, apontada em trabalhos realizados por outros pesquisadores, dentre eles Bakhtin (1987) e Ginsburg (1987), que apontaram para a influência recíproca existente entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante. Nesse sentido, é possível pensar-se que tanto a cultura popular como a erudita não possuem locus único, mas sim uma circularidade que faz com que aquilo que é produzido pelos dominados seja reapropriado pelos dominantes e vice-versa. De sorte que a Festa dos Navegantes que no início tinha um cunho elitista, marcado pela presença de pessoas da sociedade, com demonstrações culturais ao gosto deste público (para exemplificar tem-se as apresentações de handball pela primeira vez, em 1914, nos festejos), hoje, é um espaço

popular, onde os negros e os brancos das classes mais baixas evidenciam elementos de sua cultura, ou recorrem a símbolos da cultura dominante como forma de se aproximarem dessa classe social.

O entendimento de um popular sobre esta questão da festa, hoje, como um espaço dos grupos dominados, pode ser observado na transcrição abaixo:

"Que ninguém me tome por herege por essa minha falação. Cruz em credo pensar que tenha má intenção. Deus bem sabe o que vai na minha cachola, se o que sai da minha boca não mostra devoção. É que acho da maior presteza contar, aqui, que os heróis da festa dos Navegantes são gente do povo, não as autoridades que se emperiquitam perto do altar, fazendo discursos e mostrando curto fervor, em pose de santo, com o queixo no peito e as mãos cruzadas, grudadas de suor. Deus me perdoe se cometo pecado, mas digo que a festa é nossa, não é nem dos padres e bispos que se embonitam com os paramentos sagrados da Igreja e as latinezas que misturam às palavras que a gente entende, nas missas. A festa é nossa, do católico ao umbandista, que confunde Iemanjá com Nossa Senhora dos Navegantes, porque tudo é santidade das águas; das pessoas que pagam promessas, rasgando o joelho, a pele dos joelhos, na pedra do chão ou arriscando meter insolação num filho vestido de anjo no meio do calor, que sempre dana a procissão. É do pessoal que vem comer melancia e traz violão, depois adianta um ensaiozinho para o Carnaval ..." (Zeca-Hoca, 1982, p.24-5).

Esse depoimento feito por um popular deixa claro o conflito existente entre aqueles que detêm o poder institucional/legal, e o povo, o legítimo dono da festa, que arroga a si o direito de usufruí-la.

A transformação da Festa dos Navegantes é, muito provavelmente, responsável por sua longa existência, ao contrário do que se dá com o conjunto de manifestações equivalentes que por não apresentarem uma circularidade cultural tendem a desaparecer ou já desapareceram.

Quanto à questão da identidade gaúcha, pode-se pensar a comida servida na Festa dos Navegantes como um dos símbolos que aponta no sentido da construção desta identidade.

Cumprе destacar, ainda, sobre o ponto de vista religioso, aquilo que Halbwachs (1990) postulou a respeito do espaço:

"É sem dúvida uma necessidade de exercício da religião que faz com que, no santuário, algumas regiões se sobressaiam às outras porque o pensamento do grupo tem a necessidade de concentrar sobre certos pontos sua atenção, de ali projetar de alguma forma uma parte maior de sua substância e que, enquanto que para os padres, melhor informados das tradições, todos os detalhes desse arranjo interior têm sentido, quer dizer, correspondem a uma direção do pensamento religioso, no espírito da massa de fiéis predomina, em presença dessas imagens materiais, uma impressão de mistério" (p.156-7).

A igreja do Rosário, a igreja dos Navegantes, as ruas por onde a procissão passa, tudo isso envolve espaços que são apropriados pela memória religiosa dos fiéis segundo os sentimentos experienciados dentro daquela comunidade religiosa, a memória individual confunde-se e complementa-se

na memória coletiva.

A representação do tempo é percebida de maneira distinta pelos diversos grupos que participam da celebração. Aqueles que trabalham possuem uma percepção, os fiéis outra. A própria representação construída pelos religiosos detentores do poder define uma diferença entre o tempo da liturgia e o tempo do brincar, do namorar, enfim, do festar.

Os tempos e os espaços encontram-se demarcados de acordo com os grupos que compõem a massa humana que converge até o bairro Navegantes para participar da celebração, a despeito da divisão do tempo convencionalmente estabelecida em minutos, segundos e horas.

Uma outra teorização cabível tem a ver com os estudos de Da Matta (1983). Para o autor as procissões apresentam-se, verdadeiramente como capazes de neutralizarem as diferenças sociais sob a égide de um único símbolo. Tal postulado pôde ser reiterado mediante as observações empíricas na Festa dos Navegantes.

Porém, quanto às díades casa e rua, há que se reconhecer e concordar com as formulações elaboradas por Brandão (1989), quais sejam, a de que a casa e rua, ao contrário do que referenciou Da Matta, não se opõem, mas sim se complementam. Pois, ao longo do ciclo ritual há um constante entrar e sair de um domínio para o outro. No dizer de Brandão (1989):

"... pelo menos em muitos casos, um lugar e outro se complementam e há entre eles, vivida em seus atores de ambos os lados, uma intenção permanente de começar em um domínio e acabar noutro e fazer com que tudo o que se festeja oscile entre os dois domínios" (p.18).

O entrar e sair das pessoas da igreja dos Navegantes, das barracas, dos salões paroquiais e da casa paroquial reforça esta idéia.

Finalmente, é preciso que se reforce a exemplo de Geertz (1978), que a dimensão religiosa extrapola os limites da vida cotidiana "em direção a outras mais amplas, que as corrigem e complementam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre essas realidades mais amplas, mas sua aceitação, a fé nelas" (p.128).

O homem precisa alimentar a sua existência com mitos e ritos de modo que ela não venha a se tornar vazia e sem sentido. Se um mito cair por terra perdendo a eficácia, outro surgirá em seu lugar, o mesmo se dando com os ritos, pois ambos se constituem na essência da vida social.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto; um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém.* Petrópolis, Vozes, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.* São Paulo, Hucitec, 1987.
- BARTHES, Roland. *Mitologias.* São Paulo, DIFEL, 1985.
- BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva.* Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola; rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.* Petrópolis, Vozes, 1981.
- . *Memória do sagrado; estudos de religião e ritual.* São Paulo, Paulinas, 1985.
- . *A cultura na rua.* Campinas, Papirus, 1989.
- BROWN, Diana. O papel histórico da classe média na Umbanda, in *Religião e Sociedade*, nº 1, Rio de Janeiro, 1977, 31-42.
- COIMBRA, Maria Célia C. *Nossa Senhora Achikopita no Bexiga; uma festa do catolicismo popular na cidade de São Paulo.* Dissertação defendida em 1987, no Mestrado em Antropologia Social da USP, São Paulo.
- COX, Harvey. *A festa dos foliões; um estudo teológico sobre festividade e fantasia.* Petrópolis, Vozes, 1974.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis; para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- . *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1991.
- DAUDT, Sonia Terezinha e Zorzo, Jelda. *Relatório de Estágio para fins de Licenciatura em Teologia.* Porto Alegre, 1975, 128 p.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo.* São Paulo, Perspectiva, 1976.

- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano; a essência das religiões*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- Aspectos do mito. Lisboa, Edições 70, s.d.
- Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1986.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre; Guia histórico*. Porto Alegre, UFRGS, 1988.
- FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do Bom Jesus; uma introdução às religiões populares*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- FIGUEIRÔA, Tito. *A Brilhante Senhora dos muitos rostos e a Sua festa; contribuição ao estudo dos rituais urbanos, no Brasil*. Dissertação defendida em 28.10.87, no Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.
- FRY, Peter e HOWE, Gary. Duas respostas à aflição; Umbanda e Petencostalismo, in *Debate e Crítica*, nº 6, São Paulo, 1975, 75-94.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *Memória*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.
- LICHT, Henrique. *N. Sr.ª dos Navegantes; Porto Alegre, 1871-1989*. originais.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Esta no pedaço; cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Os pensadores*. São Paulo,

- Abril Cultural, 1978.
- MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. São Paulo, Atlas, 1982.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU, 1974, 2 V.
- MELATTI, Júlio Cezar. Ritos de uma tribo timbira. São Paulo, Ática, 1978.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira. A cura por correspondência, in *Religião e Sociedade*, nº 1, Rio de Janeiro, 1977, 61-79.
- MOORE, Sally F. e MYERHOFF, Barbara G. Secular ritual. Amsterdam, Van Gorcum, 1977.
- NEGRÃO, Lísias et alii. A religiosidade do povo. São Paulo, Paulinas, 1984.
- OLIVEN, Ruben George. Violência e cultura no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1986.
- ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro, in *Religião e Sociedade*, nº 1, Rio de Janeiro, 1977, 43-50.
- . A consciência fragmentada. *Cadernos do CERU*, n. 11, 1978.
- PRITCHARD, E. E. Evans. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. *Cadernos do CERU*, 2ª série, n. 1, 1985.
- . Carnaval brasileiro: da origem européia ao símbolo nacional. *Ciência e Cultura*, vol 39, n. 8, 1987.
- QUEIROZ, Renato da Silva. Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o Saci. São Paulo, Polis, 1987.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, Instituto Estadual do Livro; Caxias do Sul, Universidade de Caxias

- do Sul, 1979.
- TEIXEIRA, Sérgio Alves. Vestibular; ritual de passagem ou barreira ritualizada. *Ciência e Cultura*, 33(12): 1574-80, 1981.
- , *Rinhas de galo, legitimação e identificação*. Porto Alegre, Cadernos de estudo do curso de Pós-Graduação em Antropologia, UFRGS, 1987. 43 p. mimeo.
- , *Os recados das festas; representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual; estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- , *La selva de los símbolos*. Madrid, Siglo Veintiuno de España, 1980.
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus; um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- , *Carnaval e clientelismo político*, in *Cadernos do CERU*, 2ª série, n.1, 1985.

Revistas

Revista Batuque

Revista do Globo

Jornais

Correio do Povo

Zero Hora

Diário de Notícias